

no 36

Jan 1933

PEDANTISMO PEDAGOGICO

O pedantismo pedagogico grassa no Brasil de modo alarmante, em parte, de um mal que ataca toda a nossa civilização, na ingenua convicção de que nunca até hoje se soube educar crianças para a vida,— e, em parte, petulancia espontanea de “nouveaux-riches” que acabam de descobrir uma mina de novidades mirificas—o facto é que estamos padecendo de uma pedagogite aguda. E um dos symptomas typicos dessa molestia moderna é separar radicalmente a tarefa educativa da realidade social e sobretudo moral do nosso ambiente, ou seja, na sentença immortal do nosso ministro da Educação, preparar a criança para a escola, em vez de preparar a escola para a criança, como até hoje...

Ha pouco referia-nos um amigo uma conversa extremamente expressiva que tivera com dois luminares do nosso pedagogismo actual, os srs. Fernando Azevedo e Anizio Teixeira.

Occupando ambos cargos da maior responsabilidade nos destinos do nosso ensino publico, como directores, respectivamente, da Instrucção, em S. Paulo e no Rio,—perguntou-lhes esse nosso amigo em que qualidade se julgavam investidos dos poderes que desfrutam.

Respondeu-lhe sem hesitar o sr. Fernando Azevedo que não se considerava, de modo algum, como *mandatario* e sim como *technico*. Não tinha que submeter-se ou satisfazer aos direitos ou aos ideaes daquelles que representava nas suas funcções de director da Instrucção, e sim exercê-las segundo as exigencias da *technica pedagogica* moderna. Nada mais.

E o seu companheiro e amigo, director da Instrucção no Rio, não só apoiou integralmente a posição do sr. Fernando Azevedo, mas ainda explicitou uma de suas consequencias logicas, dizendo que julgava *technicamente pernicioso* a instrucção religiosa á infancia e nesses condições estava no *dever* de não a applicar.

Esse episodio, rigorosamente authenticico, revela com bastante eloquencia não só o mal de que estamos atacados, pela inclinação que a pedagogia burguesa vai soffrendo no mesmo sentido da pedagogia sovietica, — mas ainda as graves consequencias praticas a que arrastam os erros theoricos.

Considera, por exemplo, o sr. Fernando Azevedo, seguindo conscientemente ou inconscientemente uma ideologia muito semelhante á marxista, a *technica* como sendo a actividade reguladora de todos os actos humanos e a Nação como sendo uma realidade não só isolada do Estado, mas ainda constituindo apenas uma materia plastica que este póde modelar á sua vontade, sem o menor respeito ás suas exigencias proprias.

Esse duplo erro theorico leva o eminente director da Instrucção Publica paulista a confundir *technica pedagogica* com *philosophia da educação* e a erigir a primeira em regra e medida de todos os actos humanos em materia de educação da infancia. Dahi o seu desprezo absoluto aos direitos da realidade nacional e da consciencia daquelles sobre os quaes pretende exercer a sua tyrania technico-pedagogica.

E o arbitrio dessa tyrania se manifesta immediatamente, de modo pratico, na consequencia tirada e *applicada* pelo Sr. Anizio Teixeira, considerando a seu bel prazer *nefasta* a instrucção religiosa da infancia e deliberando, por conseguinte, impedir que um decreto do Governo Federal seja applicado em sua jurisdicção municipal!

Eis ahi a logica do erro em todo o seu rigor operativo. E como essa pretensão dos nossos pedagogos officiaes, de imporem um criterio technico que elles julgam *scientifico*, mas que vemos ser apenas materia de preferencia individual arbitraria, se estende facilmente aos que começam a ensaiar-se nesse terreno e crêm piamente nas palavras magicas de "technica pedagogica", "educação moderna", "pedagogia nova" etc. — não é de admirar que o joven director da instrucção do Estado do Rio de Janeiro, o sr. Celso Kelly, se deixe arrastar pelo mesmo estado de espirito.

Em recente entrevista começa por declarar o joven pedagogo, até ha pouco desconhecido como tal, que a educação deve ser norteada por uma "philosophia pragmatica", de modo a serem afastadas certas coisas que o joven entrevistado chama de "seducções essencialmente metaphysicas"... Como se vê, o deslumbramento que o pragmatismo de Dewey e da pedagogia norte-americana vêm produzindo em nosso meio continua a affirmar-se poderosamente. A finalidade da educação é apenas "a preparação profissional" para essa nova victima da pedagogite brasileira moderna.

A familia não é mais do que uma "cooperadora" na educação, sendo o Estado o educador "por excellencia". O absolutismo pedagogico completa o profissionalismo mechanico. "A familia completa a obra do Estado", nada mais.

E quanto ao ensino religioso, depois de repetir os logares communs mil vezes rebatidos de que não havendo unidade religiosa no povo não deve haver ensino religioso nas escolas publicas (é como se dissesse que não havendo uniformidade

de idades na população, não póde haver escolas communs para todas as idades, pelo temor da anarchia...), termina com essa sentença saborosissima de que “a religião é uma força estranha ás disciplinas da educação”!

Parece incrível, que se ouça isto da bocca de um director de instrucção publica, que não se declara, pelo menos abertamente, communista. Mas é precioso para se apreciar o effeito do modernismo pedagogico na mente dos nossos improvisados administradores. Com que displicencia se declara uma monstruosidade dessas, que contraria não só toda a experiencia educativa da humanidade, mas ainda os ensinamentos dos educadores mais *modernos*. Com que desdem absoluto pela consciencia alheia, pelos deveres do Estado, pelos direitos dos pais, pelo mais elementar bom senso, — se vem declarar que a religião nada tem que ver com a educação!

Eis o que produzem, na mente dos pedagogos, que agora se ensaiam, os erros de homens como o sr. Fernando Azevedo, que tinham a obrigação de meditar mais seriamente nas desastrosas consequencias de seus falsos postulados quanto á desorientação das novas gerações.

E a petulancia dessas é tal que esse mesmo pedagogo improvisado do Estado do Rio, lançando um olhar displicente para tudo o que no Brasil se fez em materia de educação declara:

“Nossa pequena tradição nada representa. A educação estava distanciada de sua verdadeira finalidade. Para attingirmos esta, tudo a fazer é novo (sic) ou pelo menos a tradição não se adapta”.

Como se vê o velho “*nous allons changer tout cela*” continua a embalar a candura dos novos chefes em cujas mãos caiu a nossa instrucção publica.

No Brasil nunca houve educação, nunca se soube ensinar, nunca se estudou nada, nem se instruiu ninguem. E só agora, com a chegada desses novos Cabraes a esta abandonada “terra dos papagaios”, vae começar o Brasil a gozar dos beneficios incalculaveis da “*technica*” pedagogica desses educadores que affirmam, com a toda a gravidade, que “a religião é uma força estranha ás disciplinas da educação”...

Que entenderão esses educadores “*en herbe*” por “disciplinas da educação”? Que idéa terão esses responsaveis pelos destinos da nossa infancia do que seja o pensamento religioso? Que quererão fazer do Brasil esses manejadores de *technicas* imitadas, de philosophias opportunistas, de laicismos sectarios, contra o ambiente moral da nossa terra, contra a consciencia profunda da nossa gente?

Eis as perguntas angustiadas que qualquer pae de bom senso faz a si mesmo, ao olhar, hoje em dia, a cabecinha loura dos seus filhos.

IMITAÇÃO DE MARIA

CONDE DE AFFONSO CELSO

Tratar da Cheia de Graça, da que, no dizer dos escriptores sacros, possuiu, em gráo supremo, todas as graças conhecidas nas creaturas, e mais infinitas graças, só a ella e a ninguém mais do que a elle conferidas; daquella que é a honra e a gloria do sexo feminino, como Christo é a honra e a gloria do masculino; daquella que, por sua dignidade de mãe de Deus, está immensamente superior a toda a criação, immediatamente abaixo de Deus, tão proxima de Deus, que sómente Deus a excede e domina; daquella, perante a qual o universo inteiro parece immenso thurybulo; tratar de Maria Immaculada — é tarefa acima das escassas faculdades humanas, inaccessible aos nossos imperfeitos meios de expressão.

Este embaraço, esta incapacidade para celebrar satisfactoriamente Maria, reconheceram-n'a os Santos Padres da Igreja, alguns dos quaes insignes poetas e emeritos manejadores da palavra falada e escripta.

“Ainda que todos os órgãos da nossa carne se transformassem em linguas intelligentes, — exclama o preclaro Santo Agostinho, que, entretanto, dissertou sobre o Mysterio da Trindade, — não poderíamos levantar condignamente esse louvor. Oh! Sobreexcede o mar a que trouxe em seu seio o Deus, que a criação inteira não póde abranger em seus limites!”

S. Bernardo declara: — “A vossa gloria é tão sublime, Senhora, que mesmo no céo nenhuma creatura se encontrará capaz de plenamente a descrever”.

Deplora Santo Anselmo: “Se o meu pensamento se acha abaixo de tal materia, como não me envergonharei da insufficiencia dos meus vocabulos?!”

E S. Pedro Damião reflexiona: “Como bastará o verbo perecível do homem, para falar da que proferiu o Verbo Eternal?!”

A propria Igreja que engendrou, para denominar o culto votado á Virgem, um termo especial — a hyperdulia, — culto inferior á latria, adoração devida a Deus, mas muito superior á dulia, consagrada aos santos, que dedica a esse

culto dois mezes de anno, o mez de Maria e o mez do Rosario, afora dezenas de festividades particulares; que nomeia os seus tres ultimos Summos Pontifices, por meio de designações tiradas deste culto, — Pio IX, o Papa da Immaculada; Leão XIII, o Papa do Rosario; Pio X, o Papa do Jubileu; a propria Igreja, tão poderosa e infallivel, lastima a escassez de seus elementos, no tocante a tamanho louvor. “Oh! Santa Immaculada Virgindade, brada a Igreja, não sei por meio de que encomios vos exaltar!”

Deficiente no assumpto mostra-se até a poesia, nos seus mais arrojados surtos. *Magistra bonorum poetarum*, mestra dos bons poetas, intitulavam outr’ora a Maria. Na realidade, conforme um commentador, ella é não só a fonte, o modelo vivo de toda a inspiração, mas a rainha da Poesia e da Arte, a propria mãe do Bello, do Bem e da Verdade, porque concebeu e produziu por obra o autor mesmo, o productor de todas as obras, o Bello em pessoa, no qual se contém integralmente os thesouros do ideal!

Demais, é a predestinada, de quem em textos sublimes se occuparam Moyses, David, Isaias, Salomão, todos os prophetas, e cuja imagem procuraram retratar Dante, Petrarca, Raphael, Murillo, Corregio, Ticiano; acerca da qual ha innumeradas summulas de grandezas, collecções de hymnos gregos, latinos, de todos os povos, de todas as edades, *Carmina Mariana*, *Parnazo Mariano*, *Marienliel*, podendo-se della affirmar o mesmo que de Jesus affirma S. João, ao concluir o seu Evangelho: “não caberiam no mundo os livros por ella inspirados”.

A devoção de Maria tomou tal extensão e magnitude que se tornou impossivel, mesmo perfunctoriamente, descrevel-a. De si propria ella disse, prevendo o futuro: “Bem-dita me hão de chamar todas as gerações; minha bemaventurança será proclamada de idade em idade!” E, na verdade, assim tem sido e será. Os seculos respondem uns aos outros, louvando Maria. E, no conceito de um santo, — *de Maria nunquam satis*, — nunca bastante a respeito de Maria!

Sem embargo da impossibilidade assignalada, não desanimam os panegyristas. “Apesar de tudo, não me calarei, diz um delles. Se a chamma do meu amor não accender no altar de Maria uma lampada resplandecente, fará ali brilhar pelo menos uma scintella”.

Consoante outro, se a ninguem é dado celebrar Maria, segundo os meritos de Maria, todos o pódem e devem emprehender, conforme os meios de que dispõem.

Além disso, clemente e piedosa, escuta ella os cantos que se traduzem em supplicas. Como seu Divino Filho, aprecia os obulos, menos pelo seu valor extrinseco do que pelo merito da intenção. E que importa a pequenez do trabalho se aquelle para quem foi effectuado se digna de benevolamente o aceitar?

Aos humildes e aos simples, preferindo-os aos poderosos, tem Maria concedido a graça da sua milagrosa aparição. Exemplo: Bernadette, de Lourdes. A certeza desta bondade calou na imaginação popular, determinando a formação de muitas lendas tocantes e significativas. Recordarei duas que, na sua singeleza, são intensamente características, expressando mais do que profusos discursos.

Era na idade media, na quadra de ardente fé, quando os fidalgos da Europa abandonavam os solares, para ir guerrear na Palestina, no intuito de arrancar de mãos infieis o tumulto do Redemptor.

Havia um cavalleiro que dos mais se distinguia por seu sincero e fervoroso culto á Virgem Santissima. Dia e noite, lhe dirigia apaixonadas preces; dissereis que votara a Maria o melhor da sua existencia. Caminhava elle, de uma feita, para grande cidade, onde ia tomar parte em um torneio. Pela primeira vez, entraria em liça. Sabia que concorreriam campeões esforçados, muito superiores a si em robustez, destreza e manejo de armas. Receiava, por isso, não justar com honra, ser rechassado na arena, tornando-se alvo do publico menosprezo. Augmentava-lhe a angustia a convicção de que estaria presente a dama de seus pensamentos, aquella cujas cores elle arvorava. Não sobreviveria de certo, ao vilipendio do revez, sob os olhos da amada.

Cavalgava o cavalleiro por entre um bosque, quando, de subito, um altar se lhe deparou na vereda, encimado pela imagem da Virgem. Immediatamente, desceu do cavallo, amarrou o animal a uma arvore e entregou-se á sua habitual devoção. Com vehemencia, implorava soccorro de Maria, para galhardamente sahir-se do jogo guerreiro. De tão accessa, perturbou-lhe a oração os sentidos, e o cavalleiro cahiu em uma especie de extase. Quedou longamente, como adormecido, aos pés do altar.

Maria, entretanto, deferira a prece do seu zeloso servidor. Baixando da ara, desafivelou-lhe o elmo, a couraça, a espada, sem que elle o percebesse; vestiu-se dessas armas, baixou a vizeira, tomou o corcel, e partiu.

Decorreu largo trato de tempo. Maria voltou; repoz a armadura no dormente, e retomou a antiga posição no nicho. O cavalleiro despertou. Levantou-se; fez ainda profunda genuflexão á imagem e correu á cidade. Desde as portas, acolheu-o entusiastica ovação. Nas paliçadas da arena, cercavam-no amigos e conhecidos, felicitando-o. Reconheceu assombrado que sobrepujara, na liça recém finda, todos os rivaes: iam conferir-lhe o primeiro premio. A principio, recusava-se o cavalleiro a acreditar nos proprios sentidos; mas uma voz interior lhe desvendou o mysterio, e elle comprehendeu como alcançara victoria, quem combatera em seu lugar. Tornou-se, em breve, o feliz esposo de

sua enamorada. Elevou vasta e esplendida capella á Virgem Santissima. Viveu dilatados annos, achando sempre felicidade na veneração da sua Protectora.

A outra historia é talvez ainda mais significativa. Acredito que vos não enfadará a narração.

Era uma imagem da Virgem da Gloria, das que trazem no braço o menino Jesus. Muito milagrosa. Em um dia de grande festa, acorreu gente de toda a parte, e cada qual se esmerava em offerecer á Santa as cousas mais delicadas e preciosas: ouro, prata, incenso e flores. Ora, na assistencia se achava um misero pelotiqueiro, saltibamco, funambulo, pauperrimo, mas de alma simples, chã, devoto de Maria. Vendo as offerendas de todos, affligia-se por nada poder dar. Nunca a sua penuria lhe pesara tanto e lhe parecera tão insupportavel. De repente, occorreu-lhe uma idéa: eu tenho as minhas sortes, os meus jogos; quem sabe se o dedicando, do fundo do coração, a Nossa Senhora, ella, tão clemente, os não acceitará?!... E, fendendo a multidão, que o repellia, acercou-se do altar, conseguiu estender um tapete no chão defronte do nicho, e começou as suas acrobacias, gymnasticas, peloticas... Um escandalo! Prorompeu a turba em assuadas, tentando expulsa-lo, gritando: "Falta de respeito, profanação!" Mas elle insistia, respondendo: "Deixa-me! Ella sabe a minha intenção! Se não é por ella, é pelo menino que ella carrega ao collo. E' criança... Talvez aprecie..."

Tanto insistiu, que consentiram. O pelotiqueiro fez o que de mais fino contava o seu repertorio. E viu-se um milagre. A imagem do menino Deus animou-se, nos braços da mãe. Interessava-se, sorria, prestes a applaudir. Então, perante a assistencia assombrada, o pelotiqueiro redobrou de ardor, de entusiasmo, empregando o maximo esforço de que era capaz. De tal geito se empenhou em merecer, em justificar o applauso do celeste infante, que afinal, tombou por terra, exausto, desfallecido, o rosto banhado de suor, sem que ninguem se animasse a soccorre-lo.

E viu-se, nesse momento, um milagre ainda maior. A Virgem Mãe, emquanto seu divino filho continuava sorrindo, prestes a applaudir, a Virgem Mãe sorriu igualmente, moveu-se, desceu lentamente do altar, caminhou, e, docemente, piedosamente, cheia de infinita graça feminina, aproximou-se do pelotiqueiro, estendeu-lhe a mão para que se elle erguesse, e, com a ponta do manto estrellado, enxugou-lhe o suor da pobre fronte. Em seguida, volveu ao altar, onde se immobilizou, depois de Jesus a haver fitado, com ineffavel signal de cariciosa approvação.

A lição encerrada nestes dois productos da imaginação popular, no fundo dos quaes, como no geral dos congeneres, lampejam reflexos de verdade e justiça, é facil de aprehen-

der: a Virgem combate o bom combate, em logar daquelles que de coração a invocavam; acolhe benigna quaesquer dadas, repulsadas, embora, em razão, da sua humildade, pelo mundo, uma fez feitas com puro intento, com o fim de agradar a Jesus. Como é exacta a exclamação de um justo: “E’ impossivel, Virgem Santissima, que pereça quem para vós se volte e aquelle sobre quem baixeis os vossos olhos!”

Ha uma cousa melhor do que enaltecer as grandezas de Maria: é buscar seguir os seus exemplos; uma cousa superior a endereçar-lhe preces: é procurar inspiração nas suas qualidades.

Existe uma *Imitação de Christo*, livro extraordinario, que depara conselho, advertencia, consolação, lenitivo a quaesquer emergencias da vida. Porque não uma *Imitação de Maria*? Modelo de todas as virtudes, tudo nella é digno de copia, pois possuiu os dons supremos da intelligencia e da vontade. Sua vida, do começo ao fim, constitue brilhante doutrina para quem quer que seja.

As Escripturas são sobrias de pormenores sobre essa existencia. Referem-se a ella em textos concisos e destacados. Mas são sufficientes semelhantes textos, porque estão redigidos com phrases plenas da claridade, de substancia e de força, ao mesmo tempo simples, de modo a satisfazerem a gente pouco instruida, e profundas, de geito a provocarem a constante meditação dos doutos. Depois, chamando Maria — mãe de Jesus, isto é, mãe de Deus, têm dito os textos tudo quanto podiam dizer.

Das immensas, das incomparaveis virtudes de Maria destacarei as que mais facilmente devem ser imitadas. Nada de novo enunciarei. Reproduzirei apenas o que expendem os escriptos orthodoxos.

A primeira de taes virtudes é a modestia, ou, antes, a humildade. Maria, por um lado, descendia de reis, vinha de David. Por outro lado, tinha nas veias sangue de Aarão, Summo Sacerdote.

Filha de Joaquim, homem pio, puro, caritativo, e de Anna, mulher irreprehensivel, Maria, cuidadosamente educada, consagra-se, desde a infancia, ao Senhor, manifestando sempre candura, timidez e pudor inexcediveis.

Vêde-a na scena da Annuniação, o mais bello facto até então occorrido na terra, no pensar de um tratadista. Não havia muito, completara ella 15 annos; dous mezes antes desposara mysticamente José; achava-se á meia noite, em seu aposento, sozinha, rezando, quando lhe apparece o Anjo Gabriel, a força de Deus. O Anjo lhe diz:

“Deus te salve, cheia de graça: o Senhor é comtigo; benta és tu entre as mulheres”. Ella, como o ouviu, relata o Evangelho, turbou-se do seu fallar, e discorria pensativa que saudação seria essa. Mas não emite uma observação,

traduzindo curiosidade, inquietação, espanto. O anjo acrescenta: "Nada temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus". E communica-lhe o *Mysterio* da Encarnação, as grandezas e as glórias de seu futuro Filho, cujo reino não terá fim. Ella apenas allega a sua virgindade. O anjo explica que o Espirito Santo descera sobre ella, porque a Deus nada é impossivel. Maria responde simplesmente: "Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra".

Não preciso realçar a commovedora modestia da attitude de Maria. É uma menina, a quem um anjo apparece e a quem denomina cheia de graça, bem dita entre as mulheres; a quem um anjo declara que o Espirito Santo descera sobre ella e a virtude do Altissimo a cobrirá da sua sombra; a quem um anjo participa que della nascerá o filho de Deus, successor eternal de David, na casa de Jacob... E essa menina, perante o successo estupendo de um anjo saudar uma mulher, quando até ahi competia ás mulheres saudar os anjos; e essa menina, diante de revelações tão assombrosas, turba-se um instante, fica pensativa um segundo, e murmura apenas: "Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim, segundo a tua palavra". Onde maior singularidade, reserva, submissão?

Turbou-se, é certo, porém não como Zacarias, quando o mesmo Anjo Gabriel lhe noticiou o nascimento de S. João Baptista. Zacarias, segundo o Evangelista, ficou todo turbado, e grande foi o temor que o assaltou. Christo tambem turbou-se tres vezes, no correr do Novo Testamento. Turbou-se, ao resuscitar Lazaro, e ahi até chorou; turbou-se, ao predizer a trahição de Judas; turbou-se, no Horto das Oliveiras, quando sua alma se entristeceu até á morte, e elle suando sangue de agonia, supplicou: "Pae meu, traspassa de mim este calice, porém não se faça o que eu quero, sinão o que tu queres!" A Virgem Santissima turbou-se aquella unica vez, um instante, volvendo logo á serenidade habitual de seus actos. E proferiu, sem vacillar, o sublime — *Fiat* — acquiescendo á obra da Encarnação, indispensavel á salvação do mundo.

Á modestia, a humildade de Maria patentearam-se de novo, na visita á sua prima Isabel, logo depois da concepção. Isabel, a mãe do Precursor, a primeira creatura humana que reconheceu Christo e o adorou antes d'elle nascer; Isabel, mal avista Maria, solta estas vozes: "Benta és tu entre as mulheres, e bento é o fruto do teu ventre. E, de onde, a mim, esta dita, que venha visitar-me a que é Mãe do meu Senhor? E bemaventurada tu que creste, porque se hão cumprir as cousas, que da parte do Senhor te foram ditas".

Que responde Maria a estas apostrophes glorificadoras? Então o cantico da *Magnificat*, poesia sublime, que a Igre-

ja repete quotidianamente, na qual engrandece o Senhor, por elle ter posto os olhos na baixeza de sua escrava (de sua escrava ! ella, que já trazia no seio o filho de Deus, o proprio Deus !); reconhece que a hão de chamar bemaventurada todas as gerações, por lhe ter feito grandes cousas o Poderoso, mas relembra que esse Poderoso dissipou os que no fundo de seu coração formavam altivos pensamentos, depoz do throno os poderosos, elevou os humildes, encheu de bens os que tinham fome, despediu vazios os que eram ricos!..

A modesta, a humildade de Maria affirmam-se ainda por occasião do nascimento de Jesus. A jovem princeza, a descendente de Aarão e David, vae a Belém, em cumprimento da ordem do governo romano. E deu á luz o Menino Deus, e o enfachou, e o reclinou em uma mangedoura, porque não havia logar para elles na estalagem.

Nada reclama, não se queixa, conforma-se com a immercida indigencia. Que não diria, que não faria outra mulher, naquellas condições ?

A segunda virtude a imitar em Maria, virtude filha da primeira é a obediencia.

A desobediencia de Eva, acarretando a de Adão, foi a causa da nossa queda. Desobedecer — eis o peccado inicial praticado na terra. Conheci em França um velho deputado, maire, havia mais de 40 annos, de sua cidade natal. Como maire, incumbia-lhe presidir á cerimonia do casamento civil. “Tenho celebrado, contou-me elle, cerca de 6.000 casamentos. Sou obrigado a ler aos nubentes um artigo do Codigo que entre outras prescripções, estatue deverem as mulheres obediencia a seus maridos.

Pois bem ! Entre as 6.000 noivas que passaram por mim, muitas timidas, muitas chorosas, muitas apaixonadas, todas commovidas, nenhuma vi que, ouvindo a determinação de obediencia ao marido, não levantasse de leve a cabeça, com rapido sorriso de ironia e desafio”.

Maria era em extremo obediente. Obediente á lei romana, acompanha o esposo a Belém, nos ultimos dias da gravidez, para se inscrever no recenseamento ordenado. Obediente á lei mosaica, apresenta Jesus recém-nascido ao Templo, submete-o á Circumcisão, vae purificar-se, quarenta dias após o parto, ella, a mais pura das creaturas. Obediente ao marido, acompanha-o ao Egypto, volta com elle a Nazareth. A José apparecera em sonhos um anjo, que lhe disse: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e foge para o Egypto, e fica-te lá, até que eu te avise”. José levantou-se, tomou, de noite, o menino e sua mãe, e retirou-se para o Egypto, onde ficou até á morte de Herodes, regressando, quando o mesmo anjo ordenou que o fizesse. José obedeceu ao anjo, porém Maria obedeceu a José promptamente, ielmente, sem lhe exigir explicações, nada objectando, dei-

xando, altas horas, a sua casa, carregando para o exilio seu filho pequenino. E volta á terra de Israel, de identico modo, submissamente, apenas o chefe de familia o determina!...

A terceira virtude a imitar em Maria é a sua fé. Revela-se-lhe a fé em numerosas occasiões. Jamais duvidou, jamais hesitou. Quando um anjo annunciou a Abrahão que Sara, sua velha mulher, conceberia, Sara, que escutava atraz de uma porta, poz-se a rir, toda incredulidade; quando Eliseu prophetizou á Sunamites, que ella conceberia, tambem a Sunamites duvidou; o mesmo succedeu a Zacarias, que não deu credito ás palavras de Gabriel, pelo que ficou mudo até depois do nascimento de S. João Baptista. Maria, não. Tem fé, desde logo, na annunciação angelica, maravilha maior que as precedentes. Por isso, Isabel lhe falou: "Bemaventurada tu que crêste, porque se hão de cumprir as cousas que da parte do Senhor te forem ditas!"

Em Maria, a fé sempre se manifesta prompta e firme. Nas bodas de Caná de Galiléa, falta vinho aos convivas. Maria, constantemente bondosa, diz a Jesus: "Elles não têm vinho". Jesus responde: "Mulher, que me vae a mim e a ti nisto? Ainda não é chegada a minha hora". Ella, a eterna mediadora, não desanima com a repulsa. Confiando na efficacia da sua prece, certa de que, por fim, seria deferida, diz aos que serviam: "Fazei tudo o que elle vos dizer". E Jesus attende á sua mãe, e a agua se transforma em vinho. "Por este milagre, deu Jesus principio aos seus em Caná de Galiléa: e assim fez que se conhecesse a sua gloria, e seus discipulos crêram nelle".

"Fazei tudo o que elle vos disser..." Que fé no poder de seu filho! "Fazei tudo o que elle vos disser" — isto é, observai os mandamentos, amai-vos uns aos outros e a Deus sobre todas as cousas: eis a synthese da verdadeira religião. Maria sempre assim acreditou em Jesus. Parentes e amigos deste o negavam. Outros o consideravam um eminente espirito, porém não o filho de Deus. Dahi o elle notar: "Ninguem é propheta em sua terra". Maria nutriu a certeza absoluta, sem provas, independente das provas, na qual consiste genuina fé. "Fazei tudo o que elle vos disser". Eis o seu invariavel modo de pensar e de proceder, convicta de que era essa a verdade unica, — e o é.

Quarta virtude a imitar em Maria, — a doçura. Na lindissima antiphona, attribuida em parte a S. Bernardo, a Salve Rainha, Maria é intitulada — vida, doçura, esperança, e, em seguida, clemente, piedosa, doce... Doçura e doce... A sua vida justifica amplamente taes epithetos. O Evangelista nos representa Maria conservando todas as cousas referentes a Christo e conferindo, lá no fundo de seu coração, umas com as outras. Esta phrase dá a idéa de um ente dulcissimo, repassado de indizível meiguice e sua-

vidade. “Bemaventurados os mansos, porque elles possuirão a terra”, — proclama Jesus, no sermão da Montanha. E elle proprio foi o prototypo da mansidão, o cordeiro de Deus, que tirou os peccados do mundo. Christo, entretanto, em varios lances, nos apparece inflammado da colera que, não raro, é a indignação da Justiça. Eil-o reprehendendo e ameaçando as cidades que se não haviam convertido aos seus milagres; eil-o convencendo de calumnia os phariseus, cujos vicios invectiva; eil-o amaldiçoando a figueira infructifera; eil-o censurando a ambição dos dous apóstolos, Thiago e João; eil-o lavrando a terrivel condemnação de Judas: “Melhor fôra que esse homem não houvera nascido!” eil-o azorragando e expulsando os vendilhões do templo...

Em Maria, nunca uma palavra de desapprovação, nunca um gesto de impaciencia. Já vimos como procedeu nas bodas de Caná, ante a recusa de Christo. Indo procural-o em Cafarnaúm, e não podendo entrar na Synagoga, por causa da muita gente, mandou chamal-o. Avisam a Jesus: “Ahi estão chegados de Nazareth tua mãe e teus irmãos, que te querem ver”. Jesus responde: “Quem é minha mãe? Quem são meus irmãos? Meus verdadeiros parentes são os que fazem a vontade de Deus”.

Quiz dest’arte Jesus, segundo a Igreja, mostrar a essencia espiritual da sua missão e a subordinação, em sua pessoa, da natureza humana á divina: quiz, tambem, estabelecer a regra dos prelados e pastores para com a familia; quiz revelar-se desapegado dos laços corporaes, prezando, acima de tudo, a affinidade interior, sem dependencia de grãos de parentesco ou de sexo.

José, havendo Maria concebido por obra do Espirito Santo, resolveu, para não a infamar, abandonal-a secretamente. Jesus, aos 12 annos, deixa-se ficar em Jerusalém, sem que os paes, que partiam, nisso advertissem. Não o encontrando, em caminho, voltaram atraz, em busca e o acharam sentado no Templo, no meio dos doutores, pasmando a todos com a sua intelligencia e as suas respostas. Quantos o viam o admiravam. E sua mãe lhe disse: “Filho, porque usaste assim comnosco? Sabe que teu pae e eu (teu pae e eu, — reparae na delicadeza de Maria, dando precedencia a José), sabe que teu pae e eu te andavamos buscando, cheios de afflicção”.

Jesus respondeu: “Porque me buscaveis? Não sabieis que importa occupar-me nas cousas que são do serviço de meu Pae?”

Elles não entenderam a palavra de Jesus, — registra o Evangelho.

Mas, Maria não replica. Neste, como nos outros episodios recordados, é de inexcedivel mansuetude e dulçor. Não insiste, não se lamenta, não teima... Branda,

affavel, benigna, diffunde a melindrosa ternura de consoladora dos afflictos, a serena claridade de estrella matutina, o delicado perfume de rosa mystica.

Equiparavel á sua doçura só a sua paciencia e resignação no soffrimento. Porque Maria soffre quasi sem intervallo. Começa, soffrendo os abalos da concepção. Soffre com a indifferença e inquietação de José que, parece, vae lhe retirar a estima e a confiança.

E ainda aqui se evidenciam a nobreza e a dignidade, oriundas da pureza da consciencia de Maria. Não se defende, não desce a explicações, até que um anjo destróe as suspeitas do esposo, desvendando-lhe a realidade do occorrido. Chegando a Belém, no extremo prazo da gravidez, soffre os desdens da população, que lhe fecha as portas, não lhe offerecendo um abrigo. Soffre, vendo seu filho nascer em um estabulo, sobre a terra nua, sem meio de o agasalhar cariciosamente. Soffre com o temor de ser a criancinha immolada aos furores receiosos de Herodes. Soffre com as durezas e humilhações do exilio no Egypto, onde consideravam os estrangeiros, pouco menos que inimigos. O velho Simeão, na apresentação ao Templo, embora lhe descortine que Jesus será a luz das nações, prenuncia que um gladio de dôr lhe atravessará o coração. Soffre as privações, ella, a mimosa, princeza, de apertada e obscura existencia de operarios, sempre a amargurar-lhe a imaginação a perspectiva dos padecimentos do filho.

Attinge Jesus 30 annos. Inicia-se a sua vida publica. Maria, ininterruptamente razoavel e discreta, não o retém, não reclama egoisticamente o seu affecto, não lhe cria embaraços, provenientes, muitas occasiões, de excessos de amor. Soffre as saudades da separação, pois, entregue ao apostolado, raras vezes, dahi em diante, Jesus se encontra com a mãe. Soffre a perda de José. Soffre com as intrigas, com os embustes, com as ameaças dos phariseus e escribas, que assaltam o Mestre, apenas elle enceta suas predicas, e tentam apedrejal-o, matal-o, dar-lhe a sorte de S. João Baptista, perseguindo-o, a ponto de o constrangerem mais de uma vez a fugir. Maria não intervem, acompanha-o de longe, na penumbra, para o não distrahir e perturbar na sua missão. Quantos alarmes para um coração maternal!

Emquanto, não obstante os perigos, Jesus andava fazendo milagres, cercado de amor, quando multidões accorriam para vel-o, entoando louvores, proclamando-o Christo, o Messias, enviado do céo, filho de David, o Rei, ha tanto tempo anciosamente esperado, sua mãe fugia aos olhos da turba, não estava quasi com elle. Mas, começa a paixão. Jesus é abandonado de todos, até dos discipulos. Um delles o trahe; outro, o designado para chefe da Igreja, o renega tres vezes. Desdenhado, julgado o ultimo, o mais cri-

minoso dos homens, inferior a Barrabás, ultrajado pelo povo, pouco antes acclamador, carregado das iniquidades do mundo, começa a paixão de Christo e começa também para Maria a compaixão, — termo inventado pela Igreja para expressar as dôres por Maria soffridas, dôres taes que conferiram o titulo de Mãe das Dôres, de Rainha dos Martyres, a quem já era Rainha das Virgens, Rainha dos Prophetas, Rainha de todos os Santos.

Lêde Ventura de Raulica. Pilatos condemna Jesus innocente. S. João Evangelista vae chamar Maria, S. João Evangelista, o unico discipulo que acompanhou Jesus Christo ao Calvario, pelo que Jesus generosamente o recompensou, legando-lhe este thesouro — Maria. Maria, a par das outras mulheres heroicas que vão chorando atraz de Jesus e uma das quaes enxuga a face sanguinolenta do martyr, Maria, então com cincoenta annos, provada pelo soffrimento, não mais deixa, na dolorosissima via, o funebre cortejo. Após a porta judiciaria, ouve os sarcasmos, as blasphemias da vil populaça e dos soldados brutaes. Vê Jesus coroado de espinhos, o rosto cuspidado, escorrendo sangue. Vê arrancarem-lhe as vestes pregadas ás feridas da flagellação, o que produz novas feridas. Vê os carrascos trazerem os aprestos do martyrio. Vê Jesus desfigurado, arquejante, ao peso da cruz, subindo a custo a dura ladeira, cahindo exausto tres vezes. Attingem o topo do sinistro outeiro glorioso. Estendem Jesus sobre o madeiro, aprestam o martello e os pregos que lhe vão varar as mãos e os pés. Maria vê tudo isso: ouve as horriveis martelladas, entrecortadas de gemidos. Vê erguerem a cruz, donde Christo pende, ladeado de dous ladrões, dos quaes um o insulta. Vê jogarem-lhe aos dados a tunica inconsutil. Vê esfregarem-lhe nos labios a esponja com fel e vinagre. Vê o seu longo padecimento. Ouve o seu brado de angustia: "Meu Pae, meu Pae, porque me desamparaste!" Vê-o expirar. Vê, depois de elle morto, profanarem-lhe o cadaver, fincarem-lhe uma lança no flanco, donde sangue e agua extravasam.

E tem forças aquella debil mulher de 50 annos, provada pelo soffrimento, para assistir a todo o tremendo espectáculo, exposta a todos os olhares e a todas as iras, immovel em silencio, de pé, junto á cruz!

Segundo antiga tradição, Maria, no excesso do soffrimento, tombara semi-morta nos braços de Magdalena. Construiu-se mesmo uma egreja, perto do Golgotha — Santa Maria de Espasmo, para commemorar o incidente, de que a pintura e a esculptura largamente se aproveitaram.

Porém, não! Maria não conheceu essa fraqueza. Ha uma mulher de joelhos, soluçando, desgrenhada, aos pés de Christo moribundo. E' Magdalena. Cabe a Magdalena semelhante postura de desolação. E' a simples discipula

a peccadora arrependida. A mãe de Christo, diz o Evangelho, estava, sem chorar sequer, de pé, junto á cruz. *Stabat mater ejus juxta crucem...* A mãe de Deus conservava-se de pé, com a dignidade, com a elevação condignas da mãe de Deus, com immensa resignação no meio de immensa dor, revelando firmeza, coragem, heroismo jamais desmentidos, offerecendo a Deus o sacrificio de seu filho, consentindo magnanimamente, abnegadamente, nesse sacrificio, porque tal era a vontade do Senhor.

Maria experimenta martyrios que os maiores martyres não experimentaram. Vê tudo aquillo, e consente, e approva, pois sabe que das feridas abertas e do precioso sangue vertido vae brotar a salvação do mundo. Se Christo morre como Deus, Maria assiste á morte de Christo como a mãe de Deus, devia assistir. Essa attitude intrepida, grandiosa, sublime, grangeou-lhe direito ao titulo de corredeptora do genero humano. Conforme Santo Agostinho, conjunctamente com Christo, Maria foi pregada á cruz:—duas victimas no mesmo altar, duas hostias no mesmo sacrificio. Partilhou a morte de Christo e não morreu, — supplicio mais atroz talvez que o da morte! soffrer todas as dôres da morte e, não morrer!

Não morreu; sobreviveu doze annos a Jesus, porque este não quiz ficasse totalmente orphã a sua Igreja. Deixou-lhe Maria, a quem incumbiu de fecunda missão. Da mesma fôrma que amamentara Jesus menino, Maria nutriu a Igreja incipiente com o leite mysterioso do seu amor; velou por ella, cercou-a de carinhos, guiou-lhe e amparou-lhe os primeiros passos, viu-a, como a Christo outr'ora, crescer em annos, sabedoria e graça, perante os homens e o Senhor. Véra mãe da Igreja, como fôra véra mãe de Jesus, congregou os apóstolos, consolou-os, animou-os, aconselhou-os, dirigiu-os. Fez-lhes, sobretudo, revelações de cousas que só ella podia saber, pois morto se achava José, morto os paes de João Baptista. Narrou-lhes factos que ella unica-tada perda, ou tão assignalado triumpho. Morto Azevedo, não puderam os hereges arrebatá-lhe das mãos o retrato da Virgem. Arrojado ao mar, o cadaver estendeu os braços, collocando-os na postura de um crucificado, sem largar a sagrada pintura. Os piratas içaram o corpo a bordo, amar-raram-lhe os membros, arrancando-o á força da para elles odiosa posição, e tornaram a arremessá-lo ás ondas. Então, erguendo-se elle direito sobre as aguas, estirou de novo os braços da mesma forma, segurando a estampa, á guiza de estandarte, e assim permaneceu, até que a frota herege se perdeu no horizonte, vendo-o, afinal, os prisioneiros afundir-se a pique. Mais tarde, passando um navio catholico pelo logar do martyrio, tornou a subir o cadaver de identico geito, poz o retrato a bordo, e volveu a mergulhar-se. O

retrato, com os dedos ensanguentados de Azevedo nelle impressos, mostravam-no em São Salvador os jesuitas á veneração dos fieis.

Quasi um seculo depois, em 1645, aconteceu o segundo facto, durante a epopéa da guerra hollandeza, — essa nova Illiada, na phrase de um chronista, com a differença de que a guerra de Troia se prolongou por dez annos e a contra a usurpação neerlandeza por trinta. “Não ha lembrança, (escreve dessa campanha notavel estylista) nos archivos da memoria humana, de outra luta travada em analogas condições, luta que por si só nobilitaria, pela sua perseverança e denodo, a historia de um povo”. No Monte dos Tabocos, arcavam bandos brasileiros mal apparelhados contra tropas inimigas regulares, disciplinadas, superiores em numero e armamento. Varios padres combatiam com o crucifixo em uma das mãos e a espada na outra, absolvendo os moribundos, ouvindo de confissão os que o pediam, e, ao mesmo tempo, rebatendo os hereges usurpadores. Tão escassas as munições dos brasileiros, que fabricavam balas com os pratos de estanho nos quaes comiam. Já noite, preparavam-se os hollandezes para a derradeira investida decisiva, que lhes assegurasse a victoria.

Assediado, quasi perdido, teve João Fernandes Vieira, o commandante dos brasileiros, uma inspiração: tira o chapéo, entôa a Salve Rainha. Respondem as tropas em côro, e, levantando louvores á Virgem, aguardam os assaltantes.

Arremettem estes frementes; mas breve o cantico religioso se transmuda em clamor triumphal. O herege, o invasor, a despeito de desesperados esforços, é repellido, volta a carga, recúa em debandada, foge destroçado, completamente batido!

Affirmavam os proprios hollandezes haverem visto, no ardor do combate, uma mulher de brilhante formosura, vestida de branco e azul celeste, trazendo nos braços encantador menino e tendo ao lado venerando velho, com habito de ermitão. A mulher, o ermitão e o menino distribuiram polvora e balas aos brasileiros, e cegavam, ao mesmo passo, de tal forma, os contrarios, que elles arrojavam as armas, e não podendo encarar a visão, disparavam para traz, a correr. A mulher era a Virgem Santissima, invocada pelos brasileiros, no momento de angustia; o ermitão, Santo Antonio, cuja capella os herejes tinham profanado, quebrando-lhe a imagem.

De ambos estes factos deduz-se luminoso ensinamento. Demonstram elles que a figura de Maria sobrenada sempre, não afunda jamais, trucidados embora os seus proselytos; que não se attenta impunemente contra cousas santas, e que a Mãe de Jesus acóde a secundar com

energia os que combatem por Deus, pela Patria, e pela liberdade!

Na bella e eloquente encyclica de 2 de Fevereiro de 1903, na qual o Summo Pontifice Pio X commemora o jubileu do Dogma da Immaculada Conceição, deplora Sua Santidade os calamitosos tempos actuaes, em que se aggride com raiva, com frenesi, a Jesus Christo e á Igreja por elle fundada. Epoca funesta, semelhante á descripta pelo propheta, em que não ha mais verdade, nem misericordia, nem sciencia de Deus sobre a terra !..

Na realidade, alaga-nos um diluvio de males.

Estamos em vespera de acerbos porfias. Não esmoreçamos. Como doutrina Pio X, é mister que as herecias e as perseguições se produzam, para que se manifestem as almas de fé experimentada. Nada receiemos. Invoquemos Maria. Ella será "o arco-iris daquelle diluvio, o arbitro da paz entre Deus e os homens". Invoquemos Maria, invoquemol-a como Christo preceitúa, não com os labios, mas com o coração; não somente com apparencias de piedade, porém com genuino fervor.

A antiga serpente póde levantar a horrivel cabeça. Não nos assustará. Maria, ainda uma vez, esmagará a horrivel cabeça da antiga serpente sob o seu pé virginal!

A PSEUDO-CULTURA MODERNA

UBYRATAN-LUIS VALMONT

Who that desires to retain any of form could struggle through the monstrous multitudinous books that the world has produced, books in which thought stammers or ignorance brauls?

(Wilde — INTENTIONS — *The critic as artist*)

Qualquer estudante de curso elementar não ignora que para se obter alguns milligrammos de saes impuros de radio é necessario trabalhar muitos milhares de kilogrammos de minerios. A razão entre a massa acabrunhadora dos livros produzidos ou fabricados e o que nelles ha de realmente bello, de verdadeiro, de essencial, é ainda muitissimo menor.

Nada mais raro em um homem do que algo que seja realmente delle, que se possa classificar de original. A idéa do gramophone com seus discos deve ter occorrido ao inventor da observação da vida humana quotidiana. Ninguem se procura observar, escutar o que esta dizendo, contemplar o que faz, meditar sobre o que occupa sua mente. A vida normal, em todos os campos da actividade social, é uma repetição enfadonha, automatica, cega, de suggestões recebidas ao acaso: palestras despreziveis, jornaes repugnantes, livros escandalosos ou de nenhum valor, cursos ministrados por charlatães diplomados e cathedraticos.

Quem se der ao trabalho de analysar os conceitos de uma personalidade qualquer representativa da sociedade actual, por exemplo, os de um escriptor estimado e popular, não só terá que aspealos da primeira á ultima palavra como tambem constatará a absoluta falta de sequencia, a ausencia de qualquer encadeamento logico, uma desorientação philosophica integral.

Nada mais facil na idade moderna do que fingir cultura, citando o philosopho Chevrolet, o mathematico Michelin, o biologista Gordon Benett, o psychologo Westinghouse, o maestro Quetelet. Os raros capazes de denunciar taes burlas

destituídas de imaginação, em geral não possuem representação social, o que exigiria cumplicidade hypocrita e condescendente, ideal de vida do homem perfeitamente actualizado.

Cada geração reproduz, em livros, tudo o que as gerações anteriores por sua vez haviam plagiado. Altera ligeiramente a forma de expressão e apresenta-o como obra original. Dahi o volume immensuravel, o vasio, a monotonia das manifestações visiveis do "pensamento" humano. São eternamente os systemas metaphisicos e philosophicos, eternamente os romances psychologicos, eternamente epopéas e poemas, eternamente ensaios, eternamente estudos e criticas... sempre os mesmos, implacavelmente, indefinidamente...

De um livro famoso tira-se, ás vezes, uma linha ou uma palavra que representa, realmente a obra da intelligencia pura, da mente super-consciente. E isso é raro. Não passam, quasi sempre, do relato de factos mesquinhos, insignificantes, destituídos de qualquer valor mental ou moral. São as bellezas do estylo e o valor dos conceitos que justificam taes obras repetem os papagaios incapazes de as analysar, de verificar que as taes bellezas de estylo não passam de arranjos convençionados como excellentes pelo consenso unanime da opinião dos incapazes e que os conceitos valiosos são assim considerados porque vem sendo repetidos immemorialmente pelos descendentes do nobre senhor de La Palisse, os quaes nunca se detiveram em examiná-los objectivamente.

Desde que o mundo é mundo tem havido uma dezena, ou pouco mais, de pensadores originaes. Os restantes milhões têm sido homens praticos que nem de longe suppõem que si respiram, comem, "amam", commerciam é devido ao esforço daquelle reduzido grupo de numes tutelares da humanidade, quasi sempre totalmente ignorados dos contemporaneos e dos posteros.

O trabalho do commum dos homens de talento é, em sua quasi totalidade, de repetição enfadonha. A humanidade não consegue ultrapassar o campo da mente e gira sempre sobre si mesma, num cyclo monotono, sem conseguir superar-se. As vezes, irritada, volta ao subconsciente, á procura de sensações velhas e gastas amontoadas nessa "sapucaia" da alma. Dahi a monotonia bocejante que assignalei, pois o campo da mente é muito limitado e já está esgotado ha milhares de annos.

Ha alguma coisa superior á mente, ou, vulgarmente, á intelligencia. São essas revelações obtidas atravez dos canaes superiores da alma e objecto do trabalho dos numes tutelares a que me referi e que provocam e permitem o verdadeiro progresso da humanidade. Um escriptor de talento, ás vezes, por meio de uma exaltação provocada, attinge um instante essas regiões superiores, ultrapassa a mente, e, voltando, traz um vislumbre, uma restea, que se traduz numa

palavra, num gesto, numa replica, numa attitude e é a migalha gigantesca aproveitavel num entulho de uma obra em 60 volumes. O exemplo typico é o do 'mal sagrado' de Dostoiewsky que, no instante supremo que precedia a crise era visitado por uma sensação de felicidade inaudita que se pode sentir lendo, vivendo o seu "subsolo".

A psychologia moderna ignora o superconsciente chegando ás aberrações do freudismo que é a philosophia da humanidade no seculo XX. O facto de que esta escuta apenas o sub-consciente e procura reviver os estagios animaes da vida não significa a inexistencia das tendencias superiores oriundas de regiões super-conscientes. E' que, como ser moral livre, o homem escolhe o caminho que prefere: segue as indicações do anjo bom ou do máo. E' livre nessa deliberação.

Vou ainda socorrer-me de quem me forneceu a epigraphe deste trabalho: "We, in our educational system, have burdened the memory with a load of unconnected facts, and labariously striven to impart our laboriously-acquired knowledge. We teach people how to remember, we never teach them how to grow. It has never occurred, to us to try and develop in the mind a more subtle quality of apprehension and discernment. England has done one thing; it has invented and established Public Opinion, which is an attempt to organise the ignorance of the community, and to elevate it to the dignity of physical force".

Nada, creio, poderia ilustrar melhor as considerações anteriores. Ha necessidade urgente de uma mudança radical nas formas de manifestação das actividades da intelligencia. As bibliothecas e livrarias pedem incendios, com urgencia, é e de desejar que animaes mais bem armados do que as traças surjam para apressar a prophylaxia do pensamento humano.

Precisamos garimpar o entulho e extrair, do cascalho que se eleva em montanhas, as tres ou quatro unicas paginas que resumirão o que ha de essencial na obra da intelligencia. Precisamos achar formulas synteticas, uma linguagem resumida e expressiva e comprehender o valor do silencio como forma de definir a verdade. A mais perfeita, aquella que empregou nosso Salvador como replica á apostrophe celebre.

Esse o meu programma para a arte moderna. Tudo o mais é passadismo. Essa a tarefa, emquanto aguardamos esse fim ou transformação que presentimos para breve tratarmos de encontrar as formulas que resumam em tres linhas e nos permittam emfim comprehender a actividade do homem, o mais poderoso dos factores geologicos.

Sonhador? "Yes: I am a dreamer. For a dreamer is one who can only find his way by moonlight, and his punishment is that he sees the dawn before the rest of the world".

TUBERCULOSE E ASSISTENCIA SOCIAL (*)

XAVIER DO PRADO

Seria melhor, talvez, trazer algum caso clinico da especialidade, alguma novidade nos processos therapeuticos; poderia assim produzir um trabalho mais resumido, abusar menos da generosa attenção dos illustrados confrades.

Mas a assistencia social aos tuberculosos é uma necessidade urgente no nosso meio.

Penso, e quiçá com toda razão, ser opportuna a occasião e mais opportuno ainda o ambiente para fazer éco das questões deste genero levantadas pela Sociedade Brasileira de Tuberculose á qual me honra de pertencer.

Ainda ha pouco visando a attingir o problema nas suas variadas e complexas faces foi tomada pela referida Sociedade a patriotica iniciativa do Seguro Social contra a peste branca. As bases em que assenta o programma a realizar-se não poderiam ser melhores e mais solidas. Infelizmente, porém, por muitas razões, pelas difficuldades de toda natureza, ha uma grande distancia a percorrer entre este marco inicial e a realização completa da obra.

Num recente tratado de higiene social encontrei as seguintes palavras referentes á tuberculose: "E' um flagelo terrivel para as collectividades modernas. Estas, primeiro por ignorancia, em seguida por indifferença, finalmente por egoismo individual, não souberam ainda extinguir um mal extinguiavel. Nisto as sociedades modernas, por falta de autoridade e de espirito colectivo não souberam fazer o que a idade media realizou fazendo desaparecer a lepra. (Albert Vandremes — *Hygiene Sociale*. Pg. 81).

Penso que as referidas palavras ajustam-se perfeitamente á nossa realidade. A tuberculose, toda gente farta está de proclamar, é molestia eminentemente social. Como e porque o é, diz com clareza o collaborador de obra nacional sobre o assumpto cujas palavras passo a lêr: "Em todos os paizes do mundo a tuberculose produz uma grande morbilidade, a que se segue uma grande mortalidade. Além da elevada mor-

(*)—Conferencia realizada na Sociedade Medica S. Lucas.

bilidade e mortalidade que produz, a tuberculose favorece o desenvolvimento de outras doenças, como a arterio esclerose, as cardiopatias, as nefrites, a clorose, a asma, os reumathismos, a ulcera do estomago; é uma causa de fraqueza do organismo, de degeneração da raça, é uma causa poderosa de pobreza porque nas suas formas mais communs dura muitos annos, diminue ou extingue a capacidade de trabalho e acarreta grandes despesas para o seu tratamento. Pela influencia que assim exerce sobre a morbidade e a mortalidade geral da humanidade, porque as condições da vida na sociedade favorecem a sua disseminação e o seu desenvolvimento nos individuos, porque a sua existencia está ligada ás mesmas condições da vida social, porque ella constitue uma endemia ou epidemia chronica atacando o conjuncto da collectividade social, ella é chamada uma doença social. Neste ponto de vista, a tuberculose, na phrase do professor Leon Bernard, representa, com a syphilis mais do que a syphilis o peor flagello que fere e ameaça a humanidade civilizada.

No Brasil, a tuberculose é a doença mais grave que ataca as populações das cidades; tomando por ponto de apreciação a sua mais importante cidade, a cidade do Rio de Janeiro, Capital do nosso paiz, vemos que a mortalidade pela tuberculose é alli a maior de todas, maior do que a de qualquer outra doença infectuosa ou commum tomada isoladamente, maior em geral, do que a produzida por todas as doenças infectuosas juntas" (Placido Barbosa — Clementino Fraga).

O combate a esse terrivel flagello, dizem os que têm estudado o problema, exige a cooperação de todos indistinctamente, sem cogitação de nacionalidade, côr, credo politico ou religioso.

Concordo perfeitamente com o allegado, mas desejo antes de abordar propriamente o assumpto, chamar a attenção para um factor importante deste mesmo combate que é exactamente a somma incalculavel de beneficios trazidos á organização hospitalar do nosso paiz e principalmente de nossa Capital, pelas ordens e demais entidades religiosas que tiverem semelhante iniciativa.

No caso particular da tuberculose não deve e não póde mesmo ser desmentida a tradição.

Sendo a organização catholica anti-tuberculosa apenas embrionaria no Brasil e inexistente quasi no Rio de Janeiro, julguei de bom alvitre agita-la na nossa unica sociedade medico-religiosa.

E assim o faço porque nutro a convicção de que, se a Sociedade Medica de S. Lucas, com a sua dupla autoridade religiosa e scientifica, interessar-se como espero pelo assumpto e se outro orador mais feliz e mais esclarecido conseguir identificar os seus illustres membros, com a causa em apreço, muito terá a lucrar a assistencia social aos tuberculosos e

desta collaboração ao mesmo tempo scientifica e caridosa tudo se deve esperar.

Não me compete fazer a menor insinuação sobre o modo de organizar tão importante serviço, o que entrego ao elevado criterio dos eminentes collegas e deve ser mesmo assumpto pela sua complexidade muito ventilado e discutido.

Parece-me, entretanto, que nas Conferencias Vicentinas seriam encontrados elementos preciosos na phase de organização, portadores que são de grande experiencia no trato dos problemas dessa natureza.

Igualmente, as esposas dos medicos, que acompanham de perto, que se interessam, se identificam, sentem melhor o alcance e a significação de uma tal campanha, desempenhariam saliente papel.

E' evidente que em se tratando de serviço especializado seria aconselhavel a instituição de um curso onde fossem ministrados conhecimentos uteis e indispensaveis, cujo programma se deduz com facilidade, conhecendo as necessidades do serviço social no nosso meio, que passo a enumerar.

Quem estiver identificado com a tuberculose, visitando os doentes, conhecendo o que se passa em torno delles, muito terá que relatar.

Narra um chefe de numerosa familia, operario, a sua desgraça que consiste na impossibilidade, pela molestia, de trabalhar, vendo, por isso, a miseria invadir o lar, não tendo sequer recursos para alimentar os filhos. Aqui é um pobre coitado, cuja penuria chegou a ponto de morar por favor em um porão humido, inhabitavel, e não dispôr nem de um cobertor para agasalho nas noites frias. Outro que foi surpreendido pela doença e, por força da luta para sustento da familia, acha-se endividado; cessou o trabalho, aggravou-se a situação e não tem absolutamente recurso nem para o aluguel da casa.

Casos ha em que o doente, premido pelas circumstancias, resolve distribuir os pobres filhinhos, mas não encontra onde colloca-los.

Circumstancias ha que obrigam o doente a procurar outra casa, mas não tem meios para enfrentar as despesas de mudança.

Recebe a visita do medico ou da visitadora; acham indispensaveis modificações ou melhoramentos capazes de beneficiar a profilaxia ou o tratamento. Onde buscar o recurso?

Ha os que podem locomover-se mas moram distante do recurso medico e não vão á procura delle porque o dinheiro da passagem de bonde ou trem vai fazer-lhe falta.

Ainda ha o grande capitulo dos que se acham em condições de trahalhar e que não encontram quem os colloque e muito menos quem os receba em suas officinas, movidos sempre pela indisfarçavel tuberculophobia. As observações aci-

ma referidas relacionam-se, embora incompletamente com os factores sociaes directos e indirectos da tuberculose. Consideremos agora os meios de conseguir a prophylaxia, que se dividem em directos: o dispensario, o sanatorio, o hospital, a colonia, a obra *grancher* (collocação de creanças filhos de tuberculosos mas não affectados de tuberculose, em casas de familia sã que se incumbam de cria-las; e educação sanitaria popular.

Meios indirectos: higiene individual e da habitação; higiene alimentar e luta contra a alcoolismo.

Num paiz pobre como o Brasil, onde a iniciativa official ainda não pôde cuidar do assumpto como merece, onde não existem organizações de seguro contra molestias, capazes de financiar taes empreendimentos, parece a meu ver que deve caber preferencia a uma organização visando a dar trabalho racional aos tuberculosos, amparando-os com caridosa assistencia.

Acho que ha um conjuncto de estabelecimentos todos elles uteis que podem funcionar perfeitamente articulados.

Para confirmar este meu modo de pensar, lembro que, em 1926, graças á gentileza de distincto collega, então intendente municipal, foi apresentado ao Conselho Municipal um projecto meu que visava á installação, por parte da Prefeitura, de um sanatorio aberto, destinado a doentes chronicos de tuberculose, residentes na Cidade do Rio de Janeiro, em condições de exercerem a actividade, cujas despesas de pensão seriam por elles remuneradas.

Em 1930, apresentei a uma associação de classe, cuja directoria me investiu de tal funcção, um trabalho sobre a organização de um hospital sanatoria para a mesma.

Recentemente, idealizei a organização do amparo catholico aos tuberculosos.

Finalmente, na semana da criança, pelo microphone do Radio Club do Brasil, fiz um appello no sentido da organização da assistencia á infancia tuberculosa.

Lendo, ha pouco, uma representação dirigida ao Governo em 8-4 927 pelo ino.vidavel Oswaldo Cruz, tive a satisfação de encontrar a solação do problema apresentada de um modo muito approximado. Diz o referido documento: "Garantido assim o bem estar do tuberculoso infectante e de sua familia, é mister dotar a cidade de institui.ões em que se poss m fazer o tratamento e a educação sanitaria do tuberculoso: os sanatorios de altitude e maritimós, por onde serão distribuidos os tuberculosos, de accôrdo com as formas clinicas de sua infecção; as colonias sanitarias agricolas onde o tuberculoso infectante valido poderá, sem prejuizo para a sua propria saude e para a do proximo, exercitar a sua actividade fóra da atmospherá viciada das cidades, dedicando-se aos misteres de agricultura, assim como os hoteis e casas de pensão para

tuberculosos, que, não tendo domicilio proprio, não puderem permanecer nos estabelecimentos adequados. (Oswaldo Cruz — *Relatorio ao Governo* — 8/4/1927).

No relatorio sobre a inspeccia de Prophylaxia da Tuberculose, em 1930 (reimpresão da Folha Medica), diz o Inspector dr. Placido Barbosa, com a autoridade que ninguem lhe contesta: “Uma organisação racional de assistencia aos tuberculosos não ricos, assistencia medica e social, é o meio unico de poder lutar com efficacia contra a extensão desse formidavel flagello. Depois de se referir ao Seguro Social, á falta de leitos hospitalares, aborda o problema das colonias de tuberculosos e diz textualmente: “. . . como sabeis, no nosso clima póde-se dizer eschematicamente que a cura ao ar livre resume-se em construir o minimo de casa, para poder gozar o maximo de ar livre. Poder-se-ia, assim, iniciar em pequena escala um nucleo de colonia de tuberculosos que é a instituiçao verdadeiramente adequada á prophylaxia da tuberculose”.

.....

Si não fôra a preocupação que já me domina de não me estender mais, eu me reportaria á optima communicação sobre o assumpto apresentada á União Internacional Contra a Tuberculose e publicada em seu boletim de Julho de 1931. Mas não me posso furtar ao desejo de repetir as palavras de fé que ahi encontrei: “. . . “a colonia é a realizacão mais proxima de uma soluçao perfeita dos problemas medicos e economicos do tuberculoso”.

Deveria reportar-me ainda a dois interessantes artigos apparecidos em revista e assignados por autoridades no assumpto. Um delles mostra como o trabalho é capaz de controlar a cura da tuberculose pulmonar; o outro reza sobre a actividade e o trabalho durante a cura da tuberculose pulmonar em sanatorios.

Muitas outras publicações esparsas attestam os optimos resultados medicos e anima, bastante, até sobre o exito financeiro das colonias para ambos os sexos; resultam elles da observacão de trabalhos de agulha e outros do genero para o sexo feminino; relojoaria e outros trabalhos finos, leves e rendosos para o sexo masculino.

Pelo exposto, podemos vêr o pouco que temos feito e o muito que ha a fazer em materia de assistencia á tuberculose e, frizando bem o alcance do que ahi fica dito, reproduzo as palavras de Genesio Pitanga:

“Quando a nossa incipiente e incompleta organisação anti-tuberculosa puder seguir o rumo que a comprehensão nitida e exacta do maximo problema sanitario está impondo aos paizes civilizados, através dos homens de Governo e dos homens de dinheiro, é que se poderá avaliar com precisão a

immensidade da desventura que a tuberculose occasiona na grande familia brasileira" (Clementino Fraga).

O melhor argumento capaz de convencer da urgencia da nossa organização anti-tuberculosa é justamente o trabalho de estatística sobre a mortalidade por tuberculose.

Em todos os paizes onde elle é feito com rigor, ficou provado que, á medida que elles vão dispondo de melhor organização, a mortalidade vae necessariamente decrescendo.

Tudo depende, pois, da intensa acção medico-social.

Neste particular, desejo bem defini- o meu ponto de vista que me parece realizavel.

Leon Bernard e muitos outros teem chamado a attenção para o exaggero dos que pensam em internar todos os casos de tuberculose.

Não é esta a solução proposta, absolutamente.

Mas, para que não me succeda o que se passou com outro sonhador tão dedicado sempre ao nosso outro grande problema, o da lepra — de quem se disse "as doutrinas que defende, as suas conclusões e a boa fé de que se vê armado para enfrentar o magno problema, tudo revela uma ingenuidade só comparavel á de... fulano que tambem acredita nos milagres... (refere-se a determinada organização). Ambos, são dois deslocados, dois distanciados da realidade ambiente, vivendo á margem da exactidão das cousas palpaveis".

Ponho desde já as barbas de molho (e ahí existe dupla indicação) antes que me digam que eu sou o terceiro deslocado...

Tenho, porém, confiança de estar no bom caminho por isso que o grande Oswaldo Cruz assim se exprimiu quando propoz a resolução do problema:

"Para a solução da questão actual, basta a ponderação do filho criterioso que, convidado pelo pae a quebrar um feixe de varas, conseguiu o que seus irmãos mais fortes, porém, mais sofregos, não fizeram porque não tiveram como elle, a sabedoria de quebrar, uma a uma, as varas de que se constituia o molho, querendo fazer a operação de um só jacto".

Antes de encerrar o trabalho, estabelecendo a ligação com a passagem do Evangelho ha pouco citada, passo a fazer ligeiras considerações em torno da Dupla Cruz que foi sempre um distinctivo da campanha anti-tuberculosa, universalmente adoptado.

Ordens cavalheirescas e monasticas, do tempo das cruzadas, adoptaram-na inclusive a ordem do *Saint Sprit* que fundou os hospitaes de Montpellier, Roma e Dijon.

A Cruz, na Igreja Catholica, é emblema da resurreição de Nosso Senhor e da Redempção do Homem, que seja, no caso, o da Redempção Catholica do desprezado tuberculoso.

Nenhum outro simbolo traduziria melhor os impulsos

sadios do coração christão orientados pela sua fé, pela sua esperança e pela sua caridade, numa tão elevada directriz.

CONCLUSÕES

1) — E' preciso combater a expressão de que o tuberculoso é um individuo posto á margem.

2) — Existem trabalhos compatíveis com a doença tuberculosa e a melhor forma de organisa-los, é a meu ver, a colonia agricola (sericultura, avicultura, apicultura, etc.), dispondo de officinas apropriadas aos trabalhos já reconhecidos como indicados e annexos a um hospital sanatorio.

3) — De todos os pontos de vista (disciplinar, economico, hygienico, etc.) a orientação de taes estabelecimentos é, no meu entender, a Catholica — a cargo de irmãs especializadas.

4) — E' urgente a organização de defesa efficiente contra a peste branca, pois as estatisticas demonstram o decrescimo da mortalidade nos paizes onde ella existe.

5) — O meio capaz de attingir tão abnegado desiderato é, sem a menor duvida, por todos os meios, para que a iniciativa particular preencha as lacunas existentes na nossa incipiente organização anti-tuberculosa.

IMPrensa CATHOLICA

LUIS SUCUPIRA

Os catholicos hemos vivido, sem uma explicação plausivel, inteiramente alheios á força da imprensa nos dias que passam. Por uma dolorosa incomprehensão dos nossos deveres, temos desprezado, inconscientemente, esse grandioso porta-voz de todas as reivindicações e que pode muito bem ser comparado as famosas trombetas de Jerichó.

Precisamos convencer-nos e convencer aos que nos cercam de que, hoje, nada é possivel sem a imprensa. Ella é, na verdade, a representação maxima da efficiencia no combate e o factor preponderante de todas as victorias. Por isso, muito bem disse Crémieux que as honrarias nada significam, a gloria nada preresenta, mesmo o dinheiro nada vale. Só a imprensa é tudo. E aconselhava: — Obtende a imprensa e tudo o mais alcançareis sem trabalho.

Tenha-se em vista pertencer Crémieux á raça judia e resalte-se a parte da sua affirmacão relativamente ao nenhum valor do dinheiro deante da imprensa.

Na vida moderna, só a imprensa é tudo.

Os governos se lhe curvam reverentes, mesmo quando a amordaçam. Os politicos dedicam-lhe todas as homenagens. Os argentarios submettem-se ás suas maiores exigencias. Intellectuaes, artistas, inventores, homens de saber e homens de negocios, a velhice experiente e a mocidade impetuosa, crentes e atheus, revolucionarios e demagogos, ninguem, emfim, escapa á tirania da imprensa. Querer triumphar sem ella é tarefa, si não inutil, pelo menos innocua.

Parece que se torna redundancia explicar a potencia que o jornal representa, Mesmo o folheto de menor repercussão é detentor de tremenda força para o mal. Porque, é necessario reconhecer, todo o poder da imprensa está mais no mal que pode fazer do que no bem que deveria disseminar. A imprensa abre todas as portas, penetra em todos, os meios descobre fundos segredos, revela factos os mais intimos, e, ao mesmo tempo em que se sente mimada por todos emprega, esforços inauditos para agradar a todos, afim de espalhar cada vez mais a meia duzia de paginas que tudo comporta:

desde a collaboração do sabio até a reportagem policial de ultima hora.

Por isso, ninguem trata, hoje, de fundar organizações, manter forças eleitoraes, arregimentar classes, reunir adeptos, formar e informar emfim, sem o apoio da imprensa.

Quem quer que medite um pouco na desorganização da catholicidade brasileira, não pode deixar de reconhecer que é a falta de uma imprensa catholica um dos factos basicos dessa dolorosa situação. Os catholicos brasileiros só o são de nome. E só ainda o são de nome porque a familia, com o poderoso auxilio da tradição, vem mantendo a vida nacional num certo ambiente de religiosidade, mais externo do que interno. A nossa religião é tão só de exterioridades. Não temos disciplina orthodoxa. Não temos instrucção religiosa.. Não formamos uma organização mais ou menos apreciavel. E' a dispersão. E' a heresia. E' o catholicismo-mação, catholicismo-espirita, catholicismo-feiticista, catholicismo-indifferença e até *mirabile dictu*, catholicismo-atheu. Chegámos a tal estado de aberração religiosa que já não é difficil topar com catholicos-socialistas e catholicos-communistas, no mais extremado das duas accepções.

O nosso clero, ainda pela inexistencia de um jornal que o oriente e que o esclareça, pois lhe falta o tempo minimo para estudos profundos, é cheio de boa intenção, mas não se anima a dirigir uma grande offensiva para a destruição desse estado de coisas, para a transformação dessa mentalidade enferma.

Temos uma Fé materializada, e, portanto, uma Fé sem iniciativa. Não vive na consciencia dos brasileiros a Fé que pensa e a fé que medita. Mas, apenas a Fé que grita e que, por isso, ninguem a comprehende.

O nosso catholicismo é um catholicismo de palavras bonitas e de actos externos.

Quando se exige a obediencia e a disciplina poucos são os que obedecem e submetem-se.

E isso porque não ha um órgão de informação. Não ha livros de educação religiosa. Não ha associações preparadoras de vocações, encarregadas de formar professores que saibam educar christamente. E tudo porque não se quer possuir um jornal catholico.

Todos os dias lamentamos o absenteismo ás igrejas, o desregramento cada vez maior das massas, a falta de moralidade, os costumes pervertidos. E, como os judeus nos muros do Templo destruido, choramos, lastimamo-nos, desesperamos.

E não vemos que a realidade é ainda bem mais dura do que julgamos. Tudo isso por que? Falta de formação e informação religiosa. Os catholicos não sabem coisa alguma da sua religião. E os que conhecem alguma coisa da sua Fé

a isto chegam por obra do Espirito Santo, conforme já teve occasião disso affirmar em palestra no Centro Dom Vital o padre Henrique Magalhães.

Sem formação religiosa não haverá padres, não haverá professorado catholico, não haverá catholicos, emfim. E essa formação em larga escala só será possível por meio do diario, pela imprensa.

O catholicismo brasileiro é amorpho, é bisonho, é fraco, irresoluto incapaz, inefficiente e indisciplinado tão só porque não possui jornaes para dar-lhe forma definida, experiencia, força, resolução, capacidade, efficiencia e disciplina.

Tenhamos a imprensa e teremos tudo. Esqueçamos a imprensa e nada será nosso dentro de cincoenta annos.

Os ultimos papas hão comprehendido de maneira profunda a necessidade immediata e palpitante do jornal catholico. Leão XIII, na enc. *Pergrata nos* declara ser utilissima a publicação de jornaes que, ao veneno espalhado a mancheias, opponham um remedio opportuno, tomando a defesa da verdade, da virtude e da religião. Na enc. *In ipso*, recommenda particular e insistentemente aos bispos que encorajem o desenvolvam os quoditianos ou periodicos catholicos, pois é absolutamente necessario, para lutar com armas iguaes, oppor os escriptos aos escriptos. Na carta aos bispos da Hungria volta a frisar o mesmo conselho. Na carta aos bispos do Perú, diz ainda Leão XIII: Desde que, nos dias presentes, os maus abusam dos jornaes para a diffusão das doutrinas perversoras e da depravação dos costumes, tende, como do vosso dever, usar dos mesmos meios: elles indignamente, para a destruição; vos, santamente para a edificação. Na carta aos bispos do Brasil, determina que os catholicos não ponham entre as suas menores sollicitudes a manutenção de jornaes para defesa da religião. Na enc. *Longinqua Oceani*, o grande Papa resalta o trabalho que deve caber aos jornalistas americanos no instruir, fortalecer e excitar os catholicos á pratica das virtudes e á observancia fiel dos seus deveres para com a Igreja. Na enc. *Paternae providaeque* persistentemente Leão XIII assim se manifesta: "Não é com menos insistencia que Renovamos o conselho de todos trabalharem com tanto zelo quanto prudencia na redacção e diffusão dos jornaes catholicos, PORQUE, NA NOSSA EPOCA, O POVO SÓ FORMA OPINIÃO E SÓ REGULA A SUA VIDA PELA LEITURA DIARIA DOS JORNAES. E é, na verdade, digno de lastima ver os bons deixar ao abandono armas que, nas mãos dos impios, são usadas com um encanto enganador, preparando a ruina deploravel da fé e dos costumes". Em muitos outros documentos pontificios Leão XIII timbrou sempre em mostrar a necessidade e a urgencia dos jornaes catholicos, sendo sua a affirmacão de que o bom jornal é uma missão continua.

Pio X, foi também um ardente defensor e propugnador da imprensa catholica,

Ainda cardinal-patriarcha de Veneza dizia as palavras seguintes: "De bom grado enpenharei minha cruz peitoral, meus paramentos e moveis para garantir a existencia da "Difesa". Quando Papa, recebendo um jornalista, declarou: "Os meus predecessores consagravam as espadas e armas dos guerreiros christãos; eu me julgo feliz em pedir a benção de Deus para a penna de um jornalista catholico". Na carta ao arcebispo de Quebec, assim se manifestou também Pio X: "Urge, portanto, para curar os males do nosso tempo, empregar meios apropriados. Assim, aos escriptos opponhamos os escriptos, aos erros propagados aqui e ali, a verdade; ao veneno das más leituras, o remedio das leituras sãs; aos jornaes, cuja influencia perniciosa se faz sentir diaria e diuturnamente, pelo menos o bom jornal. Desprezar esses meios é condemnar-se a não ter a menor acção sobre o povo e nada comprehender do character do seu tempo". Na carta ao episcopado brasileiro, Pio X, diz estas palavras que, repetidas, agora, teem a força de braça viva no organismo flacido da nossa indiferença: "Achamos necessario acrescentar uma recommendação que será de grande utilidade para favorecer o zelo do clero e promover a acção popular. Vós não ignoraes, certamente, caros filhos e veneraveis irmãos, quão grande é a força destruidora e constructiva dos jornaes que, graças ao seu custo minimo, penetram facilmente em todos os logares e por toda parte espalham as opiniões de que estão imbuidos. Vós mesmos estaes vendo quanto os impios veem abusando dessa força. DESEJAMOS, POIS, COM O MAIOR, EMPENHO QUE O VOSSO ZELO PASTORAL SE APPLIQUE A PROPORCIONAR, POR MEIO DE UMA IMPRENSA EXCELLENTE, EXCELLENTE PASTAGENS AO VOSSO REBANHO. Não vos faltam, certamente, catholicos eminentes na doutrina e nas virtudes. Confiae-lhes a missão de escrever sob vossa inspiração, com prudencia, caridade e respeito para com as autoridades, como convem aos que se encarregam de defender os direitos sagrados da verdade e da justiça. Publicar jornaes catholicos e collocá-los nas mãos de pessoas de bem, não basta; é preciso também que se empreguem esforços para espalha-los tão longe quanto possivel, fazer que sejam lidos por todos, principalmente pelos que a caridade christã nos pede arranquemos dos bebedouros envenenados que são as más folhas. Só assim, os que procuram o reino de Deus e a sua justiça poderão empregar para o bem essa poderosa arma moderna que é a imprensa".

Seguindo as pégadas do Chefe Supremo da Igreja, cardiaes e bispos europeus não se teem cançado de patrocinar, fundar e propagar a boa imprensa. A missão do jornal foi tão bem comprehendida pelo grande arcebispo Ketteler, de

Moguncia, que chegou o mesmo a declarar: "Si São Paulo voltasse ao mundo far-se-ia jornalista".

O cardinal Labouré exclamava: "Passou a hora de construir Igrejas e de ornar altares; só ha uma coisa realmente urgente: cobrir o pais de jornaes que lhe transmittam a verdade". O cardinal Lavignerie equiparou a fundação de um jornal destinado a esclarecer e fazer voltar a fé aos espiritos ao trabalho meritorio da edificação de uma igreja. O cardeal Pie achava que o povo mais religioso do mundo e que passasse trinta annos a ler tão somente máos jornaes se tornaria um povo de impios e revoltosos, porque, accrescentava: humanamente falando, não ha prégação que possa impedir os effeitos da má imprensa".

Windthorst, o grande allemão, criador do partido centrista, referindo-se á perseguição religiosa feita aos franceses, assim se manifestava: "Os franceses ainda não comprehendem que não basta construir as escolas que lhes foram fechadas nem criar novas obras em substituição ás que foram derubadas, pois o que é preciso é suspender o braço que lhes proporciona todos os males. Por que não empregam elles o seu dinheiro em organizar uma imprensa poderosa, com a qual conquistariam a opinião e, por meio della, o poder com tudo o que perderam?"

A imprensa é tudo, disse o judeu Crémieux. A imprensa é a rainha do mundo, sentenciou Pio X. E, em tempo, comprehendem isso muito bem os catholicos europeus. E, dahi, o reflorescimento da Fé Catholica na Europa inteira, onde o Catholicismo está empolgando os espiritos mais cultos das gerações super-civilizadas. O grande apostolo dessa nova cruzada foi a Santa Imprensa Catholica.

E no Brasil?

Em alguns Estados já existem diarios catholicos. E é preciso attentar nisso: onde esses diarios circulam já se nota uma formação catholica digna de nota. Mas, na capital do pais é o marasmo, é a desolação e o silencio angustioso dos cemiterios. O Rio de Janeiro não possui um diario catholico, apesar de ser o mesmo reconhecido de necessidade palpitante na Pastoral Collectiva do episcopado Brasileiro, por occasião do Centenario da Independencia. Ali se chegava até a desaconselhar a imprensa catholica nos Estados antes do seu estabelecimento na Capital da Republica.

Na verdade, é incomprehensivel que numa cidade de quasi dois milhões de habitantes não se faça ouvir a voz do diario catholico. Demos de barato que metade dessa população não leia nem acceite o jornal catholico. Acceitemos ainda que desse milhão restante 50 % se componham de catholicos indifferentes. Mas resta um quarto da população, ou sejam 500 mil pessoas que professam uma Fé e precisam de um orgão de formação e informação religiosa. No entanto, toda

essa gente é relegada ao abandono, sem um apoio para as suas crenças, sem um guia para as suas duvidas, sem uma luz para os seus transvios, sem um mestre para a sua ignorancia que cada vez mais se requinta, sem um amigo para os seus entretenimentos, sem um esclarecimento para os seus erros, sem uma força moral para os seus desvarios, sem um baluarte para a sua Fé.

O nosso clero é pouco e insufficiente para as mais diminutas necessidades religiosas. As nossas associações catholicas, de effeitos muitas vezes contraproducentes, compostas de homens de orthodoxia duvidosa, e que apenas exteriorizam actos pomposos, chegando muitos a viver em conflictos com os parochos e com os bispos. Os nossos professores, de formação religiosa insignificante, quando a possuem, nem sempre se lembram de esclarecer os alumnos sobre as verdades da Fé.

Só o diario catholico, pois, será capaz de fazer, a um tempo, o papel do padre que não pode attender a todos, das associações que não correspondem aos que dellas espera a Igreja e dos professores que esqueceram a missão principal que lhes incumbe.

O livro só não basta, disseram os bispos brasileiros na pastoral collectiva do Centenario. O livro é manifestamente insufficiente, accrescentaram, porque o combate é quotidiano, as lutas renascem com a velocidade que assignala o movimento hodierno.

Só o diario catholico, portanto, Sem elle, nada será possível. Tudo será baldado.

Allegar-se-á, talvez, que um diario catholico exigirá muito dinheiro para a sua installação e manutenção. As obras de Deus não pensam no futuro, porque o futuro a Deus pertence. Os factos, aliás, demonstram claro e alto que o dinheiro é coisa secundaria nas organizações que visam á gloria de Deus. Exemplos?

“La Croix” é, hoje, o maior jornal catholico da França. Possui tiragem de milhões de exemplares. Publica edições diarias, dominicaes e especiaes para certas parochias. E’ lido no mundo inteiro. Pois bem: seu fundador, Laforet, para edita-lo precisava, segundo affirmou, de um milhão de francos. E como não possuia tão grande importancia para a epoca, resolveu-se a dispensar o dinheiro, fiado na Providencia. E a obra ahi está, como um desafio aos tibios e medrosos.

Apreciemos um facto de hoje: “L’Aube”, o mais novo diario parisiense, é já um dos maiores jornaes franceses, apesar de ser um jornal decididamente catholico. Francisque Gay, seu director, para funda-lo precisava de 12 milhões de francos. Não tinha essa quantia. Com esforço, arrajou 300.000 francos e 10.000 assignaturas por tres mses. Tentou um ensaio. E Deus, que não despreza os que nElle con-

fiam, abençoou "L'Aube", que é, actualmente, um portavoz dos mais brilhantes da imprensa catholica mundial.

O dinheiro, é, pois, coisa de somenos nas obras catholicas. Mas, faltam escriptores, poder-se-á dizer.

Tambem não é motivo para a não existencia do diario catholico brasileiro. Ouçamos ainda os factos.

Na Allemanha, onde o catholicismo organizado é uma força poderosissima, onde uma grandiosa associação — o *Volksverein fur das Katolische Deutschland*, ou Associação Popular da Allemanha Catholica — deu o maior impulso á preeminencia catholica na politica, a ponto de os 3 ultimos chanceleres do Reich terem sido catholicos, na Allemanha, segundo monsenhor Kannengieses (*D'Étapes en etapes*), a imprensa do Centro é a poderosa alavanca destinada a levantar as massas eleitoraes. Está admiravelmente organizada e apta a corresponder aos fins para que foi instituida, não porque os catholicos possuam importantes diarios politicos ou que ao valor literario dos artigos se una uma riqueza completa de informações. Neste sentido, seus adversarios lhes estão muito acima. *O Berliner Tagblatt*, o *Franfurter Zeitung* o *Koelnische Zeitung*, para não citar sinão alguns, estão em posição infinitamente superior aos periodicos do Centro. Estes são, por via de regra, medianamente redigidos, mesmo os melhores. As suas informações são de segunda ou terceira mão e não possuem correspondentes no estrangeiro.

Como se viu, tal imprensa no pensar de muitos brasileiros, não devia existir. Mas assim não entendem os allemães e esta imprensa é de uma força admiravel unicamente pelo apoio que lhe dá o publico e tambem pela unidade da sua direcção politica. "Em frente ao inimigo, todos os jornaes do Centro — e sommam varias centenas — seguem o mesmo caminho, observam a mesma ordem, defendem os mesmos candidatos. Além disso, o clero sustenta, com energia, a imprensa catholica. Muitos jornaes possuem sacerdotes como redactores e todos contam innumerados padres entre os seus correspondentes" — Max Turmann *Actividades sociales* — T. II.

Eis ahi, provadamente provado, que Deus não exige para a manutenção da imprensa catholica nem grandes capitães nem redactores fulgurantes. O de que se faz mister é de um diario catholico. O resto, Deus proverá.

E' certo que não basta só fundar o jornal e a esperar que elle viva por si. Isto é, um milagre e Deus só faz o milagre quando existe Fé. Ora, nós que não temos tido Fé na imprensa catholica, não podemos esperar o milagre para a cura da nossa indolencia, da nossa cegueira, do nosso descaso e da nossa incapacidade de trabalhar em defesa do Catholicismo.

A imprensa catholica é necessaria, é urgente, é inadiavel. Todos isso reconhecemos e proclamamos. Mas, ao invés de

trabalhar para chegarmos a um fim, cruzamos os braços e ficamos acocorados como o Jéca Tatú dos Urupês.

E' preciso, pois, trabalhar. Deixar a apathia. Movimentar-se. Viver, emfim.

Na Allemanha, a imprensa catholica, forte e poderosa apesar de não ser um primor de redacção e reportagem, é fruto da propaganda intensiva dos catholicos. Lá, o Centro impõe a todos a chamada formula dos tres *irem*; abonirem, inserirem, correspondirem.

"Assignar o diario catholico é a primeira obrigação que pesa sobre todas as familias catholicas; inserir annuncios é obrigação que diz respeito, particularmente, aos commerciantes e industriaes catholicos; enviar correspondencias e informações é a terceira obrigação imposta a quantos podem remetter ao jornal noticias e ensinamentos uteis. — Max Turmann, op. cit.

Tratemos nós tambem da nossa imprensa catholica. Antes de pensarmos, dagóra por deante, em qualquer outra organização catholica, fundemos o diario catholico brasileiro.

Não nos impressionemos com a questão de dinheiro e de redactores. Tudo apparecerá na hora exacta.

Que o nosso povo não se desinteressará do problema é mais do que certo. Ainda ha pouco só a parochia de Copacabana angariou, em prazo ridiculo, quasi 200 contos de réis para uma obra de caridade. A imprensa catholica é a maior obra de caridade dos tempos modernos.

Confesso que si leio os jornaes chamados neutros que, aqui circulam, é porque preciso de informações que só nesses jornaes se encontram, mas é com repugnancia que os levo para casa, quando os levo. Ha tanta perversão ali dentro. . . Tanta falta de escrupulos, tanta facilidade no vehicular torpezas, no estampar gravuras escandalosas, no propagar doutrinas condemnadas, que não sei como ainda se não pensou seriamente nos meios catholicos em evitar esse mal perenne, que se inocula, com o nosso apoio, em toda a sociedade carioca e mesmo brasiliera.

E o interessante é que ainda pensamos em auxiliar esses perigosos vehiculos de dissolução e de immoralidade, pedindo-lhes espaço para collaborações nossas, proporcionando-lhes assumptos para a mantença de secções catholicas, que saem estampadas numa gritante promiscuidade com artigos ou notas protestantes, positivistas, espiritistas, etc.

Não estamos vendo que, com isso, matamos a nossa crença, nivelando-a ás seitas hereticas e demoniacas, inimigas declaradas da nosas Fé. E não nos tememos de, assim, procedendo, contrariar determinações expressas do Santo Padre, conforme se deduz das seguintes palavras de Pio X em carta ao padre Ciceri: " Não é possivel approvar estes jornaes que, não somente não combatem os erros que pervertem

a sociedade, mas levam sua contribuição á confusão das idéas, afastando-se da orthodoxia, incensando os idolos do dia, elogiando livros, iniciativas e homens nefastos á religião. Temo-nos generosa compaixão desses pobres utopistas (caso estejam de boa fé), que acreditam impedir a leitura dos máos jornaes, substituindo-os por esses diarios que se dizem tolerantes, de meias-tintas, incolores, e que, sem converter nenhum dos adversarios (que os desprezam pela apparencia de catholicos), causam terrivel damno aos bons, porque estes ultimos, procurando a luz, encontram as trevas, necessitando de alimentos, sugam o veneno e em logar da verdade e da força para se manterem firmes na fé encontram apenas argumentos que os deixam em assumpto de tamanha importancia, descuidosos, apathicos e indifferentes. Ah, que prejuizos causam taes jornaes á Igreja e ás almas! **E QUE RESPONSABILIDADE PARA TODOS OS MEMBROS DO CLERO QUE OS ESPALHAM, ENCORAJAM E RECOMMENDAM!** A verdade não quer disfarces. Nossa bandeira deve ser desfraldada. E é somente pela franqueza e pela lealdade que poderemos fazer um pouco de bem, combatidos, embora, pelos nossos adversarios, mas por elles respeitados, afim de lhes conquistarmos a admiração e, aos poucos, obtermos sua volta ao bom caminho. Eis meus sentimentos, que podereis, em qualquer occasião julgada propicia, transmittir aos que delles tiverem necessidade, affirmando-lhes mais que o Papa pensa assim”.

Si o Papa assim pensa, os catholicos brasileiros não se sentem constrangidos em pensar de maneira differente. Como tolerar isso por mais tempo?

O Centro Dom Vital, que tem sido, nestes ultimos dez annos, o centro irradiador e centralizador de todos os empreendimentos dignos de acção social catholica, não deverá descançar nem se poderá julgar quite para com a Igreja nacional emquanto não fundar e não mantiver um diario catholico no Rio de Janeiro.

Não devemos contentar-nos, egoisticamente, com o privilegio da nossa situação e nem é digno de homens de acção catholica satisfazerem-se com um logar na Arca em meio do diluvio, deixando entregues á voragem da morte da Fé almas que Christo redimiu e que também fazem jus a um cantinho na grande barca da salvação.

Os catholicos esclarecidos vimos commetendo um terrivel peccado de omissão, cuidando apenas de nós proprios ou de pequenas minorias de escolhidos, deixando ao desamparo toda uma enorme multidão que cada vez mais se esquece de Deus e se entrega á adoração do bezerro de ouro, tão só porque não possui quem a oriente ou quem a guie.

Sem imprensa catholica efficiente não haverá catholicos convictos, não haverá eleitores catholicos, e, portanto, não

haverá legisladores catholicos, nem leis catholicas, nem Brasil catholico.

Não nos limitemos, porém, ás lamentações e ás lagrimas. Porque, como já foi vigorosamente accentuado na Pastoral Collectiva do Centenario, “inutil é lastimarmos o mal, inutil derramarmos lagrimas sobre as ruinas amontoadas pela imprensa má, si não descermos á arena para repelir seus assaltos, si não levantarmos, com a boa imprensa, baluarte para a defesa da nossa civilização christã” — Pastoral Collectiva — 1922. Pg. 59.

Sim. O que está em jogo é a civilização christã brasileira, que cada vez mais se sente ameaçada por todos os lados e que, afinal, desamparada, não tem si não quem lhe chore o triste destino mas não encontra quem lhe dê o auxilio da imprensa, a maior e a mais poderosa força de apoio, de defesa, e de ataque da era que vivemos.

Urge completar, com um acto de energia e de fé, a obra de apostolado christão que aqui se vae desenvolvendo, dotando a capital da Republica de um diario catholico, através do qual a Igreja fale, os fieis ouçam e a catholicidade brasileira demonstre que vive e cresce disposta a tudo empregar pela gloria e para a salvação moral da nossa Patria.

LETRAS CATHOLICAS

JONATHAS SERRANO

TASSO DA SILVEIRA — *Cantico do Christo do Corcovado*—Ed. Jorja—1931, Rio. *Discurso ao Povo Infiel* — Liv. Catholica. Rio, 1933.

Um dos capitulos mais dignos de releitura do livro já velho e sempre interessante de Guyau sobre a Arte é aquelle que trata da sympathia e da sociabilidade na Critica. E, entre varias outras observações nobres e profundas, esta merece especial registo: "Quem trata um livro como um transeunte, com a indiferença distrahida e malevola do primeiro relancear de olhos, jamais o comprehenderá verdadeiramente; pois o pensamento humano, assim como a propria individualidade de um ser, precisa ser amado para ser comprehendido". E Guyau não hesitou em escrever que "aos literatos, não menos que aos philosophos, convem applicar o preceito por excellencia da moral: amae-vos uns aos outros" (*L'Art au point de vue sociologique*, 11.^a ed., pag. 51). E a critica dos defeitos parecia-lhe, embora necessaria, inferior á das bellezas, — esta sempre mais complexa e com um objectivo muito mais alto.

Recordamos nós mesmo, a proposito de Jackson e do nosso direito de apreciá-lo com sympathia de amigo, a velha anecdotia do lojista a quem o freguez, dizendo-se amigo da casa, pedia abatimento. Elogios de amigo sempre despertam desconfianças; mas por que seremos tão credulos para censuras e criticas filhas da inimizade? Arguir de suspeição a sympathia e considerar imparcialidade a ojeriza maledicente — será o que quizerem, menos logica e critica serena, scientifica, objectiva.

Para emprestar á materia umas apparencias de rigor mathematico, poderiamos figurar uns tantos valores variaveis, em formulas geraes.

Assim, por exemplo, teriamos :

A = sympathia pelo autor

- B = sympathia pela obra
 — A = antipathia pelo autor
 — B = antipathia pela obra

O proprio B poderia ser decomposto :

$$\begin{aligned} B &= C + D \\ C &= \text{sympathia pelo assumpto} \\ D &= \text{sympathia pela fórma} \end{aligned}$$

E assim por deante.

Ora é obvio que A + B exprimem a melhor hypothese, a da sympathia total, pelo autor e pela obra, no fundo e na forma :

$$A + B = S \quad (1)$$

Ja não assim outras hypotheses possiveis, de sympathia parcial ou diminuida :

$$A - B < S \quad (2)$$

ou

$$-A + B < S \quad (3)$$

A hypothese — A — B = — S seria a negação da sympathia, isto é, a antipathia completa.

E' claro que a hypothese (1) é a mais desejavel. O caso (2) é frequente, sobretudo se distinguirmos os valores C e D, fundo e forma. Quanto á terceira hypothese (3), é psychologicamente, difficil, e por isto mesmo rara: a antipathia pelo autor influe quasi sempre de modo prejudicial na apreciação da obra.

Deixemos, porém, estas complicações de apparencia algebrica, extravagantes aos olhos do leitor commum. O grande erro seria, na critica e em todo o vasto campo da psychologia applicada, confundir o qualitativo com o quantitativo, suppondo-se tudo arithmeticamente mensuravel. Fica entretanto, dessas formulas aridas, um pouco de vida e uma lição opportuna: a sympathia, parcial ou total, é indispensavel a quem quizer julgar uma obra com verdadeira critica.

Surge aqui uma objecção que parece insolavel: então não poderiamos criticar os nossos adversarios sem agravantes injustiças, Responda a experiencia. Todavia ha, para nós christãos, um motivo bastante forte para produzir ao menos um minimo de sympathia em qualquer hypothese: o preceito evangelico, o imperativo da caridade, o amor fraterno ao proximo, em Deus e por Deus.

Interficite errores, diligite peccatores. Aqui mesmo eu já lembrei que S. Thomas discute se nos proprios demonios não haverá algo de bom: e responde *cum daemones sint substantiae*

intellectuales, nullo medo possunt habere inclinationem naturalem in aliquod quo cumque malum. Et ideo non possunt esse naturaliter mali (Summa, I—LXIII, 4, 0).

Exemplo maximo de serenidade critica e de espirito verdadeiramente christão. E naquelle medio evo tão mal apreciada ainda hoje.

* * *

Dir-se-ia, porém, que tudo isto é materia absolutamente estranha aos poemas de que me proponho occupar nesta chronica. Eu explicarei porque lembro essas difficuldades inherentes á critica.

Nas modernas correntes litterarias, maximé no dominio da poesia, o desentendimento de autores e criticos provém quasi sempre de não se collocarem, nem uns nem outros, no ponto de vista de uma longa sympathia humana mas, ao contrario, de se fecharem hermeticamente em seus cenaculos ou igrejas, que ás vezes são simples capellinhas modestas e pretendem ser cathedraes.

Apreciando a obra de Tasso da Silveira, sentimo-nos felizes ao verificar que, nas formulas que imaginamos, A é sempre de valor positivo. Quanto a B, se diminue ás vezes (e aqui conviria subdistinguir C e D, jamais se torna negativo, nem sequer se annulla

Isto posto, é com a maior sinceridade que diremos das nossas impressões de leitura, quer do *Cantico do Christo do Corcovado*, quer do *Discurso ao povo infiel*. Impressões de leitura, note-se bem; porque do primeiro tivemos tambem, em 1931, a impressão muito mais viva, pessoal, directa, auditiva sobretudo, porque o Autor o leu em uma das sessões solemnes da semana do Christo Redemptor. E todavia preferimos a impressão de leitura silenciosa, meditada, sem effeitos declamatorios, procurando o proprio leitor descobrir o rithmo das phrases e das ideas. Penso que ha poemas sobremaneira destinados á magia sonora, ao encanto musical do ouvido e estes cumpre recita-los, e bem, para que sejam apreciados. Outros existem — e os de Tasso da Silveira são desta especie — para serem lidos e escutados mentalmente, em rithmos silenciosos, em penumbra espiritual, sem exteriorizações puramente verbaes.

O *Cantico do Christo do Corcovado* é a expressão do estado psychico, em verdade excepcionalmente complexo, do Poeta, — afinal tocado pela graça irresistivel e consoladora, — cheio de fé, a vibrar de emoção naquelles dias de rara formosura christã. E' natural que em seu proprio eu se mesclem, mais ou menos confusamente, o seu caso individual e o caso mesmo do Brasil. E' natural que Tristão de Athayde, — tambem de ha pouco integralmente conquistado pela graça — melhor

que outros sentisse a belleza interior do poema. A muitos, incapazes de *sentir* essas realidades de outra ordem, pareceria acaso um bello thema opportuno para variações de um estheta já consagrado por anteriores poemas.

O *Discurso ao povo infiel* não pode offerecer a criticos, mesmo superficiaes, um pretexto para tal supposição. Só um crente, convencido integralmente do seu credo e já possuido da chamma do amor evangelico, impaciente de expandir-se, de agir sobre outros corações, — só uma alma totalmente christã poderia conceber e realizar tal *poema*. Assim lhe chamamos porque assim o considera o proprio Autor e como tal o incluye na sua obra. Não discutiremos o titulo: o vocabulo admite, entre muitos, este matiz um tanto subtil de significação. Dizemos desta maneira para não o tomar, prosaicamente, no sentido proprio. Mas não occultaremos a nossa perplexidade ante certos trechos, este por exemplo (pag. 16):

— *o verdadeiro inimigo, que é aquelle que se oppõe ás nossas profundas totalizações brasileiras* —

ou este outro (pag. 12)

— *porque a vistes, esplendida, servindo ás advocacias inconfessaveis* —

ou (mesma pag.)

— *E' preciso, no emtanto, brasileiros, é absolutamente necessario* —

São expressões, no meu sentir, de todo prosaicadas, que caberiam num discurso, mas destoantes da belleza altamente poetica de outros topicos e da concepção geral deste seu *Discurso*. Bem sei que ao escrever taes palavras dou a impressão de não comprehender as novas doutrinas estheticadas. Pergunto, porém: por que então conservar a preocupação meramente graphica do *verso*, isto é da linha, não direi *metrificada*, mas ao menos *rithmada*? Por que, por outro lado, não escrever tambem assim certos trechos em prosa? Mas afinal que é prosa? que é verso? ou antes, que é poesia? Emoção? sentimento? suggestão apenas? balbucio? Mas como justificar certas expressões eruditas e certas formulas abstractas, de ordem puramente racional e não emotiva?

Seria ridiculo desconhecer o que existe de alta e fina poesia em qualquer trabalho de Tasso da Silveira. Só quizera eu saber porque não se emancipa um tão bello espirito dessa ultima tyrannia, que é a Moda, no recinto duas vezes sagrado da Poesia Christã.

CHRONICA POLITICA

(De 18 — 12 — 1932 a 17 — 1933)

H. SOBRL PINTO

Seria negar a evidencia contestar que o paiz viveu, durante annos ininterruptos, á espera de transformação social completa em todos os ramos da sua actividade. Dos quadrantes mais oppostos ouviam-se reclamos insistentes de reformas radicaes. Mesmo espiritos os mais equilibrados, que actuavam com prudencia no seio da communitate brasileira, não temiam apontar a necessidade de profundas modificações, a lição organismo social, invocando, em abono das suas reivindicações, a lição historica da experiencia, fixada, em formula lapidar, por Charles Périn (LES LOIS DE LA SOCIÉTÉ CHRÉTIENNE, vol. 1.º, pags, 235-236): "A sociedade passa, como o individuo, por diversas idades. Ella tem debeis começos; só pelo curso do tempo é que chega a seu pleno desenvolvimento, e attinge o seu estado de perfeição.

A humanidade começou pela familia, e se viu constituida, a principio, sob a forma de sociedade domestica. Crescendo sob a benção divina, multiplicou as suas familias; as familias reunidas formaram sociedades publicas. Mas a propria vida publica não tem sempre a mesma forma. Ella se inicia sob o estado patriarchal, se desenvolve e recebe os seus verdadeiros caracteres na cidade, e a cidade, por sua extensão natural, torna-se povo ou nação.

E' o proprio curso das cousas que produz estas transformações. "E' tão natural á familia, diz Ventura, tornar-se familia e sociedade, como é natural á semente surgir como haste, tornar-se tronco, e não parar senão no estado de arvore, que se desabrocha numa infinidade de galhos".

Tal é a marcha regularmente ascendente das sociedades humanas". Anteriormente a 1930, — comparando as exposições theoricas dos conceitos de democracia, regimen representativo, liberdade politica, autonomia estadual, separação e independencia de poderes, e tantos outros, feitas em discursos, conferencias e programmas, pelos vultos de maior responsabilidade do regimen, com as realizações praticas por elles levadas a effeito quando no governo — a Nação apurava, com indignação justificada, a contradicção immensa que ia entre a palavra e a acção desses typos representativos da politica nacional. Parecia-lhe, assim, que o progresso das instituições, que nos regiam, não tinham a evolução ascendente que a cultura do povo reclamava, e as necessidades do bem estar geral impunham, porque toda uma cohorte de homens mediocres ou perversos havia-se apoderado das posições de mando, que exploravam em proveito dos interesses seus e do seu grupo, com manifesto detrimento das justas aspirações da nacionalidade.

Cumpria, pois, derrubar e vencer os homens publicos que haviam, pela fraude eleitoral por elles manejada com rara habilidade, assaltado essas posições, afim de que nellas tivessem assento dirigentes de mentalidade sadia, que considerassem o exercicio da autoridade como forma a mais elevada de servir, com sacrificio de todos os interesses particulares, ao bem publico da collectividade.

Foi por isto que a Alliança Liberal, formada sob a capa da necessidade da regeneração immediata dos nossos costumes politicos, viu, desde o inicio, engrossadas as suas hostes pela adhesão espontanea dos expoentes mais legitimos da opinião publica do paiz. Ella traduzia, com admiravel intuição da realidade brasileira, o sentir geral de todos os que, dentro das nossas fronteiras, se viam batendo, com pureza ingenua, contra a constante deturpação do regimen representativo adoptado pela Constituição de 1891. O proprio sr. Getulio Vargas assim já o proclamou (Manifesto á Nação, JORNAL DO COMMERCIO, de 15 de Maio de 1932): "Os futuros historiadores ao retraçarem este periodo agitado da vida brasileira, distribuirão, certamente, a esta agremiação politica seu verdadeiro papel: dar forma transitoria ás aspirações populares e permittir que, num ambiente social de contacto difficil e lento, como o nosso, se constituísse a unidade que impediu a resistencia do governo e destruiu, em torno d'elle, todos os reductos da legalidade".

Mas, qual o objectivo que a Nação tivera ao ingressar, em massa, nas fileiras dessa agremiação politica? Ninguem, melhor do que o sr. Getulio Vargas, definiu com tamanha precisão os ideaes que levara a nacionalidade a estimular, com ardor decidido, os dirigentes alliancistas na campanha das suas reivindicações politicas: "O que antes de tudo, caracterizava e limitava o movimento representado pela Alliança", — reconheceu S. Exa. (Ibid.) — "era o plano das reivindicações propriamente partidarias, circumscripto á adopção de novo systema eleitoral e a objectivos constitucionaes immediatos, procurando resolver, dentro do regimen e da ordem de cousas estabelecidas, o problema central da politica brasileira, que consistia NO DIVORCIO CONSUMMADO ENTRE O GOVERNO E A NAÇÃO.

Quebrara-se a unidade, até então mantida pelas classes dirigentes, permittindo que UMA FRACÇÃO DELLAS TOMASSE O PARTIDO DAS ASPIRAÇÕES POPULARES. TRATAVA-SE DE UM MOVIMENTO POLITICO E ELEITORAL, desencadeado dentro dos moldes existentes. ORIENTAVA-O, AINDA, O ANTIGO PURITANISMO DOS PROPAGANDISTAS DA REPUBLICA, QUE, ATRAVÉS DOS COMICIOS E DA VOZ INFLAMADA DE SEUS ARAUTOS, REAGIA CONTRA O FALSEAMENTO DO PADRÃO CONSTITUCIONAL DE 91".

Quando, nestas condições, o sr. Getulio Vargas surgiu, á frente de numerosa tropa, proclamando que o movimento armado, a que dera inicio, em 3 de Outubro, era "UMA CONTRA-REVOLUÇÃO PARA READQUIRIR A LIBERDADE, PARA RESTAURAR A PUREZA DO REGIMEN REPUBLICANO, PARA A RECONSTRUCÇÃO NACIONAL" (*Manifesto á Nação, in A NOVA REPUBLICA*, por Amador Cysneiros, pag. 74), o paiz todo o apoiou sem restricção, applaudindo, com ardor e entusiasmo, o seu gesto energico e corajoso.

Com a victoria, entretanto, o sr. Getulio Vargas se esqueceu, rapidamente, das suas promessas solemnes. Proclamado dictador, que reúne no só arbitrio da sua vontade todas as faculdades soberanas inherentes aos poderes Legislativo e Executivo (*Art. 1.º do Decreto nº 19.398, de 11 de Novembro de 1930*), o sr. Getulio Vargas entrou a descobrir que o caso brasileiro envolvia "problema... mais profundo e mais amplo. Fracassava o regimen e não apenas os homens e os partidos. A obra politica creada deixara a Nação fóra do Estado e a reacção annunciava-se inevitavel. Os pronunciamentos da opinião publica, provocados pela campanha liberal, ultrapassavam as formulas que ella propunha. Sentia-se, nas correntes propulsoras do movimento da Alliança, marcado desinteresse pelas suas manobras estrategicas e resultados de character politico, PORQUE SE INCLINAVAM, FRANCAMENTE, Á SOLUÇÃO MAIS EXTREMADA, DE ORDEM SOCIAL E ECONOMICA" (*Manifesto á Nação, in JORNAL DO COMMERCIO, de 15 de Maio de 1932*).

O proposito, assim, do sr. Getulio Vargas, depois que se viu elevado ás culminancias do poder supremo, já não era mais o de restabelecer, na pureza dos seus preceitos, o regimen republicano federativo, que, na opinião de S. Exa., os seus adversarios politicos haviam prostituído.

O que passou a ser para o sr. Getulio Vargas, após a victoria de Outubro, necessidade indeclinavel, foi o prolongamento do periodo dictato-

rial, que "tem sido util, permittindo a realização de certas medidas salvadoras, de difficil ou tardia execução, dentro da orbita legal. A maior parte das reformas iniciadas e concluidas não poderiam ser feitas em um regimen, em que predominasse o interesse das conveniencias politicas e as injuncções partidarias" (Ibid.).

Essa mutação, inesperada, da finalidade do movimento de Outubro mergulhou a alma da Nação na mais angustiosa das decepções. Em vez do restabelecimento da lei todo mundo assistiu á enthronização do arbitrio. A' violencia dos vencidos fizeram succeder o odio concentrado dos vencedores. No lugar do direito collocaram a força bruta. E, deste modo, quando todos julgavam que ia ter inicio, em terras brasileiras, o reinado da paz e da tranquillidade sociaes, o que de facto se instaurou, no seio da communitade nacional, foi o regimen da divisão dos espiritos, e o da des-harmonia dos corações.

Responsaveis por esse engano funesto, em que incidimos todos, são sobretudo os homens de pensamento que não esclareceram aos seus concidadãos de que "a palavra revolução tem dois sentidos: uns dizem que ella quer dizer: JUSTIÇA, e os outros que ella significa: O MAL.

Pois bem, se a revolução é a Justiça, sejamos todos pela revolução. Se a revolução é a violencia e o sangue dos irmãos que mutuamente se degolam, sejamos todos contra a revolução" (Gratry, LA MORALE ET LA LOI DE L'HISTOIRE, vol. 2.º, pags. 171-172).

Neste segundo sentido *revolução* significa "o reino physico e tumultuoso dos mais violentos, dos mais audaciosos, dos mais embriagados, substituidos em cada districto e em cada rua ao reino da lei" (Ibid., pag. 178) implicando, por isto, "a oppressão das consciencias e das intelligencias a absorpção de toda a vida, de todo o poder e de todo o movimento na mão do poder central" (Ibid.).

Quando a revolução toma esse rumo ella é, evidentemente, synonymo de "ruina, vegronha, escravidão, e agonia social" (Ibid.).

Como se explica que movimento civico da envergadura desse que foi a Revolução de Outubro de 1930, que se fez com o assentimento unanime, por assim dizer, da vontade nacional, se tenha transformado, da noite para o dia, no torvo acontecimento que vem trazendo triste e agoniada toda a nacionalidade?

Pela falsa visão dos homens publicos, que, collocados accidentalmente nos quadros da opposição ao sr. Washington Luis, não conseguiram enxergar, em virtude da irritação que os assaltara, "a seita, ou se se quer, a raça que perturba a marcha das nações em todos os tempos, mas sobretudo hoje.

A raça audaciosa dos violentos, dos tyrannos, dos escolerizados, que não comprehenderam jámais a existencia de nenhuma lei, nem social, nem moral, nem logica" . . . (Ibid., pag. 179).

Qual a caracteristica dessa raça satanica, que adora a força e menospreza o direito? Como costuma ella operar? — Illustre sociologo christão fixou em formulas precisas os methodos dessa raça maldita: "Não é ella que, mal se opera, no mundo, um movimento, d'elle se apodera, para perverte-lo, desvia-lo, quebra-lo? Se caminhaes, ella vos força a correr; se correis, ella vos empurra sobre o declive, vos impelle, vos faz perder o equilibrio, e vos rola até o fundo do abysmo. E por abysmo eu comprehendo o abysmo real, este fundo sangrento, desesperado, no qual mutuamente todos se degollam" (Ibid., pag. 181).

O paiz vive agora as horas mais amargas de toda a sua historia de povo independente. Os proprios responsaveis por este regimen discricionario, que nos governa, não têm coragem de esconder a gravidade da nossa situação. Falando no seio da Sub-Commissão do ante-projecto de Constituição, na 16.ª sessão, realizada em 2 de Janeiro de 1933 (DIARIL OFFICIAL, de 9 de Janeiro, pag. 491) confessava o sr. Oswaldo Aranha: "Não se duvide DE QUE O PAIZ ESTÁ ATRAVESSANDO UMA ÉRA DE PROVAÇÕES, QUE NÃO SE ENCERROU COM O FIM DA REVOLUÇÃO DE SÃO PAULO E NEM SE SABE QUANDO SE ENCERRARÁ".

Onde encontrar o remedio adequado para fazer cessar essa febre de anarchia e de desordem, que está a consumir, como nas molestias infecciosas, todas as energias do organismo nacional? A quem se dirigir, neste momento dramatico, afim de implorar, em nome do bem commum da collectividade, que estirpe do seio dos conselhos de governo esses elementos ridiculos e presumçosos, que, como o sr. Washington Pires, Ministro da Educação, só sabem aninhar propositos e organizar programmas administrativos, cujo unico resultado effectivamente attingido é desmoralizar ainda mais a já muito desmoralizada autoridade publica?

Nada retrata melhor a mentalidade pedagogica larval desse politico mineiro do que o discurso que proferiu numa das sessões da 5.^a Conferencia Nacional de Educação.

Após desmerecer, como é de praxe entre nós, a obra dos seus antecessores, o sr. Washington Pires, com a convicção propria dos espiritos primarios, entra e expõe o seu vasto programma de governo de cuja realização vae resultar, segundo elle pensa, a transformação do Brasil, obscurantista e atrasado, em paiz illuminado e progressista: "Eu vos direi em traços muito geraes o meu pensamento sobre a nova organização administrativa que estudo: pretendo compôr a nova Directoria Geral da Educação e quatro secções de character technico.

Na primeira, penso incluir o ensino primario, o ensino normal e o ensino commercial; na segunda, quero vêr se é possivel se accommodarem o ensino secundario e o ensino superior; na terceira, caberão bem o ensino no EMENDATIVO, o ensino artistico e o ensino technico-profissional; na quarta, vou tentar fazer a BIOTIPOLOGIA, a educação physica, a PSYCO-TECHNICA e a orientação profissional". (JORNAL DO COMMERCIO, de 31 de Dezembro de 1952).

Pelo que ahi está, vê-se logo que o sr. Washington Pires pretende reduzir a Pedagogia a um simples ramo da sciencia biologica. O homem para S. Ex. é apenas animal aperfeiçoado, e a sua educação, por isto, só se faz medindo, contando, e pesando todas as suas faculdades intellectuaes e volitivas, tal como se procede, nos laboratorios biologicos, com as funcções physiologicas do corpo humano.

Tal é a concepção que o nosso Ministro de Educação tem da sciencia pedagogica. E para que não haja a menor duvida sobre a sua orientação, a cerca destes assumptos, acrescenta S. Ex., no discurso acima referido: "Estando o serviço de saude conjugado aos da educação, pareceu-me que me incumbiria, ao lado dessa organização administrativa que quero formar, cuidar, tambem, no campo da saude publica, da organização de um APPARELHO COMPLEMENTAR QUE VIESSE, PARALLELAMENTE A ESTA, DAR-LHE ARRIMO E FORTALECER A SUA ACÇÃO.

CUIDO, ENTÃO, DE, NO SERVIÇO DE SAUDE PUBLICA, TENTAR CRIAR A ASSISTENCIA MEDICO-SOCIAL.

Nesta Assistencia medico-social, a par de outros serviços estarão os de exame pre-nupcial, de assistencia pre-natal, das maternidades, das crèches e dos lactarios, deverá ainda ahi figurar um instituto de psychologia, afim de que possamos, de logo, ORIENTAR O ADOLESCENTE PARA QUE ELLE NÃO PERCA TEMPO, para que elle não venha a ser um fracassado, para que o paiz não se resinta de suas deficiencias, no futuro" (Ibid.).

No entender, assim, do sr. Washington Pires, tudo, nos dominios da educação da infancia, se reduz principalmente, a uma questão puramente clinica. Verificada a saude organica dos candidatos ao casamento, apurada a perfeita normalidade physiologica da gravidez, certificada a capacidade sensitiva da criança para este ou aquelle ramo de actividade, assegurada estará a felicidade do paiz, porque todos os seus subditos mostrar-se-ão aptos para exercer as profissões que lhes forem indicadas pelos pedagogos officiaes.

A salvação, portanto, da nacionalidade, já não está mais nas mãos da religião e da moral, mas tão somente na actuação, constante e consciante, dos cultores da biologia e da clinica, alicerces fundamentaes da pedagogia.

Tamanha é, a este respeito, a convicção do sr. Washington Pires, que julga ser do seu dever affrontar, com desabrimento, a orientação daquelles que, na escolha das profissões, admittem no individuo, o impulso interior a que se dá o nome commum de *vocação*. Eis, sobre isto, a theoria do sr. Washington Pires: "Com a nossa indole, COM AS NOSSAS CONVICÇÕES RELIGIOSAS, com os nossos regimens sociaes, parece, a principio, quasi impossivel de vencer. Não me encommodo senhores, com essa face do problema, deixarei ahi lançada a idéa. Outros virão amplia-las, modifica-las, e até mesmo rejeita-las, não me importa isso.

Certamente, alguma coisa ficará, porque sem a *psycotechnica*, sem a orientação profissional, continuaremos com as matriculas, ao sabor do que chamamos *vocação*, como resultado de uma suggestão do meio, da actuação directa daquelles que têm interesse em conseguir a *vocação*. Temos que encarar o problema vocacional como uma determinante, uma consequencia organica a que não haverá, nunca de se oppôr embargos. Emquanto não tivermos o alumno a ingressar nos cursos superiores, em consequencia de sua ficha orientadora, emquanto esse alumno não estiver predeterminado por uma orientação scientificamente estabelecida, teremos sempre o fracasso de bachareis medicos, de engenheiros pharmaceuticos, de dentistas, SACERDOTES, DE SACERDOTES QUE FORAM PARA SUA DIRECÇÃO IMPULSIONADOS, NÃO PELAS SUAS DETERMINANTES ORGANICAS, MAS SÓ PELAS DETERMINANTES DO MEIO" (Ibid.).

E' de edificar! A *vocação* encarada como DETERMINANTE ORGANICA! Foi preciso que se fizesse revolução sangrenta, se invertesse toda a ordem juridica da nação, e se derrubassem todos os valores sociaes, que influíam na direcção dos nossos negocios publicos, para que presenceasse o paiz o espectáculo inedito de ver um Ministro proclamar essas sandices, que acabamos de apontar, e que compromettem, irremissivelmente e para sempre, os creditos intellectuaes do sr. Washington Pires, cuja audacia, por outro lado, o impede de se mostrar reservado a respeito daquillo que não entende.

Por um dos trechos do seu discurso, acima transcripto, verifica-se que S. Ex. suppõe que a *vocação* sacerdotal é o simples resultado daquillo que chama "determinantes do meio". Se o sr. Washington Pires velasse melhor os direitos da verdade, não tardaria em saber que, segundo a preceituação da Igreja, nos seminarios "não se deve admittir aquelles cujo character ou intenção não permittam esperar que elles se votem com utilidade ao ministerio ecclesiastico" (A. Tilloy, DROIT CANONIQUE, vol. 1.º, pag. 251).

Percorra S. Ex. os artigos do Codigo do Direito Canonico, e verá, com clareza, que, na hierarchia ecclesiastica, não se sobe até ao sacerdocio com a mesma facilidade com que, na hierarchia politica, se ascende ao posto de ministro.

"Para receber licitamente as ordens", — expõe um canonista (Adrien Cance, LE CODE DE DROIT CANONIQUE, vol 2.º, pag. 383) — "é preciso: 1.º — ter a *vocação divina* e canonica; 2.º — achar-se em *estado de graça*; 3.º — ter a intensão de se elevar até ao sacerdocio; 4.º — ter recebido a confirmação; 5.º — ter procedimento condigno da ordem a receber; 6.º — ter a idade canonica; 7.º — possuir a *sciencia* necessaria; 8.º — ter recebido as ordens inferiores; 8.º — observar os intersticios; 10.º — ter, se se trata de ordens maiores, um titulo canonico".

Esse mesmo canonista, um pouco mais adeante, ao estudar cada uma destas condições, accentua: "Antes de conferir a alguém as *ordens sagradas*, o Bispo deve ter adquirido, por *provas positivas*, a *certeza moral* de que a pessoa tem as qualidades exigidas pelo direito do modo contrario não somente elle pecca *gravissimamente*, mas, ainda, se expõe ao perigo de cooperar nos peccados de outrem" (Ibid., pag. 384).

Os que conhecem os dispositivos do Direito Canonico sobre ordenação ecclesiastica, sabem que nenhuma instituição existe que, relativamente aos candidatos aos grãos da sua hierarchia, faça tantas exigencias, e in-

stitua tantas provas de experimentação como as que são estabelecidas pela Igreja para os pretendentes ao sacerdócio.

Infelizmente, essa ignorância que o sr. Washington Pires acaba de revelar sobre materia de tamanha gravidade, como é essa da vocação, está assumindo, no que diz respeito ao rumo dos nossos dirigentes, proporções verdadeiramente alarmantes.

O recente discurso do sr. Fernando de Azevedo, na V Conferencia Nacional de Educação, sobre o "O Estado e a educação" (JORNAL DO COMERCIO, de 1 de Janeiro de 1933), é bem a demonstração dos perigos que, em materia de ensino, ameaçam a nacionalidade, que se viu presa, de uma hora para outra, de toda uma legião de professores petulantes e presumidos, que supõem estar na posse de todos os segredos daquillo que, na sua linguagem arrogante, chamam o "dominio scientifico" da educação.

Para se ter impressão exacta da mentalidade dessa gente, basta attentar-se neste trecho do discurso do sr. Fernando de Azevedo: "Accusar de tentarem contra o papel da familia na educação aquelles que reconheceram e proclamaram o facto de que a funcção educacional tende a transferir-se para a sociedade politicamente organizada, seria na verdade o MESMO QUE ACCUSAR, COMO RESPOSNAVEL PELA CHUVA OU PELA SECCA O SCIENTISTA QUE, NOS SEUS OBSERVATORIOS, PROGNOTICOU ESSES PHENOMENOS METEREOLÓGICOS. As instituições sociaes, que variam de accordo com as formas de estructura social determinadas pelas condições da existencia collectiva, estão, de facto, sujeitas a todas as contingencias de tempo e de lugar, atrophando-se, como a familia, ou desenvolvendo-se como o Estado, e desaparecendo como as formas ou typo de sociedade que lhes deram origem e a que, ás vezes, ultrapassam como sobrevivencia social" (Ibid.).

Nessa affirmacão o sr. Fernando de Azevedo deu a exacta medida da sua solercia. Sabe perfeitamente esse professor que ninguem o accusou pela circumstancia de ter reconhecido o *facto* de, no mundo moderno, esforçar-se o Estado por absorver os direitos da familia sobre a educação das crianças. O que mereceu a critica de todos os que se interessam, de baixo do ponto de vista christão, pelas questões pedagogicas, foi a attitude de declarar que agindo, como vem agindo o Estado moderno, em materia de educação, elle está exercendo um direito incontestavel. O que se discute, — e o sr. Fernando de Azevedo tem disto consciencia exacta — é se o Estado *deve* ou *não* continuar a praticar esse *facto* da absorpção dos direitos da familia.

Se essa confusão propositada entre o *direito* e o *facto* já não fosse sufficiente para definir, com toda a segurança, a attitude tortuosa do sr. Fernando de Azevedo, ahi, nesse mesmo trecho, elle nos offerece, por outro lado, prova inequivoca da petulancia das suas intenções com pretender equiparar a sciencia pedagogica, que é de natureza moral, com a sciencia metereologica, que é de natureza physica, e que estuda, por consequencia, phenomenos que independem absolutamente da vontade do scientistista. O metereologista não póde impedir que a chuva caia ou deixe de cair, mas o pedagogo póde, com as suas lições e o seu exemplo, fazer de uma criança ou um homem de bem, ou uma criatura depravada.

Não admira, no sr. Fernando de Azevedo, esse procedimento de agora, quando o vemos sustentar, no transcurso de apenas um anno, pontos de vista diametralmente oppostos.

Nesta conferencia, que está a merecer estes nossos breves reparos, entra o eminente professor a affirmar: "... se a vida social é uma successão ininterrupta de transformações e instituições, que surprehendem pela complexidade dos factos, e pela riqueza de variações, dentro da unidade fundamental do homem e de accôrdo com as condições de tempo e de lugar, e cujo estudo cresce de interesse á medida que se alarga o campo de investigações; "prolongar *idealmente* a evolução social fóra do dominio das investigações positivas", seria arriscar-se O SOCIOLOGO A PÔR A SCIENCIA NA DEPENDENCIA DE SYSTEMAS PHYLOSOPHICOS, COM OS QUAES PODEM

ENTRAR EM CONFLICTO OS FACTOS OBJECTIVAMENTE EXAMINADOS E INTERPRETADOS.

E' NESSE PONTO DE VISTA OBJECTIVO, QUE SE COLLOCAM, PARA EXAMINAREM A QUESTÃO DA INTERFERENCIA DO ESTADO EM MATERIA EDUCACIONAL, OS QUE REDIGIRAM E ASSIGNARAM O MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA" (Ibid.).

Como se lê, o sr. Fernando de Azevedo é categorico na proscricção de todo e qualquer systema philosophico, em materia de educação. Para esse professor o que importa é a objectividade, O pedagogo deve observar a realidade, não lhe sendo licito, de forma alugma, scientista que é, partir, quando entra a estudar o phenomeno edudacional, de quaesquer concepções philosophicas.

Pois bem, esse mesmo Fernando de Azevedo, dirigia com outros, em 19 de Março de 1932 (DIARIO DE NOTICIAS) um manifesto ao Governo e ao povo brasileiro, no qual asseverava, solemne e categoricamente: "TODA A EDUCAÇÃO VARIA SEMPRE EM FUNÇÃO DE UMA "CONCEPÇÃO DA VIDA", REFLECTINDO, EM CADA EPOCA, A PHILOSOPHIA PREDOMINANTE que é determinada, a seu turno, pela estructura da sociedade. E' evidente que as differentes camadas e grupos (classes) de uma sociedade dada terão respectivamente opiniões differentes sobre a "concepção do mundo", QUE CONVEM FAZER ADOPTAR AO EDUCANDO e sobre o que é necessario considerar como "qualidade socialmente util". O fim da educação não é, como bem observou G. Davy, "desenvolver de maneira anarchica as tendencias dominantes do educando; SE O MESTRE INTERVEM PARA TRANSFORMAR, ISTO IMPLICA NELLE A REPRESENTAÇÃO DE UM CERTO IDEAL Á IMAGEM DO QUAL SE ESFORÇA POR MODELAR OS JOVENS ESPIRITOS". ESSE IDEAL E ASPIRAÇÃO DOS ADULTOS torna-se mesmo mais facil de apprehender exactamente QUANDO ASSISTIMOS A SUA TRANSMISSÃO PELA OBRA EDUCACIONAL, isto é, PELO TRABALHO A QUE A SOCIEDADE SE ENTREGA PARA EDUCAR OS SEUS FILHOS. A QUESTÃO PRINCIPAL DAS FINALIDADES DA EDUCAÇÃO GIRA, POIS, EM TORNO DE UMA CONCEPÇÃO DA VIDA, DE UM IDEAL, A QUE DEVEM CONFORMAR-SE OS EDUCANDOS, e que uns consideram abstracto e absoluto, e outros, concreto e relativo, variavel no tempo e no espaço".

Temos, pois, o *sim* e o *não* affirmados pelo sr. Fernando de Azevedo, com a mesma emphase, e a mesma apparencia de convicção arraigada.

Com este procedimento, este illustre professor acaba de dar publico testemunho de que lhe falta a mais importante de todas as virtudes do verdadeiro educador, pois que, como muito bem accentuou Richter, nisto acompanhado por Francisco Guex (HISTOIRE DE L'INSTRUCTION ET DE L'EDUCATION, pag. 453): "A qualidade essencial do educador, É A SINCERIDADE: É PRECISO QUE ELLE ACREDITE NO QUE DIZ".

Parece que a Revolução de Outubro se tornou victoriosa, porque a Providencia Divina tinha justo empenho de revelar ao paiz a insinceridade de todos os que, por força dos acontecimentos della decorrentes, teriam de ser elevados ás mais altas posições na esphera administrativa.

Foi o que succedeu, por exemplo, com o Major Juarez Tavora.

Todos se recordam da attitude desse militar revolucionario, no momento em que a legalidade sossobrava sob a acção conjugada da opinião publica e das forças militares, contra ella sublevadas. Nesse instante, em que o prestigio do, então, Capitão Juarez Tavora se estendia, magnifico e sem contraste, sobre todo o territorio nacional, elle não encontrou outra formula capaz de provar a pureza das suas intenções, senão a de se conservar afastado de quaesquer posições politicas ou administrativas, entre as muitas que são o constante objecto da cobiça dos revolucionarios ambiciosos, que, antes de cuidar dos interesses do paiz, cogitam da sua propria situação. Ha mesmo um episodio, que foi, na epoca, enaltecido desmedidamente pelos admiradores do chefe revolucionario nortista e que convem ser agora recordado.

Estava o Capitão Juarez Tavora a conferenciar, pelas linhas telegraphicas, com o sr. Moniz Sodré, quando "chegou á estação telegraphica do Cattete", — narra o O GLOBO, de 27 de Outubro de 1930, edição da tarde

— “o sr. Mauricio de Lacerda. O vibrante tribuno dirigiu calorosa saudação ao valoroso cabo de guerra e solicitou ordens. Este, então, respondeu: “O General Juarez Tavora retribue affectuosamente os cumprimentos de Mauricio de Lacerda e diz que seu endereço pode ser simplesmente São Salvador ou onde estiver, pois está constantemente ligado com as estações do Telegrapho Nacional de todas as capitães do Norte. Por ora sua orientação será pugnar pela necessidade do estabelecimento de uma dictadura transitoria que permitta ao novo governo desfazer-se commodamente dos monstruosos precedentes legaes capazes de entrar dentro do regimen constitucional a obra de saneamento e moralização politica, judicaria, administrativa. PUGNA AINDA PELO DEVER DE TODOS OS MILITARES QUE TOMARAM PARTE NO MOVIMENTO RECUSAREM QUALQUER POSTO, PEQUENO OU GRANDE, NO NOVO GOVERNO, POIS SÓ ASSIM TERÃO A FORÇA MORAL BASTANTE PARA VETAR OS NOMES POLITICOS QUE JULGUEM INCAPAZES DE BEM REALIZAR AS ASPIRAÇÕES REVOLUCIONARIAS, que são as aspirações nacionaes”.

Segundo, pois, a convicção desse revolucionario, para que elle e os seus companheiros de armas não viessem a perder a autoridade moral de bem orientar e conduzir os destinos do paiz, era indispensavel que não acceitassem, fóra das fileiras, quaesquer postos de responsabilidade.

Agora, depois que, a 24 de Dezembro de 1932, o Major Juarez Tavora se empossou no cargo de Ministro da Agricultura desse mesmo Governo dictatorial, que ajudou a instituir, em Outubro de 1930, não seria o caso de se dizer ao eminente soldado que a Nação Brasileira, não tendo ainda esquecido aquella sentença, por elle proprio proferida ha dois annos, acolheu, com sorriso ironico, estas palavras tão inopportunas do seu discurso de posse: “Hoje a minha consciencia me diz, entretanto, que eu seria passivel de censuras, se me negasse á collaboração directa que o governo revolucionario, prestes a encerrar-se, me pede, neste posto de grandes responsabilidades.

Não o faço, porém, seduzido pelas honrarias do cargo, nem por apego aos seus proventos de natureza material, porque não preciso, mercê de Deus, da ajuda destes para viver, nem tenho já o direito de me illudir sobre o que valem realmente as lantejoulas ephemerias daquelle...” (O GLOBO, de 24 de Dezembro, 2.^a edição).

Dir-se-ia que, na consciencia do eminente revolucionario, ainda se faziam ouvir no instante em que escrevera este discurso os echos incommodos da sua propria sentença de dois annos antes...

E' urgente fazer sentir, com vigor e energia, aos dirigentes revolucionarios que todos os elementos sadios do paiz, que acompanham, com solididade desinteressada, a marcha da cousa publica entre nós, já estão fartos de ouvir as suas palavras insinceras, e de presenciar os seus gestos tortuosos.

E não é para menos. Ainda recentemente, e mais uma vez ainda, o sr. Oswaldo Aranha, teve a audacia de dirigir a todo o paiz, e em discurso solemne, estas palavras affrontosas á verdade: “Fomos, nós os riograndenses, na historia politica do paiz, um povo á margem dos acontecimentos.

Vivemos indifferentes, irmãos alheios dos demais.

NÃO SOMOS AUTORES, NEM CO-AUTORES DA SITUAÇÃO BRASILEIRA.

Mas, fomos cúmplices.

ESSE ALHEIAMENTO, ESSA INDIFFERENÇA, ESSA NEGLIGENCIA EM RELAÇÃO Á VIDA DOS DEMAIS ESTADOS E AOS DESTINOS DA UNIÃO CONCORRERAM PARA QUE SE PROCESASSE, AOS NOSSOS OLHOS, AINDA QUE SEM A NOSSA PARTICIPAÇÃO DIRECTA, TODA UMA SOMMA DE ERROS E DE CRIMES.

Temos, hoje, o dever de nos rehabilitar, collocando-nos sem reservas nem regionalismos ao serviço do Brasil.

E' o que estamos fazendo e haveremos de fazer” (O GLOBO, de 2 de Janeiro de 1933, 3.^a edição).

Como calar, em face desse despudor, a indignação irreprimivel, que nos saccode todos os nervos do organismo? Será possivel, que na Capital da Republica, scenario sombrio dos planos tenebrosos de Pinheiro Macha-

do, esse caudilho de casaca, que trouxe subjugada aos seus pés orgulhosos, e durante quasi dez annos, toda a politica e toda a administração do paiz, ouse um riograndense affirmar que o Rio Grande do Sul não teve "participação directa" em toda essa "somma de erros e de crimes", que substituíram a pratica do regimen republicano entre nós?

Pensa, por acaso, o sr. Oswaldo Aranha, que o paiz já se esqueceu; talvez, desta apostrophe formidavel e irresponsivel de Ruy Barbosa (A CRISE MORAL, in REVISTA DA LINGUA PORTUGUEZA, 2.^a serie, vol. IV, pag. 182): "A maior das revoluções estaria cem vezes justificada com esses desvarios, que annullavam a Federação, destruíam o regimen constitucio-
nal, aboliam a justiça, cannibalizavam a politica brasileira. Aqui a grei dominante não cessa de bater palmas; ao cabo de tres annos o successor indicado ao governo responsavel por todos esses attentados ousa declarar-se continuador fiel do seu programma, E O CHEFE DOS CHEFES, O SR. PINHEIRO MACHADO, rememorando os fastos desse triennio, em cujo decurso aquelle montão de crimes avultou enormemente com o accrescimo de proesas não menores, não trepida EM NOS AFFRONTAR A NÓS TODOS, assumindo uma solidariedade absoluta, com elles, NESTAS INVEROSIMEIS E HORRIVEIS PALAVRAS: "Tem a maxima satisfiação em affirmar, neste momento, que ninguem mais do que o inlyto Chefe da Nação synthetisa o pensamento republicano, e assignala com emoção, que o Marechal Hermes soube dignamente cumprir a sua palavra, quando affirmou, na leitura da sua plataforma, que no Poder seria o mais civil dos presidentes".

"NÃO SE PODE BLASPHEMAR DE UM MODO MAIS AGGRESSIVO CONTRA A VERDADE, CONTRA AS LEIS, CONTRA A REPUBLICA, CONTRA DEUS, CONTRA A PROPRIA CONSCIENCIA. Mas, depois de se ter abalançado a esse ataque, EM VEZ DE SE SUMIR PELA TERRA A DENTRO, o illustre chefe do Partido Republicano Conservador ainda insiste em que o seu pupillo tem sido o mais civil dos presidentes..."

Outro expositor dos acontecimentos da politica republicana, no Brasil, retratando, em largos traços a, orientação do governo do sr. Marechal Hermes, recorda com verdade: "Riograndense era o presidente. ALEM DO PENSAMENTO E DO BRAÇO QUE O GUIAVA COMO SE SE TRATASSE DE UM AUTOMATO, lá estavam, desde que deixaram as pastas os Ministros que fôram tomar de assalto a Bahia e Pernambuco, novos riograndenses escolhidos e designados por aquelle QUE ERA, NA INCONTESTAVEL DEMONSTRAÇÃO DOS FACTOS, O VERDADEIRO CHEFE DO PODER EXECUTIVO: o sr. Barbosa Gonçalves e o General Vespasiano de Albuquerque. Riograndense era o sr. Rivadavia Corrêa, riograndense o sr. Herculano de Freitas, embora politico militante em São Paulo, riograndense o Prefeito do Districto Federal, General Bento Ribeiro, RIOGRANDENSES TODOS OS DIRECTORES DE REPARTIÇÕES E CHEFES DE SERVIÇO, ERA UM GOVERNO ACCENTUADAMENTE REGIONALISTA, MARCADO PELO CUNHO RIGIDAMENTE PESSOAL DO SR. PINHEIRO MACHADO. ERA, EMFIM, UM GOVERNO DE RESPONSABILIDADE RIGOROSAMENTE RIOGRANDENSE" (Sertorio de Castro, A REPUBLICA QUE A REVOLUÇÃO DESTRUIU, pag. 302).

Pois bem, qual a caracteristica desse Governo, que correu, todo elle, sob a responsabilidade da situação riograndense? Define-a, com expressões fidedignas, o mesmo sr. Sertorio de Castro: "Nunca, como nesse dominio, no qual se deveria presumir que se fizesse ouvir em conselho uma palavra de ponderação de ordem, foi victima de tão crueis desrespeitos a dignidade da toga, a suprema magestade da lei que o Poder Judiciario encarna. Vigoravam, e eram cumpridas, apenas as sentenças proferidas a favor dos interesses politicos do Partido Republicano Conservador, sendo, systematicamente desacatadas aquellas que se destinavam a proteger direitos lesados, ou ameaçados, de seus adversarios" (Ibid.).

Desilluda-se o sr. Oswaldo Aranha. O Brasil ainda tem bem presente na sua memoria a imagem viva dessa epoca de corrupção e de violencias, e não póde tolerar, sem vehemente protesto, essa deturpação consciente dos factos de que se tornou responsavel, com seu discurso infeliz, o sr. Oswaldo Aranha.

E' por causa destas attitudes affrontosas da verdade, que ninguem ha mais, no seio da communitate brasileira, que acredite nas promessas dos governantes revolucionarios. Tão constantes e repetidos são os seus desrespeitos á palavra solemnemente empenhada, que qualquer nova promessa, por elles feita, é logo recebida com invencivel scepticismo.

Para desgraça de todos, governantes e governados, de tal modo incapazes se vêm revelando os nossos dirigentes actuaes, que ninguem enxerga, nessa anarchia estonteante de actos e de idéas, o caminho largo das iniciativas vigorosas, capaz de conduzir a nacionalidade pelo rumo seguro do verdadeiro progresso.

Veja-se, por exemplo, essa entrevista do sr. Antunes Maciel á A NAÇÃO (de 14 de Janeiro). Tendo S. Ex., no seu discurso de posse, promettido, para dentro de breves dias, uma Constituição provisoria, pediu-lhe o jornalista informações a respeito deste assumpto, merecendo esta resposta: "Da Constituição provisoria, a que alludi no meu discurso de posse, não se póde dizer que seja uma idéa abandonada. Tem sido adiada, POR SUPERVENIENCIA DE MATERIA MAIS URGENTE. Da reforma do Ministerio não cogitei, como já tenho declarado. O meu eminente antecessor, Ministro Mello Franco, AUTORIZARA O DR. LUIZ ARANHA, DEVOTADO DIRECTOR DO GABINETE, A CUIDAR DO CASO, e, em razão de tal autorização, organizado o trabalho no sentido referido, QUE CONTINUA EM ESTUDO NO, MESMO GABINETE, SEM NENHUMA INTERFERENCIA DE MINHA PARTE, POR EMQUANTO".

E' de assombrar essa displicencia com que o sr. Ministro da Justiça fala da lei constitucional, e da organização do seu proprio Ministerio!

Não admira, nestas condições, que o sr. Antunes Maciel assistisse, de braços cruzados, ao maior attentado judiciario, que se perpetrou em terras brasileiras; o da prisão de officiaes de justiça, que, no cumprimento de mandado judicial, expedido por autoridade competente, foram levantar o sequestro, antes decretado, pela mesma autoridade contra o patrimonio da S. A. "O JORNAL".

Consoante se lê no DIARIO DA NOITE, de São Paulo, edição de 11 de Janeiro, o facto está assim narrado pelos serventuarios da justiça: "MM. dr. Juiz—Nós abaixo assignados, officiaes de Justiça deste Juizo, levamos ao conhecimento de V. Exia. que em virtude do mandado de levantamento de sequestro, expedido hoje, a requerimento da S. A. "O Jornal" contra o dr. José Soares Maciel Filho, nos dirigimos á rua 13 de Maio, 33 e 35, em companhia do dr. Fernando Nina Ribeiro e dr. Gabriel Bernardes, e no momento em que aguardavamos a chegada do dr. Humberto Pimentel Duarte, como representante da Caixa Economica, para ser procedida a dilligencia ordenada, fomos surpreendidos pelo supplicado Maciel Filho que, acompanhado por varios investigadores da Policia, por nós conhecidos, em virtude da dilligencia anterior e muitas outras pessoas que os acompanharam, foi por elle Maciel perguntado quem eram os officiaes que iam proceder á dilligencia, sendo respondido que eram os abaixo assignados. Nessa occasião o citado Maciel exigiu que lhe fosse, por ordem do Chefe de Policia, entregue o mandado, ao que nos recusamos; porquanto o mandado pertencia ao Juiz tendo por esse motivo o dito Maciel declarado estarmos presos por ordem e disposição do Chefe de Policia, sendo assim que elle Maciel respondia a Justiça.—Acto continuo o dito Maciel acompanhado por alguns investigadores e depois de ter declarado que diante de qualquer resistencia de nossa parte, revidaria á bala, nos levou violentamente para um landaulet de propriedade do dr. Beaumont e que se achava na rua Senador Dantas ao lado do edificio do "O Jornal". Nessa occasião o dr. Beaumont acompanhando-nos tambem providenciava para que os investigadores nos acompanhassem, ao que lhe foi respondido ser desnecessario, por nós, achando o sr. Maciel bastar um só. Entrando no automovel, nós officiaes de Justiça, o referido investigador e Maciel, este ordenou ao "chauffeur" que se dirigisse immediatamente para a Policia Central. — Ao saltarmos do automovel na porta da Policia Central, encontramos o dr. Targino Ribeiro que nessa occasião dahi sahia e que

ciente do occorrido fez questão de nos acompanhar, tentando o referido Maciel impedi-lo de tal, o que não conseguiu, sendo então levados pelo mesmo Maciel sempre acompanhados pelo referido investigador a uma das salas do Gabinete do Chefe de Policia, onde comnosco permaneceu algum tempo o dr. Targino Ribeiro, tendo este somente se retirado a nosso pedido, declarando-nos ir tomar providencias. Mais tarde tendo voltado á sala onde nos encontravamos, o dito Maciel, nos declarou nada termos a receiar, porquanto o principal fito da ordem de prisão era nos deter até ás dezoito horas, afim de impossibilitar a effectivação da dilligencia ordenada. Maciel retirou-se em seguida não mais apparecendo. Ahi permanecemos sob a guarda do mencionado investigador até ás dezoito e quarenta horas, quando falamos com um funcionario fazendo ver a nossa situação e pedindo irmos á presença do Chefe de Policia, depois de ter narrado ao mesmo funcionario o succedido. Este funcionario nos levou a uma outra sala onde se achava o dr. Cesar Garcez e um outro senhor que nos declarou ser o secretario do Chefe de Policia e que inteirado do occorrido nos disse nada constar a respeito da nossa prisão, dando-nos ordem por isso para nos retirarmos, declarando que o Chefe de Policia não voltaria, isto ás dezoito horas e quarenta minutos. Por essas razões não podemos cumprir a diligencia por V. Ex. ordenada. Rio, 15 de Dezembro de 1932. Pedro Vara Costa Senra — Luiz Santarém”.

O sr. Antunes Maciel, que como Ministro da Justiça, tem sob o seu encargo a defesa intransigente da dignidade da magistratura, cujas decisões soberanas elle deve fazer respeitar, assiste impassivel a essa violencia inaudita! Nem uma palavra, nem um gesto, nem um acto de energia. De braços cruzados estava, de braços cruzados permanece.

Em face desse attentado monstruoso, só resta ao humilde publicista christão recordar a S. Ex., que, não ha muito tempo, confessava, em dignificadora attitude, a sua fé catholica, estas palavras sublimes e opportunas de Bossuet (OEUVRES CHOISIES, vol. 5.º pag. 453, ed. Hachette): “Quando eu digo Justiça, digo, ao mesmo tempo, este laço sagrado da sociedade humana, O FREIO NECESSARIO DA LICENÇA, O UNICO FUNDAMENTO DO REPOUSO, O EQUITATIVO TEMPERAMENTO DA AUTORIDADE, E O SUSTENTACULO FAVORAVEL DA SUJEIÇÃO. Quando a Justiça reina, a Fé se encontra nos tratados, a segurança no commercio, a limpeza nos negocios, a ordem na policia; a terra está em repouso, e o proprio céu, por assim dizer, nos illumina mais agradavelmente, e nos envia influencias mais doces. A JUSTIÇA É A VIRTUDE PRINCIPAL E O ORNAMENTO COMMUM DAS PESSOAS PUBLICAS E PARTICULARES: ella ordena em uns, e obedece em outros; ELLA MANTEM CADA UM EM SEUS LIMITES; ELLA OPPÕE BARREIRA INTRANSPONIVEL ÁS VIOLENCIAS E AOS ATTENTADOS”.

Se o governo Provisorio aspira, como é de seu dever, a readquirir, em todos os corações brasileiros, o respeito que mereceu no decurso dos primeiros dias da sua instituição, é indispensavel e urgente que retroceda do caminho funesto da força, que, de tempos para cá, deliberou seguir, com tamanha imprudencia, falhando, assim, á sua superior missão.

Compenetrem-se os nossos governantes desta hora dramatica de que a força só é capaz de construir, no dominio social, alguma cousa que dure, e que frutifique em magnificos resultados de harmonias espirituaes quando intransigentemente subordinada á Justiça.

Mas, se, nas suas obras, ella se divorcia dos preceitos incoerciveis da lei moral, será sempre, queiram ou não queiram os poderosos da hora fugaz do presente, tenebroso instrumento de destruição e de desagregação sociaes.

CHRONICA DE TRANSCRIPÇÕES

A morte inquieta de Pascal

LEON MICHELET

1625 — Clermont, cidade pacífica, favoravel á meditação e ás divagações. Casa de bello aspecto, residencia de Estevão Pascal, « Presidente da Côrte dos Auxilios ». Crianças. Um bambino de 2 annos, Braz, o preferido da casa. . . “Braz, diz um biographo, desde que começou a falar, por certas respostas inteiramente precisas, e sobretudo por perguntas sobre a natureza das coisas, deu sempre provas de uma extraordinaria intelligencia e surpreendeu a quantos o rodeavam”. Elle tinha o ar grave, o olhar vivo, os cabellos louros a cairem em cachos sobre uma fronte vasta, arqueada e asymetrica, o queixo voluntarioso, os labios bem desenhados, desdenhosos, sensuaes. “Está muito acima da idade, diziam, peremptorios e convictos, os que frequentavam a casa”, e a taes palavras lisonjeiras os paes respondiam com gestos vagos, e não insistiam.

Desde os mais tenros annos — tributo do genio — soffreu Braz os maleficios das intelligencias demasiado vivas, e perturbações nervosas vieram cedo sombrear as suas bellas reflexões sobre a natureza das coisas. A vista da agua causava-lhe “transportes de colera”. Um dia viu abrir-se-lhe aos pés “um abysmo profundo”. Crises de “ciume furioso” manifestavam-se deante do mais simples contacto entre os paes. Os Pascal occultavam — prudencia burgueza — essas perturbações nervosas, salvaguardando a reputação com louvavel zelo, pois um Presidente de Côrte, na provincia, devia conservar intacto o seu prestigio e evitar os commentarios, mesmo benevolos. Mais grave, porém, foi o accidente que, mezes depois, quasi lhes arrebatou o querido Braz. Este, mal respirava, o pulso incontavel, frio. — Nevrose? — Crise lethargica? Os paes, afflictos, levaram-no para a caminha e, mudos, silenciosos, fizeram o signal da cruz. “Está morto”, disseram entre si e retinham com difficuldade as lagrimas, para reciprocamente encorajar-se. Nenhuma esperanza os

animava. O pequenino corpo jazia, inerte e livido, quasi sem respiração. Para que chamar um medico? Foi chamada, por isso, uma simples curiosa, especie de feiticeira. Sobrepairando, a esperança suprema, a esperança em Deus, o padre... A curandeira recitou rezas, foi aos campos, colheu tres especies de ervas e triturou-as, pronunciando palavras cabalisticas, diabolicas. Preparando uma cataplasma de linhaça, cobriu-a com uma espessa camada de herva esmagada e collocou tudo, quente, resolutamente, sobre o ventre do doentinho. Horas de agoniada espera seguiram-se. "O morto" despertou, enfim, os labios tremulos, murmurou algo; os olhos, esgazeados, abriram-se. Braz assentara-se na cama: — verdadeira resurreição! Herbas e orações fizeram o milagre e, a partir desse dia, as phobias e os furores do menino desappareceram como por encanto. Milagre, puro milagre! e era-se levado a pensar que a curandeira mysteriosa possuia o poder magico das fadas que guardam os berços das criancinhas...

Passam-se annos e a senhora Pascal já tinha fallecido... O menino, ha alguns mezes vivia com o pae aposentado, em Paris. Estudava Religião, Grammatica, Philosophia, Latim, Grego, Physica "e os effeitos extraordinarios da natureza, como a polvora e outras cousas que surpreendem, quando as consideramos". As lições eram-lhe dadas pelo proprio pae, homem de grande instrucção e não desprovido de intelligencia, "que tinha prazer em ensinar a todas as horas do dia — durante os passeios, antes e depois das refeições". O menino tornou-se um exgotado, um mystico, sabendo muita cousa... mas ignorando tudo da vida.

As grandes e continuas applicações do espirito em tão tenra idade affectaram a saude de Braz que teve uma molestia a que os medicos chamaram *escrophula abdominal* (carreau). Mas seria mesmo essa entidade morbida, a terrivel tuberculose mesenterica? A duvida é cabivel, pois o doente de prompto se restabeleceu completamente. Aos 18 annos, um mal novo (não seria o mesmo?) manifestou-se. A principio, signaes fugazes; Braz tinha, entre outras perturbações, a impossibilidade de engulir os liquidos, a não ser quentes, e isso mesmo aos pequenos goles... De mais, uma dôr de cabeça insupportavel, "um calor lhe queimava as entranhas".

— Appendicite chronica? — Era bem possivel. Mas, vinham-lhe as treguas e desde que um pouco de repouso o reconstituia, punha-se logo a procurar algo de novo. Foi assim que pôde construir a sua "machina arithmetica" e levar avante as experiencias do vacuo, sobre o Puy de Dôme. O mal voltou-lhe, porém, accrescido. Dôr de cabeça mais tenaz, "calor de entranhas" mais intenso, sobrevindo-lhe em seguida uma paraplegia para cumulo dos seus soffrimentos. Nevrose ainda, provavelmente. A marcha só lhe era possivel

por meio de "muletas", e os pés apresentavam-se sempre gelados. Noite e dia obrigavam-no a trazer meias de lã embebidas de aguardente. E os médicos ordenaram: — "Purguem-no, dia sim, dia não, durante trez mezes!"

Pascal, heroico, obedecia e tomava pacientemente, aos goles, as poções quentes. "A sua resignação contristava e provocava a admiração de todos". "Esse tratamento" e "outros" deram algum resultado. A paraplegia cedeu, a dysphagia melhorou, "mas nunca pôde conseguir uma saúde perfeita". A Faculdade exgotou a serie classica das prescrições... Que fazer depois das sangrias, dos purgativos e do leite de jumenta? Depois de minuciosa discussão do "caso", encontraram, enfim, o remedio: Pascal vivia retrahido, sedentario, rodeado de livros, de apparatus de physica e linhas geometricas... Ar livre, nada de trabalho intellectual, nada de livros! Mas sim, distracções e mais distracções, a vida em sua forma mais trivial, a vida dos salões; nada de trabalho intellectual. Como hesitar? E assim elle entrou na sociedade, no "mundo", começando uma existencia libertina, conversações inuteis, chás e relações mundanas com rapazes alegres, Milton, Meré... Os seus velhos tratados de philosophia descansaram por algum tempo.

— "Pascal está amando" dizia-se. Seria possivel?... Mas, na verdade, ninguem poderia dizer o que iria fazer nos salões o philosopho com o seu alheamento abstracto. E aquella ociosidade, no fundo, não lhe era agradavel: preferia a solidão propicia aos sonhos e, fundamentalmente religioso, (o pae desde a infancia lhe havia inspirado um grande respeito á Religião) a tudo se submettia confiado na medicina e na indulgencia de Deus.

— "O mundo é delicioso e criminal", verificava, observando. Mas, a sua saúde não se restabelecia e o accidente da ponte de Neully — onde o carro em que ia ficou suspenso no vacuo — fe-lo meditar sobre os destinos humanos. Quasi morrera — aviso de Deus.

1653 — Desilludido, fugiu para o campo, Port Royal, e lá viveu uma existencia calma e austera, resgatando, em orações, leituras de antigos textos, estudo das obras de Jansenius e na redacção das "Cartas a um Provincial", o tempo perdido na vida mundana.

Cinco annos decorreram... Depois de uma acalmia relativa, os seus incommodos foram voltando. "No fim do anno (1658) reapareceram os seus males, tão avassaladores nos quatro annos que ainda viveu que nada mais lhe foi permittido fazer, tal a lamentavel melancolia em que os passou"... Os seus amigos de Paris vinham vê-lo muitas vezes e contavam-lhe, entre risos e jogos de espirito, as intrigas e escandalos dos salões. Ah! nisso o cavalheiro de Meré era inexcedivel e

a vida alegre voltava á memoria do philosopho. “Nem anjo, nem besta, tal é o homem”. E taes conversações não deixavam de inquieta-lo. A carne o atormentava, torturava-o sempre. Mas elle desta vez contrapôs-lhe um remedio — uma cinta de ferro semeada de pontas! — e duras mortificações vieram juntar-se ás das colicas intestinaes, ás das horriveis drogas, á dos regimens severos. E elle dizia: “Não se pode mostrar repugnancia quando voluntariamente se toma um remedio, avisado de que o mesmo era desagradavel”. Não podia escrever e fazia alguns passeios a pé pelo Valle de Chevreuse. Ha muito não montava a cavallo — um dos seus predilectos modos de passear — mas o espirito trabalhava sempre. Quando voltava do passeio rabiscava cinco ou seis linhas com uma lettra fina e nervosa sobre qualquer pedaço de papel tomado ao acaso. Eram idéas para o seu proximo livro — *A Apologia da Religião* — pensamentos nascidos subitamente de seu poderoso cerebro, durante o lento perambular, sob as arvores, nos caminhos tranquillos. Mesmo durante as insomnias o seu cerebro trabalhava: “foi assim que lhe veiu á idéa a proposição sobre a Rolêta”... Elle teve a força de redigil-a para ser agradavel a De Roannes, organizador de um concurso entre mathematicos, e foi o unico, neste mar de aridos calculos, a emergir do naufragio geral dos concorrentes.

Passaram-se mezes e o infortunado enfermo declinava cada dia mais. As colicas não mais o abandonavam e quiz ir rever a terra natal, o velho Clermont, o Puy de Dôme, toda a sua infancia... Viajou em diligencia e na volta levou tres semanas para attingir Paris, pois, não podendo permanecer sentado senão duas a trez horas, fazia repetidas paradas. Os solavancos da carruagem eram-lhe verdadeiras punhaladas.

1662 — Verão, com dias quentes, fatigantes. Ha varios dias Pascal abandonara Port Royal, e seu medico, o Dr. Hamon, vindo habitar Paris, em casa de sua irmã Gilberta. A Faculdade aconselhou-o a levantar-se todos os dias, a comer bem e a purgar-se. “O seu pulso é normal, nenhuma alteração ou apparencia de febre. De perigo, nem sombra”... Entretanto, o pobre paciente curtiu durante trez dias e trez noites, dores atrozes, na mais completa insomnia. Ao quarto dia aleitou-se, sem ouvir ninguem, e pediu que lhe chamassem Beurrier, cura de Santo Estevão do Monte. Confessou-se, alarmando os amigos. Os medicos ficaram “inteiramente surpresos”. — Mas “que idéa!” exclamaram o Prof. Guy Patin e os doutores E. Renandot, Hommets, Guénant e Nicolau Brayer.

— “Eu pretendia tambem commungar, disse o doente, mas como os vejo tão contrariados com a minha confissão, vou deixar para depois... para que não fiquem inda mais surpresos. Beurrier foi da mesma opinião e Pascal não rece-

beu a communhão". Entretanto, os seus males progrediam e como Beurrier ia frequentemente visita-lo, confessava-se sempre, em segredo, para não alarmar os amigos. As colicas cessaram uns dias; levantou-se no quarto e fez renascer as esperanças geraes. Os traços alterados, o rosto emagrecido, grandes olheiras, os olhos sem o brilho antigo, não deixavam, porém, illusões. O mal progredia surdamente e uma idéa fixa obsedava o antigo solitario de Port Royal — Deus. Perdoar-lhe-ia elle os erros? ou, como dizia, então, os seus peccados? Seria aquelle o verdadeiro Deus, o Deus que durante o seu retiro na Abbadia elle tinha adorado e defendido durante annos? E vinham-lhe as recordações... "Meus reverendos padres jesuitas, sois uns impostores, inimigos do Evangelho... Se não tendes senso commum, não vo-lo posso dar... Fazeis-me piedade"... Era horrivel. Elle tinha proferido todas essas calumnias contra a Igreja e os jesuitas! E uma queixa murmurada e inquieta se ouvia... Porque tinha imprudentemente cogitado do problema do destino humano?... Um homem sem pensamento é mais feliz... "Era preferivel parar, mas, impassivel, lá estava a morte, era preciso continuar, continuar... E no fim "o abysmo" fatal... Pascal fez o testamento... Nicolle e Arnaud, de Port Royal vieram visita-lo: como seu velho amigo estava mudado! "Não me lamenteis, dizia-lhes, durante um accesso de dôr, a molestia é o estado natural dos Christãos... durante ella, privados de todos os bens e prazeres dos sentidos, estamos no estado a que deveriamos sempre aspirar... isentos das paixões que lavram sempre a nossa vida"... Crise de consciencia e arrependimento... Voltou-lhe a idéa da communhão, a que os medicos se oppuzeram, pois haviam prescripto um regime "solido" e bem dosado e o doente não poderia ficar em jejum: "a marcha do tratamento seria perturbada". Poderiam, é verdade, tolerar o acto religioso depois de meia-noite, mas não achavam fosse caso para tal: "para commungar em viatico seria preciso estar em perigo de morte".

Receitaram, pois, simplesmente: "Beber agua de St. Myon. Começar por oito copos e ir até dezeis por dia — um ás 5 horas da manhã, e trez horas depois, um caldo refrigerante". Pobre Pascal! Seis dias depois (14 de Agosto) o illustre philosopho sentiu "uma grande tonteira depois de forte dôr de cabeça". Chamados, disseram os medicos, animando os circumstantes: "E' o vapor das aguas"... A tão ingenua explicação o philosopho sorria incredulo, pois sabia qual era o seu estado: a morte, já a conhecia da infancia. Reclamou pela terceira vez a communhão, mas os amigos mais uma vez o dissuadiram. "Vocês não sentem o meu mal, dizia-lhes o doente. Enganam-se. A minha dôr de cabeça tem algo de extraordinario". As horas passavam, fugiam, no quarto em que jazia o corpo doloroso de Pascal. "Caridade... boas

obras... os pobres, a communhão". Sempre, a mesma obsessão... 17 de Agosto. A dôr de cabeça augmentou e elle reclamou os medicos, que receitaram:

— Beber sôro de leite...

Meia-noite. "Elle teve tão violenta convulsão que pensamos tivesse morrido"... e sua irmã devotada mandou chamar o cura.

— Aqui está Nosso Senhor, disse o padre, trazendo o Santissimo Sacramento. Pascal havia desmaiado e, ouvindo taes palavras, voltou a si. Com esforço assentou-se penosamente no leito... O Padre o interrogou "sobre os principaes mysterios da Fé", fe-lo commungar e deu-lhe a extrema-unção. Pascal pôz-se a chorar... Adeus Port Royal, adeus philosophos jansenistas... Deixou-se cair sobre as almofadas, agradecendo em voz baixa ao padre, a murmurar por entre os descorados labios.

— "Que Deus não me abandone!" foram as suas ultimas palavras. Convulsões manifestaram-se, prolongando-se durante dois dias. Crise appendicular, complicada de abcesso cerebral? a 19 de Agosto, a 1 hora da manhã, o frio da morte invadiu-lhe o corpo... A calma voltou-lhe ao rosto e sua alma angustiada encontrara enfim o repouso.

REGISTRO

A USURA NOS PESOS E NOS
PREÇOS

Reunidos em conferencia episcopal, em Salzburgo, os bispos da Austria acabam de condemnar, seguindo aliás, a doutrina da Igreja, de ha muito assentada, a usura nos juros e nos preços.

Publicando a decisão do episcopado austriaco, o *Reichspost* de 21 de Dezembro ultimo declara o seguinte: "Os bispos da Austria se pronunciam sobre pontos que se impõem actualmente á moral no dominio economico".

Damos abaixo alguns trechos desse importante documento:

"Vemos, hoje, que a usura domina toda a economia, impedindo o renascimento financeiro da humanidade. Bispos da Austria, escrevemos já, em 1925, a proposito das "doutrinas e ensinamentos sobre as questões sociaes da hora presente", o que se segue: "Graças ao jogo da Bolsa, os bancos e o credito se tornaram uma especie de arvore da morte. Os reis das finanças delles se servem para sangrar e desvalijar os povos, arrancando dos trabalhadores quasi todos os frutos da sua economias, forçando-os, pelo empobrecimento a abdicarem da sua independencia e a cairem sob o jugo de verdadeira escravidão. E não é apenas a classe operaria que fica sujeita assim á força do dinheiro; o mesmo acontece com numerosos patrões, grandes e pequenos industriaes, mas sobretudo, numerosos artifices como tambem a classe media".

Pio XI nos deu razão quando, escrevendo sobre a restauração da ordem social, disse que "detentores e senhores absolutos do dinheiro, (elles) governam o credito e o empregam a seu bel prazer. Por isso, distribuem elles, de algum modo, o sangue ao organismo economico, de que têm a vida entre as mãos, de tal forma que, sem o seu consentimento, ninguem pode mais respirar".

Nós, Bispos da Austria, renovamos, portanto, mui expressamente o aviso que já dirigimos ha algum tempo aos que possuem bens: empregarem os riquezas para o bem da sociedade, procurando installar novos estabelecimentos fabris para que nelles tenham occupação os homens que podem trabalhar e têm direito ao trabalho".

Cabe-nos ainda repetir a censura de que “mesmo muitos meios christãos foram infeccionados por este espirito nefasto da especulação monetaria”, e, novamente, pedimos que “ao operario e ao lavrador seja proporcionado outra vez o dinheiro a juros pequenos”. E’ um dos primeiros deveres da autoridade legislativa fazer que prevaleça, precisamente nesse tocante, os direitos da justiça, para que sejam lançados as bases de nova prosperidade da economia nacional.

Lembramos, apenas, uma das mais tremendas consequencias da usura nos juros, visivel em toda a economia. Queremo-nos referir a profissão agricola. Seu bem estar esvae-se: o fardo dos suas dividas devora toda a sua produção; as fallencias se multiplicam e os que pretencem a familias agricultoras, de paes a filhos, se vêem obrigados a abandonar a terra para tentar a vida nas cidades. A profissão agricola deixa de ser, cada vez mais, a base da economia, donde verificar-se, como consequencia, uma multiplicação infinita do proletariado e uma agudeza maior dos conflictos sociaes.

Além disso, a usura nos emprestimos a juros é igualmente prejudicial aos empreendimentos economicos de toda ordem e lhes torna, mesmo, impossivel a existencia.

Fica, assim, cada vez mais difficil a produção e os negocios escasseiam assustadoramente.

Tudo isso, diziamos, impõe encargos pesadissimos á sociedade. Quem não está vendo que ahi se encontra uma das causas principaes de multiplas exasperações? Sem duvida é isto o effeito da cupidez, “raizes de todos os males”, como diz a Santa Escriptura”.

E’ verdade que se torna impossivel fixar schematicamente uma taxa de juros que abranja todos os dominios do juro justo.

Pio XI, na sua encyclica “Quadragesimo anno”, escreve: “A determinação da justa taxa do salario não se deduz de uma só mas de varias considerações”. Leão XIII tambem o observou: “Para fixar a justa medida do salario ha numerosos pontos de vista a considerar”. Do mesmo modo não se pode determinar, schematicamente, o juro justo segundo um unico modo de ver.

E’ indiscutivel, porém, que a vida economica, está literalmente envenenada pela usura do juro sobre emprestimos e que isto vae levando muita gente á ruina. Os meios competentes estão no grave dever de encontrar e preparar o bom caminho e os verdadeiros meios para a regularização desta situação economica. Tambem nós, os Bispos da Austria, com a maior energia possivel, ajuntamos aos demais o nosso appello, para que isto aconteça afim de que desapareça a angustia actual.

Mas não nos limitamos a condemnar apenas a usura dos juros, e sim a dos preços também.

Sobre este mesmo assumpto já escrevemos em 1925: “Graças aos monopólios, aos trustes aos *konzern*, esta usura fixou a seu gráo o preço de todos os generos alimenticios, arrogando-se, deste modo, a faculdade de poder, com desprezo da justiça, elevar todo os preços, sem subordinar-se a qualquer *contrôle*”.

Na sua enciclica, a proposito da restauração da ordem social, Pio XI accrescenta sua autoridade á da nossa advertencia, dizendo que a divisão e a limitação da responsabilidade, “nas sociedades modernas de producção, transformaram-se em occasião dos mais reprehensiveis excessos”, e continua: “Vemos, com effeito, as responsabilidades atenuadas ao ponto de não tocarem as almas sinão mediocrementemente, sob color de uma designação collectiva, (1) comettem-se injustiças e fraudes as mais condemnaveis”.

Eis ahi o que abre as portas á usura dos preços, uma vez que todo *controle* que se pudesse exercer sobre taes organizações economicas, demasiado poderosas, é recusado ás autoridades publicas.

Ahi também deveria a legislação encontrar meios capazes de facultarem as autoridades a conhecer os preços usurarios, afim de impedirem os danos manifestos causados ao bem commum.

Acontece, porém, que a usura nos preços não é exercida tão somente pelos cartéis e pelos consorcios que estrangulam a vida economica por meio de suas tendencias monopolizadoras, e Pio XI escreveu que “resulta disso, em determinado numero, um tal endurecimento da consciencia, que acham bons todos os meios capazes de augmentarem seus lucros, e de pôr ao abrigo das bruscas reviravoltas da fortuna os bens tão penosamente adquiridos. Os ganhos facillimos, que a todos offerece a anarchia dos mercados, attraem aos negocios de cambio muita gente cuja unica aspiração é conseguir lucros rapidos com um trabalho insignificante”. Pio XI attribue á falta de justiça nos preços e á usura nos preços a doença maior da economia actual e uma das causas principaes da sua decadencia.

Exortando, a quem de direito, a remediar efficazmente todos esses males, endereçamos ao povo nosso encorajamento para que se mostre cheio de misericordia e de devotamento em face das angustias do inverno que se approxima, afim de attrairmos a benção divina para a vida economica do pais. Recommendamos, sobretudo, que não se perca nenhuma occasião de criar o trabalho, porque “o desemprego actual,

(1) N. R. — A traducção allemã da Enc. traz: “de uma sociedade anonima.”

que desde muito tempo attinge uma immensa móle de trabalhadores", augmenta cada vez mais, transformando-se num terrivel flagello que arruina o bem estar de nações inteiras e constitue um perigo para a ordem publica, para a tranquillidade e para a paz de toda a terra.

SOCIALISMO E CATHOLICISMO Opportunamente documentaremos nossa affirmação de que o socialismo moderado tende a integrar-se na acção social catholica, argumentando com o facto da collaboração amistosa das organizações socialistas com as confissionaes, para fins communs, em paizes como Allemanha e a Belgica. Por hoje baste-nos accentuar as razões dessa approximação. Indaguemos, primeiro, quaes são os objectivos de ordem concreta ou, antes, de ordem economica que visa o socialismo moderado. Elles se resumem neste lemma: obter uma sensivel melhoria na situação material dos trabalhadores. Para isto ha que conseguir uma redistribuição da fortuna de modo a fazer sanar a iniquidade da organização actual em que a sociedade está quasi dividida em dois grupos: um, pouco numeroso, que possui em excesso para as suas necessidades, e outro que representa propriamente a massa, que não possui sequer o indispensavel para a sua manutenção. Apoiando-se, em suas revindicações, nos preceitos da *justiça social*, não procura as soluções de força, desiste da luta de classes e rectifica sua doutrina sobre a propriedade privada.

Quem conhece a doutrina social da Igreja vê logo que essa modalidade de socialismo enveredou pelo campo catholico. Com effeito, antes de existir socialismo já a Igreja se batia pela causa dos humildes. Si o capitalismo tomou o incremento actual não foi por falta de protestos e admoestações opportunas das autoridades ecclesiasticas.

Rutten em seu recente livro "La Doctrine Social de L'Eglise", mostra que, ao mesmo tempo que Marx e Lasalle iniciavam sua propaganda, na propria Allemanha o Bispo Ketteler, na cathedral de Moguncia, lendo dois memoraveis discursos, emprestava a solidariedade do catholicismo ás justas aspirações dos trabalhadores.

Ademais, a doutrina da Igreja sobre a propriedade privada, só considerando absolutamente legitima e pessoal a parte que é indispensavel ao bem estar do possuidor e de sua familia, dando, portanto á outra parte um character social, isto é, como destinada a favorecer á collectividade, attende perfeitamente á exigencia de beneficiar ao trabalhador.

Na realidade, distribua-se o excesso da fortuna ou o conservem seus actuaes possuidores com a obrigação de emprega-la em proveito da sociedade, o resultado virá a ser o mesmo.

Quanto á *justiça social*, de que hoje tanto se fala como de uma conquista da actualidade, o citado autor faz ainda empenho em demonstrar que se trata de coisa velhissima, que apenas apparece agora com novo rotulo. Trata-se, como elle diz, “de uma denominação mais adaptada ao pensamento moderno, que a que empregava Santo Thomaz de Aquino: *Justiça geral ou legal*”.

Deste modo, seja pela identidade de principio, seja ainda pela de processo, o socialismo moderado vem confundir-se com a acção social catholica, passando a ser, pelo menos, uma superfluidade.

O ENSINO CATHOLICO NOS ESTADOS UNIDOS

A proposito da campanha que a Maçonaria emprehe nos Estados Unidos contra o ensino religioso, é interessante fixar

a vista sobre estes dados estatisticos do ensino catholico em uma das unidades da poderosa Republica.

Nos 5 districtos de Nova York educam-se nos collegios catholicos 200.000 crianças

Si o Estado se propusesse a substituir os religiosos que com as mesmas se occupam, por pessoal bem remunerado, teria de dispendir com essas escolas cerca de vinte e sete milhões de dollares annualmente. Si ainda, com esse intuito, tivesse o Estado de construir predios identicos aos em que funcionam as referidas escolas, teria de gastar nada menos que a somma de sessenta milhões de dollares, sem contar com a verba de conservação dos mesmos.

Será que os propagandistas alli ignorem taes cifras?

De modo nenhum.

Será que presumem que a situação financeira do paiz permite ao Estado encarregar-se sózinho do ensino da sua infancia?

Não é de crer.

E por que insistem na campanha?

Porque á sua mentora, a Maçonaria, é indifferente á sorte de milhões de crianças que deixam de se educar por falta de escolas. Basta-lhes saber que disso resulta um prejuizo para a Igreja.

CASTIGO DA IMPUNIDADE

E' sabido que o incendio de igrejas na Espanha tomou um caracter de normalidade. Fre-

quentemente delles se tem noticia, em circumstancias sempre iguaes, o que demonstra que os incendiarios obedecem a uma palavra de ordem, e palavra de ordem tão poderosa que livra os criminosos de qualquer especie de punição. Ha poucos dias verificou-se, porém, um desses attentados, não mais contra um templo catholico, porém contra um edificio publico — a Deputação de Almeria. Desta vez, no emtanto, o incendiario não logrou ficar impune.

Deste facto ha, a tirar duas conclusões, que, formada a escola de incendiarios, com as citadas regalias, fatalmente, mais cedo ou mais tarde, ella deixaria de se contentar com a acção irreligiosa. Entraria no campo politico. E é o que agora acontece com a tentativa de incendio da referida Deputação.

A outra conclusão que o facto suggere é a de que se encontram cobertos de razão os que affirmam que os incendiarios de templos na Espanha não são descobertos e punidos porque as autoridades não querem. Com effeito, bastou que o attentado de agora se verificasse contra um proprio do Governo para que se patenteasse, no caso, a efficiencia da acção da Policia.

Ha, ainda, uma circumstancia que merece ser posta em relevo: o governo daquella Republica passa a ser castigado pelos proprios criminosos, pela desidia com que se tem tornado conivente nos constantes incendios de igrejas catholicas na Espanha.

A EDUCAÇÃO RELIGIOSA E O GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS

O Departamento de Educação do Ministerio do Interior dos Estados Unidos publicou ha pouco um livro intitulado: "Bibliographia de Educação Religiosa". E' a primeira publicação de uma serie que o Governo Federal tomou a seu cargo e tratará exclusivamente da educação religiosa, offerecendo livros e artigos para serem utilizados na educação das crianças quer pelos catholicos, quer pelos protestantes ou judeus.

A segunda secção do livro é dedicada á Educação Catholica Religiosa e foi organizada pelo padre dr. Jorge Johnson, director do Departamento de Educação da Conferencia Nacional Catholica do Bem-estar e pela senhorita Inês Collins, bibliothecaria da mesma organização.

A referida secção trata do seguinte: Religião e educação religiosa, administração da educação religiosa e do character; curso de methodos e material; instrucção no lar.

Segue-se uma lista de livros referentes aos aspectos da psychologia no ensino religioso, agencias para a instrucção do character; historia do movimento até o desabrochar do character, nos Estados Unidos; influencia religiosa de uma educação catholica no collegio; preparação religiosa dos mestres; informações sobre as actividades das escolas que tenham connexão com o desenvolvimento do character.

O sr. Anisio Teixeira, que gosta de imitar os Estados Unidos, por que não adopta igual conducta entre nós? Ao contrario, ferozmente inimigo do ensino religioso, tranca-lhe as portas das nossas escolas, embora desrespeitando acintosamente uma lei federal. Mas em tudo isso o que admira é que o governo se submetta a esse desprestigio da sua autoridade...

SECÇÃO UNIVERSITARIA

A. U. C.

DO JUSTO SALARIO (*)

J. J. S

Tenho em mente dizer-vos cousas simples e que vos possam aproveitar. O mais sabio dos sabios falou a mais simples das linguagens. Foi Christo. Ensinou-nos em fatos da vida de todo dia. Si apparecesse hoje "seria um bom mestre da escola nova". Ele nos falou em parabolos. E as parabolos são a vida diaria com seus embarços e necessidades que se repetem. A' historia da vida, Christo applicou a mais transcendente sabedoria e nos ensinou a lei e a moral na simplicidade e significação profunda das parabolos evangelicas.

Vou, portanto, tentar expor-vos o que comprehende e o que é o "justo salario". E, com esta exposição, quero antes vossa comprehensão que mesmo vosso entusiasmo.

O JUSTO SALARIO Vamos, sem atitudes previas, estudar ou, antes, explicar o que nas condições ordinarias, nestas em que vivemos, comprehende e constitue o salario.

O salario é o resultado de um contrato. E num contrato figuram, pelo menos, duas pessoas. No contrato de locação, ha locador e locatario. Nos contratos de trabalho, ha patrão e operario. Nesse terreno, devemos considera-los na realidade da situação actual. Ambos são especuladores: patrão e operario. Não cooperam. Entre patrões e operarios, existe uma luta que não ha força negar. O patrão precisa do trabalho para suas especulações commerciaes ou industriaes. E, assim como ides á taberna comprar o pão de que careceis, eles veem, si precisam, á busca de vossa força para realização de suas especulações. Veem comprar-vos o que podeis vender. Tendes a força muscular, a capacidade de emprega-la, e isto vai ser o objeto de uma transação que na simplicidade com que se realiza e se repete, é, queiramos ou não, uma compra. Comprais pano e fazeis camisas. Dado o dinheiro, tendes o direito de usar a fazenda. E' uma simples permuta. Do pano, uma vez em vossas mãos, podeis fazer camisas ou pregar re-

✓ (*) Conferencia realizada na séde da Confederação dos Operarios Catholicos de Villa Izabel.

mendos, não importa. O pano é vosso. Por nenhuma obrigação posterior ficastes vinculados áquele que vos vendeu a fazenda. assim, tendes sobre o que comprastes, um direito de uso absoluto. E, posteriormente, nenhuma obrigação vos prende ao dono da fazenda, desde que a hajais pago no ato da compra. Sobre o que comprais tendes direitos absolutos. Deveres, tereis si quizerdes. Falando, portanto, sem medo das palavras, podemos dizer que o trabalho, entre nós, é objecto de compra e venda. E' uma mercadoria e, como tal, sofre especulação. Quem pode compra-lo por 1\$000 não o vai comprar por 1\$500! E vice-versa. Podendo ser vendido por mais, não é vendido por menos. Vemos, portanto, que o salario é o "preço" dessa mercadoria que possuis. Sois os proprietarios da força que tendes. E como tais podeis vende-la. O preço ou valor dessa venda é o salario.

* * *

Agora que vimos o que se entende por salario, vamos estudar, um por um, os elementos desse commercio.

O PATRÃO

O patrão, para não complicar as noções, é o homem que tem o dinheiro. E' aquele que dispõe, no campo, da terra e do arado. Na cidade, ele tem a maquina e o capital. E' o "dono". Mas, como é evidente, para pôr em movimento a maquina ou cultivar a terra, é preciso que o homem se curve cavando, revolvendo o solo; é preciso que dirija, assista e movimente a maquina. Eis onde o patrão tem necessidade do trabalho. Ele precisa do oleo, do carvão. Compra-os. Queima-os. E nada mais resta desse carvão e desse oleo. Compra-os, utiliza-os. Assim tambem, ele precisa do trabalho. E nesse dia põe a preço a força do braço humano. Compra-a e utiliza-a. Isso, talvez pareça estranho. E', entretanto, o que se dá todos os dias. Queimado o carvão, venha novo carvão, consumido o operario, pelas canseiras do Trabalho e fraquezas da velhice, venham novos operarios. O commercio, a compra, a venda, um dia menos outro dia mais, é o que vemos. Eis o que faz e o que é o patrão na forma comum.

O OPERARIO

O operario é a creatura que tem, por natureza, uma força fisica propria e necessidades indeclinaveis a satisfazer. Expliquemo-nos. O operario tem o poder ou a força propria de movimentar uma enxada ou dirigir uma maquina. Eis as suas qualidades aproveitaveis: a força como propriedade e capacidade de applica-la. São estas, em geral, os bens do operario. As necessidades são os reclamos do organismo para a nutrição, para o sustento. Quem já não sentiu o que é a fome, a sede? E ha outras necessidades.

São essas, entretanto, as mais gerais e mais imediatas. Quando elas chegam, não ha resistir-lhes. Para satisfazer suas necessidades, o operario tem que procurar alguma cousa. E o unico bem que possui, é a força. Eis, portanto, onde o operario se faz o vendedor de seu prestimo. E ei-lo que vai á procura de um freguez para o unico bem que lhe deixou a natureza: a força.

O TRABALHO

O trabalho é o nome sob o qual o operario vende esse bem. Prestando o trabalho na forma da tarefa, retira-se o operario com o preço do que vendeu: o salario. E com esse preço vai ele procurar o necessario para a satisfação e conservação do organismo. Com o dinheiro recebido, ao fim do mez, da semana, do dia, compra o pão, a roupa e aluga um tecto. Adquire hoje, com o trabalho do dia, o bastante para não morrer hoje e poder voltar amanhã com a força renovada para vende-la e recommençar o commercio que, em começando na infancia, não acaba na velhice e só esbarra no tumulto. Recebido vosso trabalho, utilizado na especulação a que o destinar o comprador, está terminado o negocio. Volta o operario a adquirir nova mercadoria. E cada dia traz, pela manhã, o que foi possível juntar, arranjar, conseguir, á noite, pelo sono, alimentação e repouso. E se vai passando. Um dia, o vendedor nada mais tem a vender. Faliu. Também não tem credores este "comerciante" que vende a ultima mercadoria que é o ultimo trabalho de seu derradeiro dia.

O CAPITAL

O capital é a maquina, a terra, o dinheiro do patrão. Ele os possui e com eles gira e movimenta o commercio do trabalho. O capital precisa de ser movimentado para poder produzir. O tear precisa do tecelão, o arado do camponez. Sem o pedreiro não se constroem as casas. O capital tem, portanto, de entrar em movimento para ser util e multiplicar-se. O operario é a força que o movimenta. E esse multiplicar-se nesses admiraveis milhões que são o orgulho das nações, é o desespero de seus produtores. O capital assim é a humilhação dos miseraveis.

* *

Agora que vimos e expusemos, o mais breve, esse tragico drama, vamos ver suas consequencias, saber-lhes os motivos e aprender, operarios, reivindicar os vossos direitos.

* *

CONSEQUENCIAS

Vistes o que é o operario e o patrão. São os especuladores que fazem o commercio do trabalho e do capital. A força fisica é a mercadoria de que dis-

pondes. Pois bem, vamos agora ver as condições em que se realiza esse comercio de que sois a parte prejudicada.

No comercio, ha concurrencia. Compreendemos. Todos querem vender o mais possivel. Pelo maior preço que possa alcançar. Isto é, quem tem verduras quer vende-las. Procura o maior preço. Por sua parte, quem vai comprar verduras, deseja e procura obte-las pelo menor preço e as melhores. Atentai, portanto, que entre o vendedor e o comprador se estabelece um choque como que inevitavel de interesses: o verdureiro quer vender por maior preço a alface, a couve: o comprador deseja por menos. Si não ha outro verdureiro ele sujeita-se ao preço pedido. Compra a verdura, mas depois dessa reclamação e ante a impossibilidade de encontrar outra mais barata. Aqui o que vemos, nesse caso simplissimo, é que verdureiro e comprador são dois interesses opostos: quando o verdureiro ganha, perde o comprador, e quando o comprador é explorado, lucra fatalmente o vendedor. Eis, então, o que é a "concurrencia" em uma representação limitada e simples: uma competição em que quando um perde, o outro necessariamente ganha.

Essa mesma "concurrencia" se verifica entre operarios e patrões. Ora, mas aqui, a situação é differentissima. Lá era um verdureiro e um freguez e já não havia harmonia. Figurai que houvesse grande numero de verdureiros e uns poucos compradores. Qual seria a situação? Seria a seguinte: os verdureiros procurariam vender e não encontrariam compradores. Os preços baixariam. O comprador imporia. O verdureiro, então, teria dois "concorrentes", o vendedor de verduras e o "comprador". Qual, então, a situação? E' a mais terrivel para os que vendem e a melhor para os que compram. E si aumentarem os verdureiros, dentro em breve, já se não compram verduras por preço nenhum. E' a crise. Isto é, verduras demais.

E' esse o resultado da concurrencia, operarios. Julgo comprehendestes a imagem. Quando sois um e pondes o trabalho de vosso braço ao serviço do patrão, estais na situação do verdureiro unico e de um freguez. Tendes certo valor. Ha certa igualdade de condições. Porque si o patrão impõe com o capital, podeis tambem impor porque outros não vos fazem concurrencia. Não haveria outro para vos substituir. Essa situação é, entretanto, rara. Em geral, sois milhares. E a situação resultante é que procurais vender vossa força trabalho, depreciada aviltada. Sofreis a imposição do sr. do capital. Esse impõe um preço. Milhares querem vender o mesmo "objeto". Os patrões são poucos. E o resultado é o que conheceis: sois os concurrentes uns dos outros. Lutais contra todos. Contra os patrões que compram o trabalho, contra os outros companheiros que tambem desejam e precisam vender. E essa concurrencia deshumana é o primeiro

resultado daquela situação de commercio que vimos se verificar com o trabalho. Mas não fica aqui. Não é apenas outro homem que vos vem fazer concorrência. E' a mulher, são os menores. Em muitas e muitas condições, o trabalho de uma mulher, de um menor substitue o trabalho de um adulto. E assim descem os salarios. O comprador não vai dar 3\$000 pelo que pode adquirir por 1\$000. Os salarios começam, então, a medir-se por este estalão deprimente, mesquinho, fatal, que são as mulheres e os menores. Eis a situação do operario,

Ora, como vimos, na situação simples do verdureiro, quem ganhará aqui? Certamente estais a me dizer: o comprador. E' ele mesmo. A situação favorece-o inteiramente. E esse sr., já armado de capitais, tem por si, a miseria do operario, a fraqueza da mulher e o sacrificio da infancia proletaria.

MOTIVOS

Os motivos dessa situação provem de uma attitude ou modo de comprehender a vida. Mas não entremos, por hora, nesse caminho. Ha 2 seculos que, para a vida do homem, entrou um novo elemento: *a maquina*. E esta "cousa" com que estais tão familiarizados, veio produzir uma completa mudança na vida. Ela foi mais um outro concorrente para vós. Substitue-vos aos milheiros. Foi assim que se creou uma situação nova inedita na historia. Os homens, em vez de preveni-la, exploraram-na. E o resultado é que tudo peorou relativamente aos trabalhadores em geral.

Estudámos a situação. Façamos um juizo sobre ela.

Uns, meus amigos, dizem que a justiça se realisa por esse meio. Que o salario pago pelo preço oferecido, é conforme a justiça. Vêdes, portanto, um caso em que a justiça tem cara de "madrasta". Vamos explicar. Ha homens que creem sermos "simples" animais. Sem outro merito que o de termos um pouco mais de intelligencia que os outros animais. Mas, para esses que assim pensam, tudo o mais é a mesma cousa no homem e no animal. A vaca produz o leite. E' utilizado. O carneiro produz a lã. O cavallo puxa uma carroça. Da mesma maneira, o homem pode movimentar uma maquina. A força gasta por ele é a "mesma", igual á que despendeu o cavalo ao puxar o carro. Ora, já podereis alcançar um pouco os resultados dessa teoria. O trabalho, a força do homem, nessas condições, não tem nenhuma vantagem ou superioridade sobre as demais. Vede, portanto, como já vão um tanto longe as consequencias dessa "igualdade" absoluta entre o homem e o animal. Pois, amigos, para esses que admitem tal teoria, a justiça se está realisando. Na verdade, si o homem nada mais é que um simples animal, si sua vida não tem outra significação, a justiça está realmente se realisando. Porque, recebida essa força, sob a forma de trabalho, e pago o que por ela for pedido, pouco importa a sorte

do vendedor. Si este recebe uma quantia que seja a pedida pelo trabalho, a justiça assim se realiza plenamente quando o homem está reduzido a essa "cousa".

A verdura, como vistes, pode valer muito como pode valer pouco. Si hoje comprais por 1\$000 o que ontem custava 3\$000, não cometeis nenhuma injustiça, desde que pagueis os 1\$000 pedidos. Assim tambem é para o trabalho. Quando, pela mercadoria que ofereceis, os patrões pagam o que pedis, está objetivamente e segundo o carater comercial, realizada a justiça. Ha, portanto, nestas condições, um justo salario que é o preço pedido por vosso trabalho.

* * *

Eis, operarios, como mudam as cousas quando se tem perdido de vista o valor do homem. Não. A justiça não é essa caricatura que se nos apresenta. E isso, porque o homem é alguma coisa mais que um simples animal. Ele tem um destino a realizar. A condição humana pode ser varia. Isso não altera a base comum a todos os homens. Uma desigualdade harmoniosa dentro das desigualdades naturais, pode e deve existir. Vamos ver que mediante esse outro modo de ver as "cousas" o problema se muda e a justiça tem outra significação

Sim, o operario não é um comerciante de sua força. O trabalho não é uma mercadoria, e os que a possuem não são simples exploradores. O operario é uma pessoa humana que tem necessidades naturais a satisfazer e um destino sobrenatural a preencher. Por essas necessidades naturais, ele está obrigado a procurar o necessario para nutrir-se e viver. Deus deixou-lhe as necessidades organicas, mas armou-o, para satisfaze-las, com uma força fisica pessoal. Assim tendes, por natureza, necessidades que devem ser satisfeitas. Dessas necessidades, resulta um direito inalteravel e pessoal. O homem tem direito de procurar sua alimentação, porque a natureza impôs-lhe o dever de alimentar-se. É como esses deveres supõem direitos, ninguem pode licitamente impedir a um homem procurar os meios de subsistencia. Esse direito de ganhar o necessario para a vida é superior e anterior á vontade do homem. Resulta de um dever a que estamos necessariamente obrigados. A ele ninguem se furta impunemente. Quando uma pessoa entender não mais alimentar-se, que acontecerá? Morrerá, precisamente castigada pela transgressão desse dever universal e indeclinavel de alimentar-se. Vêde, portanto, que o trabalho resulta desse dever primordial, comum a todos os homens. Não ha um dever sem que haja um direito correspondente. Tendes o dever imposto pela natureza de alimentar-vos, concomitantemente tendes tambem o direito de buscar o necessario para satisfazer os deveres que tendes para com o proprio organismo. Ninguem pode impe-

dir-vos de exercita-lo. Nem o individuo, nem a sociedade. Ao recebermos as obrigações de satisfazermos as condições básicas da existencia, veio-nos tambem o meio por excelencia para executa-las. A força que temos não é uma cousa "accidental". Não. Tem uma finalidade, que é permitir procurar o sustento para a vida segundo estas necessidades naturais. Vede, portanto, que a natureza ao impor o dever de vida, quando nos sujeitou ás necessidades do organismo, concedeu-nos um meio proprio para buscarmos o que é preciso para viver. Viver é, portanto, um dever; procurar a vida é um direito.

O trabalho já não póde ser considerado uma mercadoria, um objeto de comercio. Não. Ele resulta do emprego da força fisica para satisfação de necessidades a que o homem está necessariamente obrigado. Não é, não pode ser, portanto, uma mercadoria. Não podemos fazer dele um comercio. O trabalho tem uma finalidade. Não é um objeto. O individuo, ao trabalhar, utiliza o meio deixado pela natureza, para cumprimento de um dever que lhe foi imposto, i. é., o de viver. Quem trabalha, então, cumpre as obrigações resultantes do dever de viver que lhe foi imposto. Ora, cumprido um dever de ordem natural, ha necessariamente um direito adquirido que ninguem, nem o individuo, nem a coletividade, poderá usurpar sem que cometa um crime.

Isso desejo fique bem claro e compreendido:

1.º — O homem tem necessidades naturais e uma força fisica propria.

2.º — A natureza impõe o dever de viver e sujeita-nos a necessidades imperiosas.

3.º — Desse dever de vida, resulta um direito á vida, quando empregamos os meios que nos foram concedidos, para "realiza-la".

4.º — Ninguem, nem o individuo, nem a sociedade, pode privar outrem dos direitos á vida quando adquiridos pelo cumprimento das obrigações impostas pelo dever de vida.

5.º — O trabalho não é um "objeto", nem tão pouco uma mercadoria, pois resulta da utilização de um meio natural para a realização de um dever natural.

Assim postas e compreendidas as cousas, podeis ver claramente agora o que é a justiça.

O operario tem deveres essenciais aos quais está necessariamente obrigado. Tem os meios que lhe foram concedidos para a execução desses deveres. E esses meios não podem ser objeto de "comercio". Tem outra significação. Tem uma finalidade que não pode ser contrariada nem pelo operario mesmo, nem por ninguem. E o exercicio do trabalho supõe necessariamente o direito á subsistencia da vida, que por ninguem pode ser violado, nem impunemente usurpado. E' isso o que impõe a justiça segundo a disposição natural das cousas.

O trabalho se exerce em vista de um destino que está acima de todos os interesses puramente industriais ou comerciais. Ele não pode ser incorporado á mercadoria como uma simples cousa, nem ao capital como um valor. Sua finalidade transcende tudo isso.

O operario quando o exerce, cumpre um dever que não pode ser confundido com as batatas do agricultor ou com os pregos do industrial. Ele adquire um direito essencial que se não pode prestar a negocios. O trabalho tem, por isso mesmo, um cunho especial da pessoa humana que só crimosamente pode ser explorada. O salario, portanto, para ser justo, tem indispensavelmente que ser o equivalente á subsistencia do trabalhador.

Quando trabalhais, não é só a força fisica que despendeis, não é só o cansaço que sobreveem. Não. No trabalho gasta-se tambem a existencia, do trabalho vem tambem a velhice. Não é, portanto, o salario apenas, aquilo que ganha o operario quando trabalha de sol a sol. O trabalho, em que se despende a força e consome a vida, deve dar esse direito á subsistencia de hoje e uma garantia á de amanhã, quando o corpo cansado vergar ao peso dos anos e, exausto, exigir repouso ás canseiras da velhice.

(JUSTO SALARIO, então, aquele em que ha justiça, que atende aos direitos inviolaveis do trabalhador no exercicio de deveres imperiosos, — é o que fornece o necessario a uma vida sem privações violentadoras da natureza, que permite ou faculta a garantia irrecusavel aos imprevistos das enfermidades ou dos accidentes, e que assegura o descanso e a paz devida aos que encaneceram pelas fadigas do trabalho.)

Terminemos. Um estado social qualquer, que não permita a realização de direitos tão solenes, que infrinja principios que lhe são anteriores, não póde ser, não é um estado legitimo. Seja qual for seu nome, é um estado claudicante e como tal deve ser reformado.

Operarios, é por desejar que reivindiqueis vossos direitos, que vos falei claro para que os compreendesseis.

Na hora precisa, levantai-vos e, conscientes de vossos direitos, marchai para os novos quadros da reforma social que se impõe e por toda parte já se ensaia.)

UMA OBSERVAÇÃO

(A natureza nunca é violentada impunemente. Ela tem leis dentro das quais é possivel a harmonia. Fóra delas, da transgressão delas, resulta necessariamente a anarquia) O estado que temos, a esta hora, mostra-o claramente.

A sociedade, nas duas camadas extremas de sua estratificação actual, do pauperismo e do capitalismo, deixa ver claro o estado do individuo que violenta e exorbita o plano natural da vida. O pauperismo é o desfalecimento de todas as

energias e o abandono a todas as miserias ante as dificuldades e a impossibilidade de vida. O capitalismo é o extremo oposto. O pauperismo violenta a vida pela penúria, pela restrição; o capitalismo, pelo excesso, pelo exagero.

Ambos trazem todos os flagelos do vicio, desde o desagregamento moral á corrupção física.

Tanto um como outro depauperam. Em organismos depauperados, nada existe de positivo. Nem moral, nem virtude, nem inteligencia, nem força. Um organismo abatido pela fome cai por todas as sargetas. Um organismo devastado pelo excesso é levado por todos os ventos.

As privações levam ao esgotamento. Os exageros trazem o relaxamento. Capitalismo e pauperismo são termos extremos de violentações á natureza, em sentidos opostos, é verdade, mas que teem uma cousa de comum: O VICIO.

E' necessaria a volta ao plano da natureza com um outro sentido de vida: DEUS.

BIBLIOGRAPHIA

A Confissão—CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO—Roma—1932.

Um poema. E com elle o Autor, antecipa a publicação de um novo livro de versos, “Cinco Poemas Cristãos”, que, certamente, não tardará em apparecer. “Confissão” inspira-se ainda na immensa tragedia que a Historia registra sob o nome de Grande Guerra, isto é, a luta dos Imperios centraes com as Potencias Alliadas. Esse motivo parece tão explorado, que não falta quem o supponha já de todo impotente para fecundar a imaginação criadora. O poema do sr. Carlos Magalhães de Azeredo testemunha o contrario. Poucas vezes a poesia tem attingido um tão alto gráo de dominio e de eloquencia como nessas paginas de que nos occupamos. Sem duvida, o episodio tem algo de particular. Trata-se de um jovem educado em lar christão, que a guerra arrebatou aos braços de uma terna mãe e que, na embriaguez da luta, viu seus instinctos animaes supplantarem os sentimentos que a antiga fé lhe inculcara no coração. Certo dia, após uma dessas refregas em que os adversarios no campo da batalha terminam por se medir corpo a corpo, elle, com outros companheiros, viu-se á frente de um grupo de inimigos. O impeto de os exterminar, menos por força do instincto de conservação do que pelo prazer selvagem de matar, fez que a nossa personagem se atirasse a um delles, jovem tambem, com tanta força e pericia, que prompto o dominou e lhe cravou, num golpe certo, a faca no coração.

“Deixei cair o agonisante. E já sem lume na vista, já a tocar da vida o breve termo,
— Mãe! mãe — balbuciou, com o submisso queixume de um pequenino enfermo”.

Esta inesperada invocação representa-lhe, de subito, na imaginação, a effigie de sua propria mãe distante:

...“vi-te, ante as sacras imagens,
a rezar e a chorar de joelhos no ladrilho”.

Elle se figura como si fôra o morto. Vê, não ouve somente, os gritos de angustia e o desespero de sua mãe ao receber a lugubre noticia da sua desgraça. E sente, então que

... “matando aquelle moço ignoto,
matava iniquamente uma pobre velhinha,
alem, num lar remoto!”

Uma dôr lancinante lhe despedaça todas as fibras de su'alma. E lagrimas, copiosas e ardentes como larvas cristalizadas da immensa convulsão do seu mundo interior, lhe caem pelas faces descoloridas pela emoção. E, por fim, movido já pelos sentimentos de amor, que de novo repontam em seu coração, curva-se sobre a victima e tenta “salva-la com fraterno ardor”. Tarde de mais! Elle expirava. Tarde de mais para salvar-lhe a vida, porém, ainda assim, não para que deixasse de perceber que o moribundo lhe agradecia o carinho do seu gesto anquelle derradeiro instante, num sorriso que era um penhor de reconciliação na Vida Eterna.

Segue o poema, que é uma confidencia de um filho á sua mãe, confusa. E ao seu termo caimos na perplexão da pobre velha, que, fatigada de tanta emoção, não sabe mais distinguir entre a realidade e o sonho.

“E queda entre a saudade e a duvida”.

Não podemos estender mais esta noticia que já excede os limites do nosso noticiario bibliographico. Força é, pois, resumir em poucas palavras o que nos resta dizer.

A nosso juizo, o Autor mostra-se neste poema em plena posse do seu talento artistico. Seu estilo conserva todo o vigor, toda a frescura e toda a plasticidade com que primou sempre na interpretação dos sentimentos humanos. Sua imaginação anima os episodios e lhes communica todas as expressões, da vulgaridade á dramaticidade, conforme as circumstancias. Limpidez, graça, penetração, eloquencia, elegancia, equilibrio, sensibilidade, suggestividade, inspiração afeita aos largos vôos, riqueza de colorido, eis as virtudes que revela nestes versos o insigne artista brasileiro.

P. G.

* * *

As columnas do Templo — GUSTAVO BARROSO — Civilização Brasileira, Editora—1933.

Gustavo Barroso, o conhecido homem de letras patricio, membro da Academia Brasileira de Letras e Director do Museu Historico Nacional, acaba de dar á publicidade mais um livro da sua autoria. *As columnas do Templo* é um reposito-

rio de magníficos estudos folklóricos, uma das muitas especialidades desse illustre pesquisador das nossas coisas e da nossa historia. Trabalho que demonstra erudição e apurado estudo, é bem digno do autor de "O Brasil em face do Prata", outro livro de Gustavo Barroso que merecia lido por todos os brasileiros.

Vida de Santa Ignês — HELENA VELASCO — Livraria Catholica — 1933.

A vida de Santa Ignês, que, até agora, ainda não contava entre nós com um livro á altura dos meritos da grande e formosa filha da egreja, acaba de ser narrada em primoroso fasciculo da autoria de Helena Velasco e editado pela Livraria Catholica.

Essa jovem santa, que, com treze annos apenas, é uma das mais enternecedoras figuras do *Flos Sanctorum* e "fez tanto pela Igreja como os patriarchas que envelheceram nas tebhaidas e nos conventos", "bella de face e com a pureza de linhas que só encontramos nas medalhas e nas gravuras antigas, fascinava ainda mais pela irradiação do seu sol interior". Por amor de Christo, Ignês venceu o peccado, e venceu as tentações do mundo, confessando no meio das chammas em que foi atirada pela crueldade humana, toda sua fé nAquelle que venceu a morte, e que tambem, milagrosamente, a fazia triumphar das labaredas que a respeitavam. Mas si o fogo a respeitou os homens perversos queriam a sua morte e ordenaram a sua decapitação. E, ante a admiração de toda a turba, aquella criança de 13 annos, diz ao carrasco que, temeroso, se aproxima: "Anda, fére sem medo, porque a noiva injuriaria ao esposo si o fizesse esperar".

Tendo seu nome inscripto na segunda lista do Canon da Missa, desde o Seculo V, Santa Ignês é exemplo da virgem christã, e sob seu patrocínio encontram-se os milhões de moças que compõem os Exercitos Brancos das Filhas de Maria.

A vida dessa grande santa foi a que escreveu, agora, Helena Velasco, num estylo sobrio, correntio, vibrante e elevado, e que, por isso, mais attrahente e mais agradavel torna a sua leitura.

Acção Catholica — D. SEBASTIÃO LEME, Cardial-Arcebispo do Rio de Janeiro — Livraria Catholica — 1933 — 2.^a Edição.

Devidamente autorizado, o Centro Dom Vital acaba de, por intermedio da Livraria Catholica, de dar á luz a segunda edição do grandioso livro que é "Acção Catholica", do illustre principe da Igreja, Dom Sebastião Leme, Cardial Arcebispo do Rio de Janeiro.

Nesse trabalho, visou S. Em. traçar directrizes para a Confederação Catholica Brasileira. Mas tão profundos são

os ensinamentos que no mesmo consubstanciou, tão actuaes e tão brilhantes são as conclusões a que chega Dom Leme, que o livro deixou de ser um manual para uma classe limitada de leitores, para tornar-se um repositório de ensinamentos admiraveis e um guia dos mais dignos e dos mais seguros para toda a catholicidade brasileira. Ler este livro é apropriar-se da palavra da Igreja no que diz respeito á verdadeira, á unica ACÇÃO CATHOLICA. Por isso não deve haver catholico que não o conheça, que não o medite, que não o propague, e sobretudo que não pratique o que nelle se contém.

Programma de Acção Catholica
P. J. CASTRO NERY—Comp.
Ed. Nacional—São Paulo—1933

Nesta hora de affirmações de toda sorte, em que os máos desejam impôr as suas doutrinas mais absurdas, em que os homens tentam seguir uma directriz qualquer, não podiam e não podem os catholicos permanecer na indiferença que lhes tem caracterizado a existencia nos ultimos quarenta annos de vida publica brasileira. No meio das transformações por que está passando a Patria, cabe aos que teem uma philosophia da vida, aos que sabem possuir a doutrina da Verdade, aos que téem obrigação de lutar pela paz de Christo no reino de Christo, reparar por todos os modos as desordens tão graves que se vão derivando da civilização anti-christã. Dahi a necessidade de uma acção catholica ou acção dos catholicos. E' traçando um programma dessa indispensavel acção, acaba de surgir-nos o padre J. de Castro. Nery, com uma collectanea de escriptos magistralmente traçados. Nelles encontra-se o melhor incitamento para a apostolicidade dos leigos, da qual tanto espera o Brasil nesta epoca de transição, quando o solo é ubetoso para as hervas damninhas.

O Heroe de Molokai — PE.
CONRADO VON KESSEL,
SS. CC.— Trad. ds Pe. Philiberto Braun, SS. CC.—Edição dos Padres dos Sagrados Corações—Niteroi—1933.

O padre Damião é um desses muitos heroes que só o Catholicismo sabe crear. Por amor de Christo, jovem ainda, nem mesmo sacerdote, pois só veio a receber ordens de presbitero já no novo campo que escolhera para entregar-se á seara divina, deixou o padre Damião a sua terra natal, a verde Hollanda, a linda terra dos canaes e das tulipas, onde, segundo Ramalho Ortigão, até os estabulos possuem janellas com cortinas. E entregou-se ao arduo trabalho de colher almas para Deus no Archipelago de Haway. Foi ali, no seu apostolado, que veio a ter conhecimento do estado doloroso em que viviam os leprosos que o governo de Honolulu de-

portava para a ilha de Molokai. Esses pobres leprosos ficavam ali no maior abandono, entregues ao horror da molestia e á barbaria mais tremenda, reduziam-se ao estado de animaes selvagens, e, por isso, a immoralidade, o desregramento, a dissolução reinavam em Molokai. Vendo tantas almas que o ferrete da lepra levava para o caminho da miseria moral e da miseria phisica, cadaveres ambulantes que a devassidão tornava mais horrendos, o padre Damião votou-se, espontaneamente, ao sacrificio de viver para aquella infeliz gente que os homens apenas sabiam expulsar do seu meio como portadoras do mais horroroso mal que a humanidade conhece. E o padre Damião, dentro em pouco, no convivio com aquelles pobres trapos humanos, obteve a graça de transformá-los completamente, modificando-lhes a indole, despertando-lhes sentimentos nobres, chamando-os, emfim, para a vida christã, onde o soffrimento é sublimado e a dor é abençoada. Mas tanta abnegação e tanto amor aos homens resultou em ser tambem o padre Damião attingido pela molestia horrenda. E em 15 de Abril de 1889 morria esse jovem sacerdote, leproso como os leprosos que tanto amava e o cercaram cheios de ternura até o momento extremo. E aquella colonia, que de amaldiçoada e infeliz, passara a gozar da paz de Deus num ambiente de resignação e doçura, acompanhou ao tumulo, chorando, aquelle que tudo fôra na terra para elles. Tão grande foi a repercussão do acto sublime do padre Damião, que todo mundo voltou, então, os olhos para Molokai. Sob a presidencia do então Principe de Gales, mais tarde Eduardo VII, fundou-se o "Instituto Damião", que tem por fim o combate da lepra. Em 1893, essa fundação inaugurou em Molokai, já tornada accessivel a estranhos, pela ordem que os padres catholicos ali implantaram, um monumento ao padre Damião. E' uma grande cruz de granito com a inscripção: "Ninguem tem mais amor do que aquelle que dá a propria vida pelos seus amigos". Em 1894, em Lovaina, erigiu-se uma estatua em bronze ao heroe de Molokai. Os ensinamentos do padre Damião, e o exemplo que deu ao mundo, estão sendo seguidos pelo Instituto Damião, onde se formam os jovens que desejam trabalhar pelas almas na patria ou em terras estranhas.

Do padre Damião já conheciamos a historia escripta por Madame Auguste Craven, traduzida para o portuguez por uma senhora brasileira. Delle tambem se hão occupado autores protestantes. Um destes assim se exprime: "Só o sacerdote catholico penetrou no inferno de leprosos que era Molokai. Elle foi morar no meio desses moribundos, desses desesperançados, afim de trazer-lhes as consolações da Vida Eterna... Viajantes de todas as nações, que passaes em frente ao rochedo de Molokai, saudade o heroe..."

L. S.